

**ACADEMIA DE LETRAS  
DE BIGUAÇU**

**ANTOLOGIA 2018**

**BIGUAÇU DOS  
MEUS SONHOS**



BIGUAÇU  
SANTA CATARINA  
2018



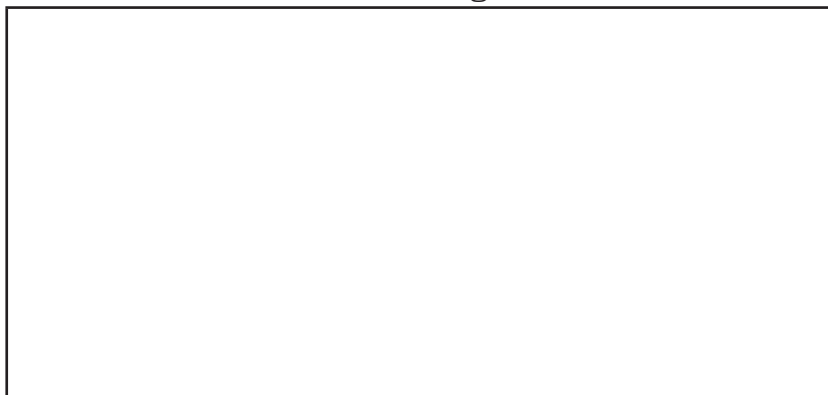
ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU

2018 – ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU

Todos os direitos reservados

Projeto Gráfico e Diagramação:  
Vittorio Bettini / Fernanda Carla Kair

### **Ficha Catalográfica**



BIGUAÇU – SC  
2018

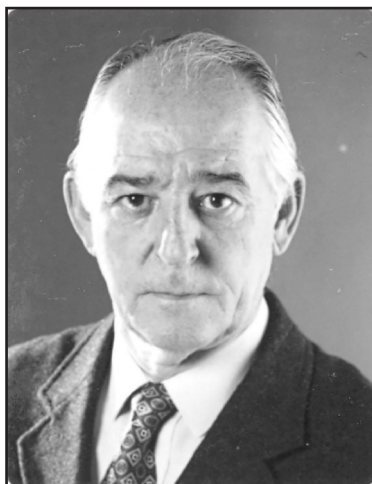


*“Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem o seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente e voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer”.*

*Graciliano Ramos*



## HOMENAGEM A ORIVAL PRAZERES



Lembro-me, como se fosse hoje, do primeiro contato com o meu amigo Orival Prazeres. Ofereci a ele uma carona de Biguaçu para Florianópolis e fomos conversando sobre política. Parecia que a gente já se conhecia há anos.

Estávamos em 1989, época em que Orival retornou a Santa Catarina, depois de um longo exílio voluntário pelo Brasil Central.

Iniciamos juntos, logo a seguir, um projeto político que considero muito proveitoso para a nossa sociedade, pois implantamos um novo estilo de fazer política, um jeito próprio de conduzir e enfrentar as demandas sociais, tanto que experimentamos o doce sabor do reconhecimento de muitos, mas também a incompreensão de alguns. Nossa passagem pela política está registrada em um livro histórico, de autoria de Orival Prazeres.

Mas a nossa convivência não se limitou à militância política. Ultrapassou em muito esses limites. Fomos companheiros do Rotary Clube, trabalho social que também ficará registrado em livro, mais uma grande contribuição literária desse grande homem.

Somam-se a essas grandes contribuições, as lutas que juntos travamos, sejam campanhas sociais, políticas ou culturais, como a “Saga do Casarão Born”, que também virou livro.

Nesta Casa de Letras, pude desfrutar mais uma vez do agradável convívio com Orival Prazeres. Sempre preocupado em produzir e colaborar, Orival Prazeres tem deixado a sua marca também no campo literário.

Tenho na pessoa de Orival Prazeres a proteção de um segundo pai, ou de um irmão mais velho, de quem sempre se espera muito, em quem confiamos plenamente e de quem recebemos as mais importantes lições e bons conselhos.

Perdoem-me os colegas da Academia de letras de Biguaçu por este relato tão pessoal, mas eu precisava deixar escrito estas singelas, mas sinceras palavras ao meu grande amigo Orival Prazeres. Muito obrigado, meu querido.

*José Braz da Silveira*

**ACADEMIA DE LETRAS  
DE BIGUAÇU – ALBIG**

**DIRETORIA E CONSELHO FISCAL –  
GESTÃO 2017/2020**

**DIRETORIA**

Presidente: **José Braz da Silveira**  
Vice-Presidente: **Gabrielle Beckäuser Rodriguez**  
Primeira Secretária: **Angela Regina Heinzen Amin  
Helou**  
Segunda Secretária: **Dalvina de Jesus Siqueira**  
Tesoureiro: **Hélio Cabral Filho**  
Assessor Jurídico: **Carlos Antônio de Souza Caldas**  
Assessora Cultural: **Miguel João Simão**  
Bibliotecária: **Janice Marés Volpato**

**CONSELHO FISCAL**

Orival Prazeres  
Vera Regina da Silva de Barcellos  
Osmarina Maria de Souza  
José Ricardo Petry  
Rogério Kremer

**VOGAIS**

Joaquim Gonçalves dos Santos  
Valéria Maria Kravchychyn  
William Wollinger Brenuvida  
Luciano Peres



## AGRADECIMENTOS



- Antes de tudo quero agradecer a todos os Acadêmicos integrantes da Academia de Letras de Biguaçu.
- Aos sócios da Imobiliária Biguaçu, Carlos Fernandes, Paulo Vitor e Maria Augusta, pela parceria que viabilizou a realização do Concurso Literário “Biguaçu dos meus sonhos”.
- Aos Diretores e Professores dos Estabelecimentos de Ensino que participaram do Concurso Literário.
- Aos alunos que participaram do Concurso Literário, especialmente os escolhidos para integrarem a primeira Academia de Letras Mirim de Biguaçu.
- Ao casal Vittorio Bettini e Fernanda Carla Kair pelo apoio na diagramação deste livro.
- À Acadêmica Janice Marés Volpato pela confecção da Ficha Catalográfica deste livro.
- À empresa Bamba Comunicação pela criação da arte da capa deste livro.
- À empresa Foto Ricardo, na pessoa do Acadêmico José Ricardo Petry, pelas fotografias dos Acadêmicos Mirins.
- À Bianca Marcelino Fraga, Franciny Ellen da Silveira e Dalvina de Jesus Siqueira pelo apoio na digitação, revisão ortográfica e seleção dos textos dos Acadêmicos Mirins.
- A todos que de alguma forma contribuíram para a publicação desta Antologia.





## APRESENTAÇÃO



A presente publicação enceta maravilhosas crônicas escritas pelos integrantes da Academia de Letras de Biguaçu e, ainda, crônicas ou poesias produzidas pelos alunos das escolas do Município, classificados no Concurso Literário “Biguaçu dos meus sonhos”.

Os temas sobre os quais os Acadêmicos escreveram este ano foram: uma viagem inesquecível, um fato que marcou a sua vida ou uma personalidade de destaque. Já os alunos exercitaram a criatividade sob o enfoque: Biguaçu dos meus sonhos.

A inclusão de uma síntese biográfica dos patronos reforça o nosso compromisso de enaltecer sempre a memória de todos aqueles que emprestam seus nomes para cada uma das 40 cadeiras da nossa Academia de Letras. Foram escolhidos como patronos justamente porque deixaram um grande legado que jamais poderá ser esquecido.

Nessas coletâneas que, no âmbito das Academias de Letras, se chamam Antologias, temos constatado o crescente florescer da criatividade humana, seja pela sutileza e brilhantismo dos textos apresentados ou pela generosidade das palavras utilizadas. Não foi por acaso que utilizei o verbo “florescer”. O significado literal da palavra “antologia” é “a parte da botânica que trata das flores” e, no sentido figurado, “coleção de textos de bons autores”. Como se vê, a escrita pode encantar tanto quanto as flores e exalar o mesmo perfume.

Uma Academia de Letras, seja a do Brasil, a dos Estados membros da Federação ou a dos Municípios ou regiões geográficas, não pode prescindir da sua principal

finalidade, qual seja a de incentivar a produção literária e cuidar da Língua Portuguesa, tão mutilada nos últimos tempos com a linguagem muitas vezes distorcidas das redes sociais.

Como se sabe, Academias de Letras não são clubes de amigos ou de aposentados. Também não são entidades filantrópicas ou assistenciais. Nossa missão está bem definida no Estatuto e deve estar presente nas nossas ações.

Quem integra uma Academia de Letras tem muito a contribuir e, portanto, precisa constantemente exercitar a sua motivação para oferecer algo criativo e útil para as novas gerações. Foi por essa razão que decidimos investir na Criação da Academia de Letras Mirim de Biguaçu. Esperamos poder repassar para essas crianças o gosto pela leitura e a escrita e que sejam eles os nossos principais aliados no cumprimento da nossa nobre missão.

Sonhar é preciso, lutar para viabilizar os nossos sonhos passa a ser uma obrigação de cada um dos integrantes da Academia de Letras de Biguaçu. Abaixo as vaidades e interesses pessoais. Renovemos os nossos compromissos com a nossa Academia de Letras, perpetrados na leitura do juramento feito no dia que ingressamos na instituição.

Orgulhe-se do texto que escreveu e autorizou a publicação, mas não esqueça de ler e conhecer o que os demais Acadêmicos escreveram. Leia e valorize também os trabalhos produzidos pelos Acadêmicos Mirins. Depositemos nessas crianças as nossas esperanças, pois o futuro do nosso Brasil estará, em breve, nas mãos delas.

Estou muito feliz em poder contribuir na condição de organizador deste trabalho.

Uma boa leitura a todos.

## SUMÁRIO



HOMENAGEM A ORIVAL PRAZERES . . . . .	7
AGRADECIMENTOS . . . . .	11
APRESENTAÇÃO . . . . .	13
JOSIANE ROSE PETRY VERONESE . . . . .	18
JOAQUIM GONÇALVES DOS SANTOS . . . . .	25
CESAR LUIZ PASOLD . . . . .	31
AFONSO ROCHA . . . . .	40
JOSÉ BRAZ DA SILVEIRA . . . . .	49
JANICE MARÉS VOLPATO . . . . .	54
WILLIAM WOLLINGER BRENUVIDA . . . . .	63
ANGELA REGINA HEIZEN AMIN HELOU . . . . .	75
ALEXANDRE MENDONÇA . . . . .	79
DALVINA DE JESUS SIQUEIRA . . . . .	88
CARLOS ANTÔNIO DE SOUZA CALDAS . . . . .	97
LUIZ LUNARDELLI . . . . .	110
OSMARINA MARIA DE SOUZA . . . . .	118
ORIVAL PRAZERES . . . . .	130
ADRIANA COSTA ALVES . . . . .	147
MIGUEL JOÃO SIMÃO . . . . .	153
ESPERIDIÃO AMIN HELOU FILHO . . . . .	159
ALZIRA MARIA SILVA DOS SANTOS . . . . .	162
HÉLIO CABRAL FILHO . . . . .	166
VERA REGINA DA SILVA DE BARCELLOS . . . . .	172

PEDRO PAULO DOS SANTOS . . . . .	182
NEUSITA LUZ DE AZEVEDO CHURKIN . . .	189
ADAUTO BECKHÄUSER . . . . .	199
DULCINÉIA FRANCISCA BECKHÄUSER . .	214
SAUDAÇÃO AOS ACADÊMICOS MIRINS . . . . .	225
ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL PROFESSOR DONA- TO ALÍPIO DE CAMPOS . . . . .	227
ESCOLA DE ENSINO BÁSICO PROFESSOR JOSÉ BRASILÍCIO . . . . .	232
COLÉGIO SUPER INCENTIVO . . . . .	236
ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL FERNANDO BRUG- GEMANN VIEGAS DE AMORIM . . . . .	240
COLÉGIO EDUCAR . . . . .	244
ESCOLA DE ENSINO BÁSICO PROFESSORA TA- NIA MARA FARIAS E SILVA LOCKS . . . . .	248
ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL PROFESSOR MA- NOEL ROLDÃO DAS NEVES . . . . .	252
ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL TEOFILO TE- ODORO RÉGIS . . . . .	256

**ANTOLOGIA 2018**  
**BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS**

## JOSIANE ROSE PETRY VERONESE

### Cadeira nº 01



### ZILDA ARNS, a catarinense, a brasileira: o papel da mulher no “processo civilizador”<sup>1</sup>

1. A expressão “processo civilizador” é de Nobert Elias, autor do livro “O processo civilizador”, segundo o qual o estudo sociológico das teias de interdependência indica que as coerções ou forças sociais têm origem na própria teia de interdependência formada pelos indivíduos. De acordo com a teoria sociológica, desde o início de suas vidas os homens existem em interdependência; e uma parte da teia de interdependência tem origem nas necessidades biológicas dos seres humanos, que desde os primeiros momentos de suas vidas necessitam dos cuidados e da atenção dos próprios pais. ELIAS, Norbert. O

Quando passamos um olhar sobre a história da humanidade, constatamos que muitos são os registros marcados por guerras, intolerâncias, massacres... a ponto de questionarmos: e a mulher como se situou neste processo? Como sabemos e, infelizmente, fomos caladas, massacradas.

Sobre o dia 8 de março, muitos consideram que esta data tenha sido instituída a partir de um incêndio criminoso, ocorrido em 1911, no dia 25 de março, em uma fábrica têxtil da Triangle Shirtwaist, de Nova York, no qual estima-se que 130 operárias morreram carbonizadas<sup>2</sup>. Não restam dúvidas que tal tragédia marcou as muitas reivindicações que nortearam o século XX, mas o momento no qual tem-se a origem da data é outro, que exatamente sinaliza o grande papel da mulher como construtora de paz. Foi, portanto, em 8 de março de 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, que cerca de 90 mil mulheres operárias na Rússia organizaram um manifesto contra as más condições de trabalho, a fome e

---

processo civilizador. Tradução de Ruy Jungun. Ver. E apresentação de Janine Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. Texto escrito para a seção em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, em 8 de março de 2018, promovida pela Câmara dos Vereadores do município de Biguaçu/SC.

2. Na compreensão de Eva Alterman Blay, muito provavelmente a morte das trabalhadoras da Triangle tenha sido incorporada ao imaginário coletivo, por seu cruel impacto, e em razão disso, acabou sendo, desde a década de 1950, como a origem do Dia Internacional da Mulher. É uma das pioneiras em estudar o direito das mulheres no Brasil, e foi a fundadora do Centro de Estudos de Gênero e dos Direitos da Mulher da Universidade de São Paulo. A senadora Eva Blay, dedicou seus estudos na temática das relações de gênero, violência, identidades étnicas; e imigração judaica. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/blay-eva>. Acesso em 2 de março de 2018.

a participação russa na guerra, em um protesto que ficou conhecido como “Pão e Paz”.<sup>3</sup>

Desde então, a data foi escolhida para lembrar a mobilização para a conquista de direitos da mulher. Somente depois da Segunda Grande Guerra, é que a Organização das Nações Unidas (ONU) assinou o primeiro acordo internacional que buscava princípios de igualdade entre homens e mulheres. Portanto, em 10 de dezembro de 1948 foi adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas, a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Este tratado defende a igualdade e a dignidade das pessoas, refuta toda e qualquer discriminação, opressão, e reconhece que os direitos humanos e as liberdades fundamentais devem ser aplicados a cada cidadão do planeta<sup>4</sup>. Destacamos:

*Artigo 1º*

*Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.*

No início da década de 1960, o movimento feminista ganhou força e, em 1977, a data “8 de março” foi oficialmente reconhecida pela ONU.

Mas não paramos, não desistimos e por que? Porque descobrimos que se nos unirmos teremos uma força maior. Pode até ser possível e, infelizmente, calar a voz

---

3. <https://agencienciaweb.wordpress.com/2013/03/08/por-que-em-8-de-marco-se-comemora-o-dia-internacional-da-mulher/> Acesso em 6 de março de 2018.

4. <http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>. Acesso em 6 de março de 2018.



de uma mulher, que grita o seu lamento, na obscuridade e na invisibilidade da sua dor. (Daí a importância do documentário de Ângela Bastos: dar visibilidade à invisibilidade negatória de direitos)

Mas é impossível calar o coletivo.

E também neste descortinar a história, cada vez mais é necessário avançar, por isso o título desta escrito: Zilda Arns, a catarinense, a brasileira: o papel da mulher no “processo civilizador”, ou seja, o que fizemos, o que estamos e ainda faremos com as nossas histórias, com a história da humanidade.

Primeiro, gostaria de pontuar que entendo que a duras penas devemos ter a compreensão do que o efetivo estar e ser da mulher no mundo é, antes de mais nada, compreender que não devemos repetir os formatos, os moldes masculinos. Precisamos compreender que o efetivo processo de transformação social implica em termos um novo olhar e um novo agir: não precisamos da guerra, nenhuma guerra é santa ou justificável. O papel da mulher no processo civilizador é fazer chegar não somente a outras mulheres, mas a todos, que devemos substituir a arma pela caneta, os tanques e arsenais de guerra pelos livros. Por isso até mesmo a palavra “luta”, “batalha” pelos direitos da mulher devam ser ampliados, ressignificados, com vistas a um grande movimento de reconhecimento – nos reconhecermos enquanto humanidade.

O século XXI deve se situar e propor como um novo período civilizatório, no qual não mais será possível admitirmos guerras, discriminações, violências de toda ordem, que na realidade rompem com um princípio que a todos nos irmana, a fraternidade, explicitado na Declaração Universal de Direitos Humanos.

Uma segunda e breve análise que gostaria de compartilhar acerca deste efetivo processo, é destacar as grandes mulheres: no cenário mundial como uma Madre Tereza de Calcutá, uma Chiara Lubich, mulheres que deram suas vidas pela causa da humanidade, no cenário brasileiro, podemos citar Irmã Dulce, Dandara, Tarsila do Amaral — Pintora e desenhista brasileira, a compositora Chiquinha Gonzaga, autora de mais de duas mil músicas de gêneros diferentes, foi a primeira mulher a reger uma orquestra no Brasil e tantas outras, com destaque Maria da Penha Maia Fernandes é líder de movimentos de defesa dos direitos das mulheres e vítima de violência doméstica — ficou paraplégica ao levar um tiro do marido enquanto dormia. Seu nome virou Lei em 2006, estabelecendo o aumento das punições às agressões contra a mulher e uma série de medidas para proteger a integridade física e psicológica de mulheres vítimas de violência.

De igual modo podemos situar as nossas catarinense. Vejamos a nossa primeira parlamentar: Antonieta de Barros, jornalista, escritora e educadora, destacou-se como a primeira negra brasileira a assumir um mandato popular na Assembleia Legislativa de Santa Catarina, pioneira no combate a discriminação dos negros e das mulheres. Num primeiro momento precisou dos pseudônimo Maria da Ilha, escrevendo o livro “Farrapos de ideias”; foi a partir dessa escrita que compreendeu que deveria enveredar-se pelo caminho da política.

Na literatura grandes são os nomes a começar por Ana Luiza de Azevedo Castro, com o romance “D. Narcissa de Villar” (1859); Júlia da Costa, Edla Van Steen; Eglê Malheiros, ou mesmo em Biguaçu, a Professora Dalvina de Jesus Sirqueira (“Estrela”).

Em tantos outros campos, os mais diversos, tivemos mulheres que marcam com suas vidas a história, como é o caso da nossa brilhante catarinense, Dra. Zilda Arns, nasceu em Forquilha, médica pediatra e sanitária, a qual extrapolou fronteiras com a Pastoral da Criança, sendo mártir em Porto Príncipe, no Haiti. Uma mulher que mudou a história de milhares de crianças, crianças marcadas pela fome e pela desesperança.

Gostaria de concluir esta breve análise com as suas últimas palavras, no discurso que proferiu na Igreja que sobre ela desabou, as quais são de uma ternura única:

Como pássaros, que cuidam de seus filhos ao fazer um ninho nas árvores e nas montanhas, longe de predadores, ameaças e perigos, e mais perto de Deus, deveríamos cuidar de nossos filhos como um bem sagrado, promover o respeito a seus direitos e protegê-los.<sup>5</sup>

## **Síntese Biográfica de Josiane Rose Petry Veronese**

Professora Titular da disciplina Direito da Criança e do Adolescente, da Universidade Federal de Santa Catarina, na graduação e nos Programas de Mestrado e Doutorado em Direito. Doutora em Direito. Pós-doutorado na Faculdade de Serviço Social da PUC/RS. Coor-

---

5. Autor: Lucy Sem Fronteiras - Artigo original do Blog Amor e Paz Sem Fronteiras:

<http://www.amorepazsemfronteiras.com/2010/01/zilda-arns-o-ultimo-discurso-de-uma.html#ixzz58dblw3Vo>. Acesso em 2 de março de 2018.

denadora do NEJUSCA – Núcleo de Estudos Jurídicos e Sociais da Criança e do Adolescente; subcoordenadora do Núcleo de Pesquisa Direito e Fraternidade/CCJ/UFSC. Autora e/ou organizadora de 41 livros, 98 capítulos de livros e 59 artigos completos em periódicos.

<http://lattes.cnpq.br/3761718736777602>.

Email: [jpetryve@uol.com.br](mailto:jpetryve@uol.com.br)

## **Cadeira nº 1 – Patrono Abelardo Sousa**

Professor, pianista, compositor, maestro, jornalista e escritor. Nasceu em Florianópolis, em 18 de fevereiro de 1920, falecendo em 27 de maio de 1986, filho de Álvaro Corcoroca de Sousa (1879-1939), neto de José Brazilício de Sousa (1854-1910). É considerado como um dos mais importantes líderes da cultura catarinense. Publicou suas crônicas, artigos e ensaios, no jornal “O Estado”, além da publicação de diversos livros, entre os quais destacam-se: “O Sábio e o Idioma” (IOES, 2002, 359 p.); “*A Secretaria da Educação de Santa Catarina*” (1975); “O Mestre-Escola Viaja no Tempo” (1978). “O Mestre-Escola Viaja no Tempo” (1978), trata-se de uma coletânea, resultado de artigos escritos para o jornal O Estado, nos anos de 1976 a 1978; “Um líder na rota do cronista” (1986); “Painéis, Contos” (1982).

## JOAQUIM GONÇALVES DOS SANTOS

Cadeira nº 3



Belo título dado para a 15ª ANTOLOGIA da Academia de Letras de Biguaçu em comemoração ao vigésimo segundo aniversário de sua fundação (20 de setembro de 1996 - 20 de setembro de 2018), de autorias do Acadêmico e Presidente Dr. José Braz da Silveira, tendo sido gerado pela atual diretoria da ALBIG.

Lembramos que foi o Acadêmico Senhor José Castelo Deschamps, no exercício do cargo de Prefeito Municipal de Biguaçu, pela primeira vez, (2009-2012), quando sancionou uma Lei determinado que a data de 20 de

setembro de cada ano, seja comemorado como o “DIA DO ESCRITOR BIGUAÇUENSE”, e também o “DIA DA CULTURA DE BIGUAÇU”.

## **Qual o significado da palavra ANTOLOGIA?**

“ANTOLOGIA significa uma coleção de que foi escrito em prosa e/ou em verso. Também é o livro que contém uma seleção de que foi escrito fatos ocorridos com a identificação do autor ou autores”. (Dicionário Aurélio).

Já a Academia de Letras de Biguaçu foi fundada (20-9-1996) por três escritores sonhadores, Dalvina de Jesus Siqueira, Osmarina Maria de Souza, e Vilma Duarte Baystorff, de saudosa memória.

Os anos foram passando e os escritores(as) da comunidade de Biguaçu e municípios vizinhos, sonhadores, foram sendo convidados e ingressaram na Academia para o estabelecimento de nossos sonhos, onde muitos projetos tornaram-se realidades com muitos sacrifícios, e a falta de apoio, não disseminaram os confrades e confreriras.

O lançamento da 15<sup>a</sup> Antologia é uma prova de que o ALBIG está funcionando.

Atualmente, estamos providenciando a instalação e funcionamento da Academia de Letras Mirim de Biguaçu, uma oportunidade para os jovens.

Quanto a ALBIG, nos 22 anos de existência, muito foi produzido, como por exemplo:

Sessões solenes importantíssimos, posses, homenagens, eventos históricos, exposições, lançamentos de livros, feiras de livros, viagem ao Arquipélago dos Açores, Concursos, Feiras Culturais, Recepções, Confraternizações, Entrevistas, Palestras as escolas, Missas Solenes,

Autógrafos, Campanhas diversas, resgates históricos, doações de livros aos estudantes e visitantes, artigos para jornais, Premiações, auxílios diversos, etc.

Para que os nossos sonhos sejam alcançados precisamos da regulamentação do CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA, sendo importantíssimo para o desenvolvimento da cultura biguaçuense.

Queremos que seja inserido no Orçamento Anual do Município de Biguaçu uma dotação orçamentária para pagamentos de despesas para que a ALBIG tenha condições de elaborar projetos e concursos para a criação do HINO OFICIAL DE BIGUAÇU. Patrocinar, em parte, as coberturas de despesas nas edições de livros escritos pelos nossos escritores, sejam Acadêmicos(as) ou não, com temas relacionados ao Município de Biguaçu, no nosso Estado, e também do Brasil.

Que os nossos estudantes recebam apoio para desenvolverem suas potencialidades culturais.

Na Grande Florianópolis encontramos municípios, não desmerecendo Biguaçu, que estão bem adiantados nas questões culturais, como por exemplo o Município de São José que há muitos anos funcionam o CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA DA FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA, onde existe uma casa municipal chamada de CASA DOS CONSELHOS, que atende diversos Conselhos que realizam reuniões mensais previamente agendados. Por que Biguaçu não vai adiante?

Sou cidadão biguaçuense, Embaixador da Cultura, juntamente com a Embaixadora Cultural Dalvina de Jesus Siqueira, ambos desde os primeiros anos do Século XXI.

A historiadora Dalvina é fundadora da Academia de Letras de Biguaçu, tendo publicado dezenas de livros, também é a Presidente de Honra de nossa casa literária.

Biguaçu é um celeiro de grandes talentos em diversas áreas, no entanto, ainda não foram reconhecidos e valorizados.

Fico pensando que alguém está mandando demais na cultura biguaçuense, talvez até mesmo no Jovem Prefeito senhor Ramon Wollinger, pois não responde perguntas de ninguém, inclusive de Vereadores, da Imprensa escrita e da população. Onde estará a liberdade da democracia?

Assim está difícil de entender porque o nosso Brasil caiu no poço da corrupção desenfreada.

Nosso futuro dependerá dos estudos de jovens que desejam uma pátria melhor. Com a Academia de Letras Mirim de Biguaçu, tendo o apoio e inteligências de jovens, dos pais, famílias e professores, forma de Biguaçu uma cidade boa de morar, de paz e de progresso.

Muitos biguaçuenses partiram para a eternidade levando consigo um “BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”, pois muitos lutaram por um futuro melhor para seus filhos e netos, no entanto, não viveram uma longevidade para usufruir dos benefícios conquistados.

Encerramos com apontamentos colhidos de um autor desconhecido sob o título de “Revolução da Alma”: “Ninguém é dono da sua felicidade, por isso não entregue a sua alegria, a sua paz, a sua vida nas mãos de ninguém, absolutamente ninguém. Somos livres, não pertencemos a ninguém e não podemos querer ser donos dos desejos, da vontade ou dos sonhos de quem quer que seja. A razão de ser da sua vida é você mesmo. A sua paz interior deve ser a sua meta de vida, quando sentir um vazio na alma, quando acreditar que ainda falta algo, mesmo tendo tudo, remeta a seu pensamento para os seus desejos mais íntimos e busque a divindade que



existe dentro de si. Para de procurar a sua felicidade cada dia mais longa! Não tenha objetivos longe demais das suas mãos, abrace aquele que estão ao seu alcance hoje. Se está desesperado devido a problemas financeiros, amores ou de relacionamentos familiares, busque no seu interior a resposta para se acalmar, você é reflexo do que pensa diariamente. Agradeça tudo aquilo que está na sua vida, neste momento, incluindo nessa gratidão, ou dor.

A nossa compreensão do universo ainda é muito pequena para julgarmos o que quer que seja na nossa vida.

e-mail: [contato@sacoparalixofeliz.com.br](mailto:contato@sacoparalixofeliz.com.br)

Registramos nossos parabéns para:

*Academia de Letras de Biguaçu.*

*Academia de Letras Mirim de Biguaçu.*

15ª Antologia da ALBIG – 2018.

## **Síntese Biográfica de Joaquim Gonçalves dos Santos**

Joaquim Gonçalves dos Santos, nasceu em 27 de março de 1936, na cidade de Florianópolis – SC.

Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Ingressou no Magistério Público Estadual como Professor de História, cumprindo sua missão de 1968 até 2002.

Ocupante da Cadeira nº 3 da Academia de Letras de Biguaçu, sendo o Presidente no período de 30 de junho de 2007 até 30 de junho de 2010.

Vereador em Biguaçu por duas legislaturas: de 1973 a 1977, e reeleito para 1977 até 1983. Exerceu o mandato até agosto de 1980. Presidente da Câmara de Vereadores nas legislaturas de 1973 e de 1977.

Escreveu diversas obras na área de História.

Cidadão Honorário e Embaixador da Cultura em Biguaçu.

### **Cadeira nº 3 – Adolfo Konder**

Adolfo Konder nasceu em Itajaí – (SC) a 16 de fevereiro de 1884, filho de Marcos Konder (sênior) e de Adelaide Flores Konder. Bacharel em Direito.

Eleito Deputado Federal por Santa Catarina. Foi Governador do Estado no período de 28-9-1930.

Foi senador por Santa Catarina.

Adolfo Konder faleceu no Rio de Janeiro a 24-9-1956, aos 72 anos de idade.

Foi político, orador, escritor, diplomata, deputado, senador, governador e grande personagem da história catarinense, foi sepultado no Cemitério da Irmandade do Senhor dos Passos em Florianópolis.

## CESAR LUIZ PASOLD

Cadeira nº 4



### **Crônica: A Personalidade Extraordinária de Henrique Stodieck**

Tive o privilégio e a honra de conviver com o Professor Henrique Stodieck num momento especialmente forte do ponto de vista histórico e político, em minha vida.

Stodieck foi Diretor da então Faculdade de Direito de Santa Catarina, que funcionou por muitos anos na

Rua Esteves Junior, no Centro da Ilha de Santa Catarina, local em que funciona atualmente a Escola Básica “Henrique Stodieck”, justa homenagem a este Educador, Filósofo, Sociólogo e Jurista excepcional.

Durante a gestão do Professor Stodieck como Diretor da Faculdade, eu fui, em anos muito tensos no Brasil – especialmente os de 1966 e 1967 — um dos representantes Acadêmicos de Direito na Congregação dos Professores e Acadêmicos<sup>6</sup>. Em seguida fui eleito Vice Presidente do Centro Acadêmico XI de Fevereiro-CAXIF, e, com a renúncia do Presidente então eleito, assumi a presidência.

Stodieck se empenhou para que o Ensino Jurídico de elevada qualidade teórica e com desvinculação ideológica e que era ministrado na época na Faculdade de Direito, ficasse isento da interferência do regime civil militar que, a partir de abril de 1964, dominou o Brasil.

Até então nós tínhamos liberdade absoluta (mas responsável) com relação às posições políticas e ideológicas, e a perda desta condição era danosa para a Democracia que se construía no Brasil.

Inconformado com as pressões, insurgiu-se e deu aos alunos a consciência de que havia pressão dos detentores do poder federal no sentido de que a ideologia oficialmente posta pelo movimento civil militar que derrubou o Presidente João Goulart, fosse institucionalmente lecionada na Faculdade.

---

6. Denominação legal do Colegiado que reunia os Professores e a representação estudantil, e que era regimentalmente incumbido de assessorar o Diretor Geral na condução dos assuntos da Faculdade de Direito de Santa Catarina. (Na época ainda não havia sido criada a UFSC).

Esta conduta de defesa da liberdade de pensar, custou-lhe o cargo de Diretor, para cujo exercício ele tinha o apoio legitimamente manifestado pela Congregação dos Professores e Acadêmicos.

Afastado da Direção, permaneceu como Professor na Disciplina Direito do Trabalho, dedicando-se à Advocacia e à leitura e escrita de ensaios sobre temas e autores de Filosofia, de Sociologia e do Direito, por poucos anos, pois em breve tempo adoeceu gravemente. Seu texto sobre “Bergson e a Sociologia” é uma inteligente demonstração de que Henri Bergson é um exemplo excelente de filósofo que teve “grande influência exerceu em todos os setores do conhecimento”. Enfatiza Stodieck: “A sociologia contemporânea, se bem que menos influenciada que a psicologia e as biologia, muito deve ao vitalismo fecundante de Bergson. Em relação à sociedade sustentou sempre que esta representa uma estratificação imposta à espontaneidade da vida.”<sup>7</sup>

No relevante campo do conhecimento humano que é o Direito, Stodieck escreveu lúcidos e propositivos ensaios, principalmente com ênfase no Direito Trabalhista e Processual Trabalhista.

Em 1970 foi convocado por Advogados Catarinenses para candidatar-se a Presidente do Instituto dos Advogados de Santa Catarina-IASC.

Eleito e empossado, dedicou-se, com empenho, ao cumprimento das três principais finalidades do IASC:

1<sup>a</sup> — luta incessante pela efetivação da Justiça e o respeito aos seus Atores;

---

7. Vide STODIECK, Henrique. *Bergson e a Sociologia*. Em : Bergson e outros Temas. Apud PASOLD, Cesar Luiz. *O Pensamento de Henrique Stodieck*. p.305 a 328.

2ª — defesa intransigente da sanidade e plenitude da Democracia;

e,

3ª — empenho permanente em favor da adequada valorização e disseminação da Cultura Jurídica.

Stodieck em seu mandato (interrompido, quase ao final, pela enfermidade seguida do falecimento) manteve a força e energia do IASC, que foi fundado em 1931.

Através de sua primeira Diretoria, o IASC foi o núcleo líder, pensante e criador da Ordem dos Advogados do Brasil em Santa Catarina-OAB/SC — fundada em 1933.

Henrique Stodieck, vênua pela repetição, não conseguiu completar seu mandato que seria de quatro anos porque, infelizmente, faleceu em 28 de agosto de 1973, aos 61 anos e um dia, eis que nascera em 27 de agosto de 1912, na Ilha de Santa Catarina!

Tenho procurado resgatar a sua Memória, Vida e Obra, como o faço, mais uma vez, aqui nesta Crônica.

Dedico-me a este mister porque sou testemunha de sua cultura universal, de sua coerência de vida, de sua fidelidade à sua ideologia social democrata, e, com destaque, pela sua Ética.

Com o apoio da Viúva e dos Filhos e o amparo fundamental da Editora da UNOESC<sup>8</sup>, consegui organizar a

---

8. A Universidade do Oeste de Santa Catarina-UNOESC- com sede em Joaçaba, sob a liderança de seu Reitor Prof. Dr. Aristides Cimdron, sensibilizou-se pelo projeto de resgate de Henrique Stodieck e editou a obra, em questão, e a distribui gratuitamente. Interessados podem solicitar-me pelo email [clp@cesarluizpasold.com.br](mailto:clp@cesarluizpasold.com.br) fornecendo endereço postal que remeterei exemplar pelos Correios.

obra “ O Pensamento de Henrique Stodieck”, lançada em 2016.<sup>9</sup>

Nesta obra procurei demonstrar que, Stodieck, foi, sobretudo um Sábio e principalmente, um Homem na Integralidade e um Pensador além de seu tempo!

E nela procurei comprovar esta dupla condição, ressaltando a sua competência como “analista acurado e pesquisador exemplar” , que se dedicou “ao estudo do pensamento de filósofos e sociólogos de renome, tais como Georges Gurvich (de quem foi aluno em 1953), Bérqson, Bertrand Russel, Perelmann, Nietzsche, Heidegger e Naraghi.”<sup>10</sup>.

E registro, a bem da verdade que, Henrique Stodieck foi “Admirado nacional e internacionalmente pela sua erudição e produção intelectual” no dizer do “Imortal (da Acadêmica Brasileira de Letras) Evaristo de Moraes Filho, como um dos homens mais cultos de seu tempo.”<sup>11</sup>

Muitos de seus ensaios (mas não todos) foram compilados em duas obras, a primeira intitulada “Bergson e outros temas” (1966) e “Convenção Coletiva de Trabalho e outros ensaios”, este publicado postumamente em 1974.

Esclareço que as duas obras tiveram suas edições esgotadas. Ambas estão integral e literalmente resgatadas na obra que organizei em sua justa homenagem.<sup>12</sup>

---

9. Trata-se de PASOLD, Cesar Luiz(org.). *O pensamento de Henrique Stodieck*. Joaçaba: Editora UNOESC, 2016.

10. Em: PASOLD, Cesar Luiz(org.). *O pensamento de Henrique Stodieck*, p.22.

11. Em: PASOLD, Cesar Luiz(org.). *O pensamento de Henrique Stodieck*, p.22.

12. As duas obras estão integral e literalmente resgatadas em: PASOLD, Cesar Luiz (org.). *O pensamento de Henrique Stodieck*, p.39 a 291, e, p.293 a 425.

A personalidade extraordinária de Henrique Stodieck fascinou-me desde que o conheci, dirigindo a Faculdade de Direito, respeitando os Alunos como sujeitos do processo educacional, proferindo aulas e palestras, vivendo coerentemente com a sua ideologia!

Um exemplo constante para mim!!!

É o Patrono da cadeira n.01 da Academia Catarinense de Letras Jurídicas – ACALEJ, que tenho a honra e a responsabilidade de ocupar. E era o Patrono também da Cadeira n. 20 que eu ocupava na extinta (infelizmente) Academia Desterrense de Letras.

Finalmente expresso aqui minha gratidão à Academia de Letras de Biguaçu, na pessoa de seu atual Presidente José Braz da Silveira, pela oportunidade que me concede para - mais uma vez e agora em ambiente de Academia de Letras no qual a sensibilidade se faz muito mais presente- resgatar este extraordinário Filósofo, Sociólogo, Professor, Advogado e depois Magistrado Trabalhista HENRIQUE STODIECK!!!

### **Notícia Histórica Comentada do Patrono da Cadeira n° 04 da Academia de Letras de Biguaçu: Altino Corsino da Silva Flores.<sup>13</sup>**

Altino Flores nasceu no “arraial” das Capoeiras, no Município de São José, em 04 de fevereiro de 1892. Filho de Maria Martinho da Silva Flores e Manoel da Silva Flores. Casado com Zilda Callado e com cinco filhos:

---

13. Síntese Histórica elaborada com base em: JUNKES, Lauro (org.). Altino Flores- Textos Críticos. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 2006 (Coleção ACL.Nº 27).



Marili, Noemi, Percival, Enio e Zita. Sua descendência se completava com dezoito netos e vinte e três bisnetos, números computados quando faleceu em 19 de outubro de 1983, aos 91 anos. Foi um dos fundadores da Academia Catarinense de Letras, a qual frequentou por 63 anos.

Lauro Junkes afirmou que desde “cedo, Altino foi um apaixonado por livros” e se caracterizou em toda a vida como “um homem de observação, de estudo e de leitura durante toda a vida”.<sup>14</sup>

O inesquecível Escritor e Desembargador Norberto Ungaretti resumiu muito bem aquele que denominava como “Mestre Altino Flores”, assim : “Jornalista desde praticamente a adolescência frequentou as páginas de numerosos periódicos aqui editados, sempre naquele estilo inconfundível e brilhante que rivalizava com Barreiros Filho (seu cunhado), Tito Carvalho, Gustav Neves, Othon D’Eça, os Irmãos Callado (também seus cunhados) e tantos outros que ilustravam a imprensa catarinense”.<sup>15</sup>

A extraordinária Escritora e Jornalista Maura de Senna Pereira , que ele tanto estimulou, justificou a admiração dela e de tantos por Altino Flores: “ *Não só pela imensa cultura era ele querido e admirado, mas também como caráter íntegro e pela bondade e gentileza de seu trato*”.<sup>16</sup>

Altino Flores foi “Secretário do Governo” na administração do Governador Jorge Lacerda ( 1958-1958), cujo mandato foi ceifado por acidente aéreo no qual faleceram

---

14. Em: JUNKES, Lauro (org.). Altino Flores — *Textos Críticos*, p.15.

15. Em: O Estado (20/10/1983). Apud JUNKES, Lauro (org.). Altino Flores — *Textos Críticos*, p.17. (itálicos no original).

16. Em : Gazeta de Notícias – Rio de Janeiro 30 de outubro de 1983. Apud JUNKES, Lauro (org.). Altino Flores — *Textos Críticos*, p.21.

também o Senador Nereu Ramos e o Deputado Federal Leoberto Leal. Lacerda quando assumiu manteve Altino que já era Secretário na Administração anterior (no Governo de Irineu Bornhausen) pelas suas qualidades, em especial “intelectual respeitado (um dos fundadores da Academia Catarinense de Letras) e operoso servidor público”, com um reconhecido “espírito de organização” e pelo seu “especial senso de zelo pela coisa pública, o que era um valor especialmente importante para Jorge Lacerda.”<sup>17</sup>

Ressalto, de sua veia literária, o texto denominado “*GOETHE OS ‘NOVOS’ E OS ‘VELHOS’*”, em minha opinião um dos seus mais interessantes (e fundamentalmente mais críticos) ensaios, no qual revela, entre outras qualidades literárias, um conhecimento profundo dos autores clássicos europeus.

Encerro essa apertada Notícia Histórica sobre ALTINO FLORES, com a sua frase inicial do primoroso texto acima referido, assim redigida: “Uma das maiores leviandades da crítica é considerar os grandes homens- gênios- criaturas fenomenais, cujo aparecimento e floração independem de fatores propícios de fatores vários. [...] O próprio Goethe, cujo bicentenário de nascimento há pouco se comemorou, disse numa das suas conversações com Eckermann: ‘Fala-se sempre de originalidade; mas o que quer dizer isso? Logo que nascemos, começa o mundo a atuar sobre nós e assim prossegue até a nossa morte. E, além disso, que poderemos chamar nosso, verdadeiramente, a não ser a energia, a força, o querer?’”<sup>18</sup>

---

17. Em : PASOLD, Cesar Luiz. Jorge Lacerda: *Uma Vida Muito especial*. 2.ed. Florianópolis: OAB/SC Editora, 2004.p.138.

18. Em: FLORES, Altino. *GOETHE. OS “NOVOS” E OS “VELHOS”*. In JUNKES, Lauro (org.). *Altino Flores- Textos Críticos*, p.25.

## **Síntese Biográfica do Acadêmico Cesar Luiz Pasold Cadeira nº 04 — Patrono Altino Flores**

Nasci em 13 de julho de 1945, filho de Erna Pasold e Ralf Pasold. Cheguei com a Família na Ilha de Santa Catarina em 1949, falando apenas alemão. Aprendi a falar e escrever português com manezinhos da Ilha. Cresci aqui e realizei o primário (no Grupo Escolar Lauro Muller), ginásio e científico (no Colégio Catarinense) e ensino superior (na Faculdade de Direito da Rua Esteves Junior), na qual fui Vice Presidente e depois Presidente do Centro Acadêmico XI de Fevereiro. Por 6 anos fui colaborador voluntário e não remunerado do tradicional jornal O ESTADO: nos primeiros dois anos, escrevia a coluna semanal ESTANTE, na qual analisava e recomendava livros. Nos quatro anos seguintes, também semanalmente, manteve a coluna CRÔNICA MODERNA, na qual escrevia sobre os mais variados temas. Fui Professor de Português por 07 anos no Colégio Catarinense (Gramática e depois Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa). Sou acadêmico em 05 Academias de Letras: Academia Catarinense de Letras Jurídicas (da qual sou Presidente); de Letras de Palhoça; de Letras de Biguaçu; de Letras de Imbituba, e Maçônica Catarinense de Letras. Integrei a extinta (infelizmente) Academia Desterrense de Letras. Sou Autor de 11 obras e Coautor de 33 obras. Com muito estudo e esforço, tornei-me Mestre em Instituições Jurídico-Políticas(UFSC), Mestre em Saúde Pública (USP), Doutor em Direito do Estado ( USP) e Pós Doutor em Direito das Relações Sociais (UFPR).Tenho três filhos: Andrea, Cesar Junior e Ralf. Dois netos : Maria Luiza e Arthur.

AFONSO ROCHA

Cadeira n° 6



## Revolução dos Cravos

Por Afonso Rocha

Para esta minha primeira colaboração nas antologias da Academia de Letras de Biguaçu – e em jeito de testemunho pessoal - escolhi um tema que me é muito caro e me dá muito prazer recordar: o privilégio de ter ajudado e participado no movimento que tirou meu país de origem (Portugal) das trevas do subdesenvolvimento, da falta de liberdade e de uma guerra injustificável que durava há mais de treze anos em África, primados essenciais para o desenvolvimento humano, tecnológico e

social da sociedade. Refiro-me concretamente ao movimento militar que ficou conhecido, primeiro como o “movimento dos capitães”, e depois, como a “Revolução dos Cravos” que decorreu em Portugal na noite de 24 para 25 de Abril de 1974, gerando abruptamente a queda do fascismo e da ditadura de Salazar e Caetano, que, há mais de 40 anos, dirigiam os destinos do país com mãos de ferro, apoiados numas forças armadas já caducas, mas fieis ao regime, e numa polícia secreta que assassinava, amordaçava e aprisionava a população, empurrando-a para grandes contingentes clandestinos de emigrantes.

Quando, naquela noite de abril, algumas, poucas, centenas de jovens militares foram chamados para a parada do quartel julgavam que iriam iniciar mais um duro treinamento nas montanhas e nas campinas vizinhas, e nunca de que iriam iniciar uma jornada histórica que derrubaria o regime e construiria um novo amanhecer. Foram-lhes metidas nas mãos espingardas inadaptadas, muitas delas caducas e sem munição. E o jeito e habilidade para as manipular e usar era muito escasso para quem tinha reduzidos dias de treino no quartel. Mas as vontades e a determinação de quem mandava, jovens tenentes e capitães era de tal modo incisivo e entusiasmado, que os jovens mancebos se entusiasmaram com a missão a tal ponto, que a assumiram como se fosse sua.

Desconheciam, até porque a surpresa e o segredo eram a maior arma que possuíam para o sucesso da missão que iniciavam. E assim lá seguiram, em carreira nem sempre ordenada, alguns ainda meio adormecidos, até que chegaram ao centro administrativo do poder na Capital. E este, apanhado de surpresa, retirado das camas às pressas, quase que nem tempo teve para abrir os olhos e construir um sopro mínimo de resistência. Se

não fosse a teimosia de uns poucos acobardados, poderia ter-se feito a revolução sem que um sopro de resistência fosse dado. Mas assim não aconteceu. E os reacionários mais fieis lançaram-se numa aventura arrojada para contrariar o movimento militar, felizmente contida pela população que, de braços abertos, apoiou e aderiu ao movimento dos militares libertadores.

Inicialmente, a população, acabrunhada, temendo o pior, julgava tratar-se de um golpe dos ultra direitistas, de cariz sanguinário e ditatorial que não aceitavam qualquer mudança no regime, mas aos poucos, com os apelos à calma que vinham das rádios e televisões, entretanto na posse dos revoltosos, iam sossegando os ânimos e as consciências. E passadas as primeiras horas de alvoroço, milhares de anônimos enchiam as ruas e as praças, empurrando os reacionários fiéis ao regime a se esconderem cobardemente nos escombros mais abjetos que encontrassem.

O “primeiro”, o mandante da quadrilha fascista, a quem já faltava autoridade e moralidade para chefiar fosse o que fosse, ainda tenta resistir no quartel das forças que lhe manifestavam maior fidelidade, mas os militares revoltosos, escudados e acompanhados por centenas de milhar de pessoas cansadas por tanta humilhação e exploração, incentivam e apoiam. Foi neste enorme magote, simultâneo de festa, de alegria e de luta, que apareceram, por entre a multidão, como que por milagre não se sabe de que santo mestre, os primeiros cravos vermelhos espetados nas baionetas das espingardas revoltadas. Os primeiros tiros visaram a frontaria do quartel e, após algumas tentativas de resistência dos sitiados, os maiorais do regime, agora deposto, se entregam e são recambiados para o exílio.

À hora destes acontecimentos que decorriam em pleno centro da capital, nas cidades do interior, nos campos, nas fábricas, nos quarteis espalhados pelo país milhares de trabalhadores, estudantes, aposentados, população amordaçada pelo tempo, mas agora livre, invadia as ruas e as praças das cidades, vilas, aldeias, gritando bem alto o seu contentamento, enquanto entoava de que “o povo é quem mais ordena” e o “fim da guerra, já!”.

No exterior, em Paris, Luxemburgo, Alemanha, Suécia, Dinamarca, Holanda, Bélgica, Argélia, os milhares de emigrantes – uns de raiz e motivação econômica e outros por motivação política - que tinham sido obrigados a calcorrear os caminhos espinhosos da fronteira, associavam-se aos acontecimentos e preparavam as malas para o regresso ao país. Do mais de milhão de portugueses que viviam em França nos anos setenta, um ano após a revolução, não passavam dos quatrocentos mil.

Muitos estrangeiros, sobretudo jovens, quase que invadiram Portugal, num misto de militância e curiosidade, capitaneados por jovens de esquerda fiéis seguidores de Fidel Castro e de Che Guevara e dos países do Leste Europeu, ou mais concretamente da antiga União Soviética. Traziam a missão voluntariosa de querer “ajudar” na revolução e de dar largas ao aventureirismo que sempre grassa nestas ocasiões em que multidões de cidadãos saltam para as ruas mostrar seu (des)contentamento. Todos achavam e idealizavam que Portugal se transformasse em mais um “laboratório” da luta de classes onde, pela primeira vez, um golpe militar, gerado e chefiado por jovens capitães, se transformaria numa revolução popular em busca dum socialismo minado pelo idealismo e a utopia.

Com a presença de tanta variedade e quantidade de “militantes de opinião” as discussões sobre os rumos

da revolução eram inevitáveis e as opções em cima da mesa iam desde um alinhamento com os países satélites da União Soviética, até aos alinhamentos claros com os Estados Unidos da América. Na sequência do debate, nem sempre público, mas acalorado e feroz, verificaram-se confrontos partidários, ações terroristas, incêndios, greves e ocupações de sedes políticas, propriedades, edifícios públicos, gerando um movimento que ficou conhecido como “verão quente”.

Mas ainda bem que outros ideais pontuaram com lucidez, como aqueles, mais moderados, que defendiam uma política mais conservadora, não alinhada – nem Soviéticos nem Americanos -, onde se incluía o grosso dos militares que idealizaram o movimento que derrubaria a ditadura, largamente amparados por “jovens” políticos de envergadura como Mário Soares e tantos outros anónimos – onde eu próprio me incluía. Esta política de não alinhamento viria a vingar, continuando Portugal fora da órbita e influência das duas grandes potências mundiais (EUA/URSS), emparceirando com os países desenvolvidos – os chamados segundo e terceiro mundo -, mais moderados e não alinhados.

Todos queríamos contribuir para a construção de um novo País aberto ao mundo moderno, progressista, mas independente, uma nova sociedade, sem fascismo, sem repressão nas escolas, nos campos, nas fábricas, nas famílias, sem guerra colonial, sem polícia a controlar as nossas vidas, os nossos pensamentos, os nossos costumes, os nossos credos e filosofias. Todos tínhamos um papel a desempenhar e queríamos assumir esse compromisso para com a história, a democracia e a paz. Criaram-se formas de participação popular na gestão e orientação do país; prepararam-se eleições livres, democráticas e di-



retas; legalizaram-se os partidos políticos, os sindicatos, as associações cívicas, a liberdade religiosa ou profissional; nacionalizaram-se os monopólios, sobretudo a banca financeira, os seguros, as grandes indústrias do cimento; do petróleo, da água, da energia, da exploração agrária, e a terra foi reformada e os monopólios agrários desagregados. Nas escolas o ensino foi democratizado permitindo a sua modernização e aprofundamento. Nos quartéis militares, os velhos do regime foram apeados do comando e novo espírito e relacionamento com a sociedade civil foi conquistado, ficando as forças armadas, não ao serviço de um regime caduco e fascista, mas do próprio povo.

As primeiras eleições ocorridas um ano após o derube do regime reinante por 44 anos, aprovaram uma nova constituição democrática e republicana, com eleições livres, a livre concorrência e coexistência entre indivíduo e sociedade; entre propriedade estatizada, privada e coletivizada, com igualdade de oportunidades para todos e de livre acesso às riquezas naturais.

Claro que nem tudo correu como desejado e muitas propostas e muitos anseios ficaram pelo caminho, com constantes contratempos sociais, culturais e políticos, onde não faltaram tentativas de reverter a situação, com golpes radicais da extrema direita e da extrema esquerda, quer para o lado dos paladinos do antigo regime pró-fascistas, quer para outros de aparência oposta, mas que no fim, não seriam mais progressistas nem nacionalistas que os outros. Mas isso são histórias para serem contadas em outra oportunidade.

O certo é que Portugal, apesar das vicissitudes e contratempos do processo revolucionário, conseguiu se desenvolver, modernizar e ombrear, hoje, com os países mais livres da Europa e do resto do mundo, fazendo parte

do pequeno leque de países mais seguros, democráticos e desenvolvidos do planeta. A crise econômica por que passou recentemente está a ser debelada e já são visíveis os sinais de recuperação, embora ainda muito haja que fazer nesse sentido.

Portugal, apesar do que se disse e da propaganda oficializada, não é o El Dourado dos contos de fadas ou do imaginário quinhentista, nem nunca o será, mas é um país onde dá gosto viver. Tem seus espinhos e suas lacunas, e é bom que disso estejam acautelados todos aqueles que – desgostosos pelo rumo dos brasis atuais - almejam atravessar o Atlântico no sentido contrário dos antigos navegadores lusos.

Graças à determinação e politização do seu povo, que se envolveu nas questões da gestão do país; que prima pela liberdade e pela democracia assente no direito e no dever indispensável do voto consciente, Portugal, como qualquer outro país civilizado, encontrará sempre o melhor caminho para o seu povo soberano.

### **Síntese Biográfica de Afonso Rocha**

Afonso Rocha - Nasceu em 1946, em Cinfães, nas margens do rio Douro, Portugal. Viveu nas cidades do Porto e de Lisboa (Portugal); em Paris (França) e em Maputo (Moçambique). Hoje vive entre Florianópolis/SC (Brasil) e Sintra (Portugal). É especializado em tributação fiscal; ciências contábeis e gestão empresarial pela Faculdade de Ciências Empresariais da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa).

Escritor, jornalista, radialista, editor e amante de fotografia, dirige a revista literária “Corrente d’ Escrita”, participando em diversas coletâneas e antologias em Por-

tugal e no Brasil. Autor de “Olhos d’ Água – Histórias de Um Tempo Sem Tempo” (romance histórico sobre o período da ditadura em Portugal); “Trovas ao Vento” (a poesia numa roda de amigos); “Sangue Lusitano – O sul do Brasil só é brasileiro porque foi português” (romance histórico sobre a chegada dos primeiros dos portugueses ao sul do Brasil em 1516 e a criação dos dois Estados do Sul do Brasil – Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Em preparação: “Antes que seja Tarde – Eu pecador, me confesso”.

É membro: da Associação das Letras/SC; da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências de Cruz Alta/RS; e da Academia de Letras de Biguaçu/SC.

Contacto: darocha.afonso@gmail.com

## **Cadeira nº 06 — Antonieta de Barros**

Antonieta de Barros - Nascida em 11 de julho de 1901, filha de uma lavadeira e órfão de pai, Antonieta de Barros foi a primeira mulher a integrar a Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Educadora, escritora e jornalista atuante, teve que romper muitas barreiras para conquistar espaços que, em seu tempo, eram inusitados para as mulheres – e mais ainda para uma mulher negra.

Deu início às atividades como jornalista na década de 1920, criando e dirigindo em Florianópolis, onde nasceu, o jornal A Semana, mantido até 1927. Na mesma década, dirigiu a revista quinzenal Vida Ilhoa, na mesma cidade. Assinava seus trabalhos com o pseudônimo Maria da Ilha. Em 1937 escreveu o livro Farrapos de Ideias, base de sua atuação política. Como educadora, fundou o Curso Antonieta de Barros, que dirigiu até a sua morte, em 1952, além de ter lecionado em outros três colégios.

Manteve intercâmbio com a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e, na primeira eleição em que as mulheres brasileiras puderam votar e receberem votos, filiou-se ao Partido Liberal Catarinense, que a elegeu deputada estadual. Tornou-se, desse modo, a primeira mulher negra a assumir um mandato popular no Brasil, trabalhando em defesa dos direitos da mulher catarinense. A Assembleia Legislativa de Santa Catarina concede anualmente a Medalha Antonieta de Barros a mulheres que se distingam em relevantes serviços em prol dos direitos das Mulheres. O Município de Florianópolis/SC atribuiu seu nome ao túnel da Via Expressa Sul.

## **JOSÉ BRAZ DA SILVEIRA**

**Cadeira n° 9**



### **NOVEMBRADEIRA: Um fato que marcou a minha vida**

Acordei cedo naquela manhã de 30 de novembro de 1979 e passei a acompanhar o noticiário. O Presidente Figueiredo estaria em Florianópolis naquele dia. Com 20 anos de idade, trabalhava na época, no Salão Tropical, ao lado do café Ponto Chic, esquina das Ruas Trajano e Felipe Schmidt, no Centro da Capital. As rádios anunciavam protestos de estudantes e donas de casa. O clima

estava tenso em Florianópolis, com policiais em todas as esquinas. O exército, as equipes de segurança e o Serviço Nacional de Informações, estavam todos mobilizados. Era visível a tensão e as expectativas na multidão que se aglomerava no entorno da Praça XV de Novembro. Do meu jeito, discreto, mas convicto da necessidade de mudanças no país, resolvi acompanhar o manifesto do início ao fim.

As primeiras informações davam conta de que as donas de casa da região da Costeira do Pirajubaé, no trajeto entre o aeroporto e o centro da Cidade, iriam saudar o Presidente exibindo panelas vazias, protestando contra a carestia e as restrições à liberdade. Esse era, inicialmente, o mais forte manifesto programado contra a presença do último Presidente dos governos militares nas terras catarinenses.

Mas, antes das dez da manhã, horário previsto para a chegada do então Presidente João Batista de Figueiredo à sede do Governo Catarinense, um grupo de estudantes da Universidade Federal começava a se aglomerar em frente à sacada do Palácio Cruz e Souza. Portavam cartazes com frases de efeito, alguns atacando duramente a figura do Presidente. “Abaixo a Ditadura”, “Arroz, Feijão, Saúde e Educação” e outras tantas.

Depois dos cumprimentos protocolares, indignado com a gritaria dos manifestantes, João Figueiredo resolveu se dirigir até a sacada do Palácio Cruz e Souza e com um gesto obsceno desafiou os estudantes. A resposta foi imediata com um sonoro xingamento à senhora sua mãe.

Em seguida, demonstrando incontida indignação, o Presidente desceu as escadas do Palácio e atravessou a rua em direção aos manifestantes ordenando a polícia a agir. Foi um alvoroço danado, mas o grupo se dispersou

para evitar a surra e voltou a se reunir nas proximidades do café Ponto Chic, pois lá o Presidente receberia o Diploma do Senadinho, comenda que se confere aos manezinhos da ilha e aos mais ilustres visitantes.

E, naquele local constatou-se um novo confronto com agressões físicas e morais de parte a parte. O Presidente ofendeu os manifestantes e também foi destrutado por eles. Alguns Ministros, como Cesar Cals, se envolveram diretamente na confusão sendo até agredidos. A polícia usou da força para garantir a ordem, efetuando diversas prisões. Os estudantes presos foram agredidos e, segundo se soube posteriormente, até torturados covardemente. Muitos inclusive ficaram presos por longo tempo.

Foi um protesto político muito sério e de certa forma, até violento, mas a iniciativa proporcionou bons frutos ao país. Depois da novembrada, o próprio Presidente João Batista Figueiredo se convenceu de que o ciclo dos militares deveria ser encerrado. A transição para a democracia foi sendo preparada gradativamente e a população não deu mais tréguas aos Governos Militares.

Depois daquele episódio, a abertura política foi acelerada e a campanha das “diretas já”, movimentou o Brasil inteiro. A partir da Emenda Constitucional Dante de Oliveira, o Brasil vivenciou a maior e mais duradoura campanha cívica de todos os tempos.

Um arremedo de transição ainda assegurou a eleição de um Presidente civil, pela via do Colégio Eleitoral e, finalmente, a partir de 1989, instalou-se a democracia no Brasil com a escolha dos Presidentes pelo voto popular. Apesar dos seus defeitos, a democracia ainda é a mais justa forma de governo.

Depois da novembrada que vivenciei na minha juventude e da campanha das diretas já, da qual participei, já com as minhas filhas ao colo, voltei a sentir uma grande emoção recentemente com as movimentações nacionais pelo fim da corrupção, desta vez tive a alegria de ir às ruas, acompanhado dos meus netos.

Um grande movimento, promovido pelos caminhoneiros este ano, foi o último movimento político de que participei, desta vez apenas na orientação jurídica aos grevistas. Tenho predileção por esse tipo de movimento que tem marcado a minha vida. Acompanho atentamente e com grande esperança o desfecho da operação Lava Jato, que poderá marcar o início de uma nova era. Espera-se que o povo faça a sua parte, pois como disse o Ministro do STF, Doutor Luis Roberto Barroso: “A Lava Jato tem por mérito separar o joio do trigo, mas o povo não poderá escolher o joio”.

Que venham as eleições de 2018 e com o resultado das urnas, um novo Brasil.

## **Síntese Biográfica de José Braz da Silveira**

Advogado, Mestre em Ciências Jurídicas pela UNIVALI e Especialista em Políticas Públicas pela UDESC. Ocupou diversos cargos públicos, inclusive vereador de Biguaçu por quatro legislaturas. Foi professor universitário por um período e auxilia diversas instituições sociais de forma voluntária. Tem 14 livros publicados, sendo 7 em coautoria. Atual Presidente da Academia de Letras de Biguaçu.



## **Cadeira nº 09 – Patrono Elpidio Barbosa**

Advogado e professor, Elpídio Barbosa foi orgulho para o magistério e a advocacia catarinense. Nasceu no dia 02 de setembro de 1909, na cidade de Florianópolis. Iniciou seus estudos no Colégio Coração de Jesus, no ano de 1916. Optou inicialmente pelo ramo do direito, atividade que mais lhe atraía e não seria incompatível com o exercício do magistério, sua grande paixão. Atuou como professor no Colégio Coração de Jesus e na Escola Técnica de Comércio de Santa Catarina. Eleito Deputado Estadual, exerceu o mandato de 1951 a 1955, tendo sido Secretário da Mesa da Assembleia Legislativa. No Governo de Celso Ramos, Elpídio Barbosa foi nomeado Secretário de Estado da Educação e Cultura, o mais alto cargo na área da educação em Santa Catarina. Fundador do Conselho Estadual de Educação Elpídio Barbosa foi escolhido o seu primeiro presidente, liderança que exerceu até a sua morte.

## JANICE MARÉS VOLPATO

### Cadeira nº 10



### Fênix

Dia 17 de julho de 2009, minha Mãe, Marianna Wozowata Marés, nascida em Krasna na Polônia, faleceu. Ficou viúva de meu pai Jayme Marés, em 01 de janeiro de 1981. Era bonita e aparentava ser mais jovem do que na realidade era. Nessa época, meu irmão três anos mais velho que eu, morava com ela. Além dos trabalhos manuais aos quais ela se dedicava, gostava muito de ouvir o canto e ver o encanto dos passarinhos. Parecia sempre se comunicar com eles. Interessante que durante o velório

dela, entrou um passarinho na sala, sobrevoou o caixão e saiu, minutos antes de o sepultamento acontecer. Teria vindo buscá-la? Prestar uma homenagem? Enfim, estive presente nesse momento só dela, sagrado e único.

A partir desse dia, comecei a observar que os passarinhos vinham muito seguidamente no quintal. Eu sentia como se ela estivesse ali, vindo me ver. E o que mais chamou a minha atenção, foi à forma do canto dos Bem-te-vis. E por meio desses cantos passei a perceber as mensagens que expressavam e que até hoje percebo, pois aparecem no 15º andar onde moro atualmente.

Minha Mãe viveu, de certa forma, sempre de bem com a vida. Era bem humorada e até diante das situações de dificuldades costumava dizer: “A gente sempre deve ver o lado bom das coisas”. Em sua sapiência jamais se envolveu em situações que não lhe cabiam opiniões. Deixou muitos exemplos bons a serem aproveitados e seguidos. Eu só tenho a agradecer a boa educação e os ensinamentos recebidos.

Quando ainda morávamos em Mafra, e eu estudava no Colégio São José em Rio Negro – Paraná, onde a divisa dos estados é a ponte sobre o rio negro, lembro que naquela época brincávamos muito. E aprendíamos no colégio, além dos estudos, escrever, ler e declamar poesias, Também a costurar e bordar. É muito bom recordar as boas lembranças da infância, assim como as poesias também. Não sei o nome do autor que escreveu essa poesia que me encantou, e que copiei e escrevi naquela época, em um cartão para minha mãe, para prestar uma homenagem no dia das Mães:

*Eu gosto da letra M  
Por ela sinto paixão  
Com M posso escrever  
Mamãe do meu coração*

E é assim que ela continua viva, eternamente em meu coração. Coração que já sofreu muito e doeu demais sentindo saudades quando ela “mudou a forma de viver”, como Grisa sempre se referia às pessoas que faleciam. A saudade vai sutilmente doendo na alma quando o sentimento que é manifestado é de muita tristeza, a qual vai se tornando cada vez mais intensa. Vai tomando conta de todo o ser, e a vida começa a perder o sentido. E não se tem mais vontade de lutar. Só se sobrevive. Cada dia é um martírio, se torna nublado e sem vida mesmo com sol. E nesse desânimo contínuo inicia a queda, como se fosse escada abaixo, degrau por degrau.

Senti tudo isso e muito mais, sem falar para ninguém, não queria que ninguém sofresse junto. Com essa atitude, percebi o que é ser egoísta, pois ao não querer dividir o sofrimento me apossei dele. A perda era inevitável, como é para todos, mas era minha Mãe, e isso eu não queria vivenciar, queria que ela durasse para sempre. Senti o que é ter inveja, sempre que via uma pessoa com a Mãe idosa, pois eu não tinha mais a minha.

Os pensamentos de alegria não tinham mais forças e os ruins foram se apoderando em consequência dos pensamentos negativos em função de vivenciar tanta tristeza.

Além da saudade, eu não me perdoava por ter saído do quarto no Hospital de Caridade, onde ela estava internada, quando foram tentar reanimá-la. Falaram que era para eu sair do quarto e simplesmente sai como se estivesse hipnotizada. Depois, só me chamaram para dizer que não adiantou e que ela tinha falecido. Quase fui junto. O choque foi paralisante.

Queria ter segurado em sua mão, e isso eu não conseguia me perdoar. E quando a gente não se perdoa a

alma adocece. É o pior sentimento, segundo a Madre Tereza de Calcuta, pois, o não se perdoar e, ou não perdoar as pessoas é veneno para a alma e para o corpo. Perdoar as pessoas eu tenho facilidade. Aprendi com a Metodologia do Sistema Grisa, sobre as atitudes das pessoas, por meio da compreensão, que é um dos métodos para programar e reprogramar a mente. A qual eu deveria ter usado nos momentos de intensa tristeza, já que estava vivenciando tanta dificuldade em me perdoar. Mas, na realidade era a forma que tinha para me punir. E é o que normalmente a pessoa faz, pois aprendemos por meio dos ensinamentos religiosos que culpado merece castigo. Por isso a pessoa se castiga e se destrói em consequência das programações culturais milenares não compreendidas.

A dor vai remoendo, a tristeza doendo no peito e a depressão toma conta. A depressão se manifesta por consequência de uma série de pensamentos negativos do passado, ou apenas um, que seja focalizado, sentido, visualizado o tempo todo e a pessoa se vitimiza.

E eu me sentia a coitadinha porque não tinha mais a minha mãe. Eu tinha pena de mim. E ter pena de alguém é outro veneno para alma. E vai se envenenando mesmo.

A minha mãe fazia tudo o que podia por nós, seus três filhos. E quando meu irmão que morava com ela faleceu, a forma de retribuir, era não deixar que ficasse sozinha, então ela concordou e foi morar comigo e meu marido Pacelli Volpato. A minha mãe, que me enfeitou com seus trabalhos manuais e cuidou de mim e meus dois irmãos com muito amor, andava triste com o falecimento de seu filho mais velho, mas procurava não demonstrar sofrimento. Três meses depois chegaram meus filhos gêmeos. Por serem dois e pequenos, exigiam trabalho cons-

tante. E como uma Fênix ela renasceu para o amor, e por causa das crianças superou a dor com facilidade.

A minha querida mãe que sempre esteve presente em todos os momentos, minha grande amiga, que quando ficou mais idosa, quase se tornou minha filha, só não, porque não era dependente. Não tinha doença degenerativa que afetasse a mente e nem a coordenação motora. Tinha a saúde mais fragilizada devido a problemas cardíacos. Mas, era muito feliz, e a alegria fazia parte dela, e aprendi a ser assim também. Sorrir é um hábito espontâneo e saudável, mas pode vir a ser uma escolha. Meu esposo também é muito alegre e otimista, e os nossos filhos também. Enfim, eu tinha tudo para continuar a viver muito bem e feliz com minha família.

Certo dia, próximo a morte de minha mãe, meu esposo perguntou-me se eu estava preparada se ela viesse a falecer. Achei um absurdo tal pergunta, pois achava que ela tinha muitos anos para viver. Nem sequer respondi. Claro minha defesa era não aceitar que essa situação fosse possível de ocorrer. E como não me preparei, não queria nem pensar sobre isso. No primeiro dia após o enterro, eu me dei conta de que ela não estaria mais em casa. Foi uma queda muito grande, e chorei como nunca. Eu queria poupar a família do meu sofrimento. Então, a dor se apoderou de minha vida. Eu respirava tristeza, eu via a tristeza, eu ouvia a tristeza e sentia que estava me aniquilando e não tinha animo e nem vontade para sair da situação.

Depois de muito tempo nessa situação de sofrimento, uma pessoa muito amiga, chegou perto de mim e falou: “Nossa!!! O que está acontecendo com você? Esta magra abatida, feia.” Até levei um susto da forma como ela se assustou com minha aparência. Magra sempre fui,

é a genética, mas, era diferente mesmo. E comecei à busca para melhorar. Mas, olhava para o passado, e achava que seria impossível voltar a sentir aquela alegria que eu sempre vivenciara. Onde estava à força, o dinamismo, fazer tudo com amor e alegria, como minha mãe falava. Então, eu desanimava novamente.

Entre a vontade e o não querer, entre o eu consigo e o não consigo, a escolha só podia ser minha, ninguém decide nada, só a própria pessoa, se quer fazer, ou não, se quer continuar ou não, e é assim para tudo. E no final do abismo, resolvi me perdoar, me agarrar aos aprendizados, aos conhecimentos e as pessoas que me amavam e as que podiam me ajudar. Lembrei que Grisa falava: “Respire a alegria não a tristeza”.

E com esforço fui subindo lentamente. A parte mais difícil é a tomada de decisão, entre ir adiante ou ficar. Usando as técnicas da metodologia do Sistema Grisa, repetindo pensamentos e palavras positivas e respirando a alegria, mesmo sentindo muita dificuldade, eu persisti. Porque é com persistência que se consegue obter os resultados, realizar os objetivos, por mais difícil que pareça. É criar o hábito do pensamento positivo e criativo.

Os pensamentos direcionados a minha família, que me cerca de alegria e é uma benção em minha vida, e que amo incondicionalmente, me fez perceber que estava agindo totalmente de forma errada comigo mesma. A alegria que sentia antes, e que achava impossível conseguir voltar a ser a pessoa que eu era, mas consegui, e como uma fênix também renasci, e sou uma grande vitoriosa. Pois, assim como todo nascimento o renascer também é uma vitória. É maravilhosa essa sensação de liberdade. Sim, pois a alma doente aprisiona a pessoa. E a força

impulsionada pela alegria de viver, revigora e a energia flui naturalmente.

Voltei aos atendimentos parapsicológicos, e hoje compreendo exatamente o sofrimento que o ser humano chega a sentir, quando vem em busca de ajuda. E sei como ajudar com mais facilidade. Não que o profissional precise sentir na alma, no corpo ou na mente, os sintomas vivenciados pelas pessoas que passam por dificuldades emocionais, desde depressão, síndrome do pânico ou outras situações. Mas, quero esclarecer que foi importante poder comprovar o quanto a pessoa é capaz, e que tudo só depende dela mesma. Tendo Fé, persistência e força de vontade em querer melhorar, se consegue o que se propõe.

E assim, voltei a ter a vida maravilhosa que tinha e muito melhor e mais feliz. Sou muito grata a Deus, a mim, a minha amada família e aos amigos.

## **Síntese Biográfica de Janice Marés Volpato**

Graduada em Biblioteconomia e Pós Graduada com Especialização em “Metodologias do Atendimento da Criança e do Adolescente em Situação de Risco”, pela UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC. É Membro da Academia de Letras de Governador Celso Ramos, da Academia de Letras de Biguaçu, da Associação dos Escritores da Região da Grande Florianópolis e Membro Fundadora da Academia de Letras do Brasil de SC. É Artista plástica, escritora e Parapsicóloga Clínica do Sistema Grisa. Participou da fundação do Instituto de Parapsicologia e Potencial Psíquico – IPAP-PI. Foi Idealizadora, mentora, coordenadora e professora



do Curso de Parapsicologia Sistema Grisa para Crianças e Adolescentes no IPAPPI. E nessa área ministrou Palestras e Cursos em várias escolas e universidades. Escreveu o Artigo Científico em co-autoria com Araci de Fátima Bernardes. “Biblioteca Pública Professora Alice Maria Roque no município de Governador Celso Ramos - Santa Catarina”: Relato de Experiência. In Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, 10(2) 221-229, Associação Catarinense de Bibliotecários. Teve uma coluna no Jornal “Fique Esperto” de São José e também escreveu para o Jornal “A CIDADE” de Governador Celso Ramos - SC. Tem participação em várias Antologias das Academias de Letras de Biguaçu, Gov. Celso Ramos, do Brasil de SC e da Associação dos Escritores da Grande Florianópolis. Como Parapsicóloga Clínica Trabalha no IPE – Instituto Padre Alceoni Berkembrock - SJ. E bibliotecária voluntária, nas bibliotecas das academias de Letras de Biguaçu e de Gov. Celso Ramos.

### **Cadeira nº 10 – Patrona Alaíde Sardá de Amorim**

Nasceu em Biguaçu – SC, dia 14 de março de 1909. Em 1927 formou-se no Curso Normal no Colégio Coração de Jesus e também em Contabilidade. Exerceu o magistério por mais de 30 anos, educando várias gerações. Publicou o livro “Turismo a dois” um relato de viagens pelo Brasil. Edição Particular. Foi Presidente da Associação Catarinense de Professores e Presidente da casa da Amizade, das esposas dos Rotarianos do Estreito - Florianópolis – SC. Foi classificada em 2º lugar no concurso “Saúde de Ouro na Idade de Ouro”, com o soneto

“Envelhecer”. Colaborou na Antologia Vozes Catarinenses. Colaborou na 1ª Antologia Poética da Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses - ACPCC. Colaborou em torno de umas 40 Antologias. Foi Sócia atuante da Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses - ACPCC e Membro da Academia de Letras “São João Evangelista da Barra de Biguaçu”, onde ocupou a cadeira de n.31. No ano de 2013 foi homenageada pelas amigas, Dalvina de Jesus Siqueira (Estrela) e Osmarina Maria de Souza (Luzmarina) com o livro intitulado “Alaíde a Imortal”, do qual tive a honra de participar com elas na organização do mesmo e nas considerações finais, justamente por ela ser minha Patrona na Cadeira de nº 10 da Academia de letras de Biguaçu. As informações sobre Alaíde foram obtidas por meio de colaboração das Fundadoras da Academia: Dalvina de Jesus Siqueira e Osmarina Maria de Souza.

**WILLIAM WOLLINGER BRENUVIDA**

**Cadeira n° 11**



**Ensaio sobre (I)Migração:  
Os Wollinger...**

Imigração é um tema oportuno. Multiplicam-se os pedidos de dupla cidadania, especialmente a europeia, e há certa busca para entender o cenário do passado histórico que nos atravessa. Até aqui somos universais no entendimento de que todo ser humano, há milhares de anos, migra. Desde o berço africano, há mais de um milhão de anos, passando pelo velho mundo europeu e pelo fascinante oriente, para então, nos depararmos com

o chamado (do) Novo Mundo houve a necessidade de se criar formas de compreender o que o outro diz, deixa de dizer, e mesmo dizendo, silencia quando diz.



Der Wollenbereiter. Christoph Weigel, 1698

Nosso alfabeto moderno nos dá pistas para o entendimento do movimento migratório. O alfabeto, aliás, que surge com os povos semitas do deserto arábico e navegadores fenícios permite um encontro de falares antes aprisionados. Os gregos narram de mitos que ainda hoje presentes admitem o entendimento da realidade, em uma escrita circular (não-linear), e os judeus colocam um ponto final em cada linha, em cada frase, definindo o que chamamos de escrita linear moderna. Para os lexicógrafos modernos há pouquíssima variação entre os termos imigrar e migrar, mas é compreensível que o adimplemento da vogal, do i, ao verbo migrar observe que o deslocamento do ar que livremente passa pela boca ou pelo nariz, sem obstrução, dá à vogal um sentido de fonema cuja emissão é própria daquilo que se move. O primeiro termo deriva do latim *immigrare*, e nos diz daquele que vai entrar num país estranho para nele viver. O emigrante. O segundo termo menciona aquele que se deslo-

ca, muda periodicamente, de região ou país para outro, e tem etimologia no latim migrare.

Aprecio mapas. Antes, como um documento histórico. A caligrafia e o estilo da fonte, os desenhos, a orientação das coordenadas geográficas, e a disposição dos polos da Terra. Depois, meu interesse se debruça em algo que me acompanha desde a infância, e que é um dilema presente: as migrações. O poeta polonês-russo Ossip Mandelstam<sup>19</sup>, citado pelo pensador francês François Hartog<sup>20</sup> menciona que Ulisses ou Odisseu ao retornar para Penélope após vinte anos do cerco a Tróia e de errâncias e atribulações no Mar Mediterrâneo estava pleno de espaço e tempo. Quem migra? Por que migra? O que faz um habitante de um lugar comum aos seus costumes deixar tudo e desafiar uma grande viagem? O medo do atravessamento das estepes e rios de planície, das colinas e montanhas se confunde com a travessia do grande e escuro oceano.

O medo vivifica latente em qualquer que ouse se revoltar e pensar por si mesmo, utilizando aqui uma citação do pensador francês Michel Pêcheux, e porque não há dominação sem resistência. Ainda que aquele que migre, que faça um périplo como fez Ulisses, e como fizeram os imigrantes antes da partida da Europa no século XIX, excede em cada imigrante um movimento interno e externo que questiona a dominação de sua época e a plenitude do espaço e do tempo que o acompanha até seu derradeiro momento. O movimento de travessia, o

---

19 Mandelstam nasceu em Varsóvia (atual capital da Polônia, a época pertencia ao império russo) em 1891, falecendo em um Gulag, aos 47 anos de idade, em dezembro de 1938.

20 HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presenteísmo e experiências do tempo*. Autêntica: Belo Horizonte, 2014. p.65

deslocamento permitiu que evoluíssemos não apenas por mera adaptação ao ambiente, sim por uma incrível necessidade e capacidade compreensão do outro. Para não morrer de saudade, o imigrante faz da metáfora seu sentido grego: a transferência. E é na errância, na diferença, no encontro de diferentes mundos, sem fronteiras, que se dá a transmissão, legado e incompletude, que resta no imigrante para transmudar em seus descendentes.

Um sobrenome diz muito sobre nossa história e a respeito daquilo que realizamos porque carregamos a marca dos atos praticados ou não por nossos antepassados. Mas este é um discurso do colonizador no qual eu também estou inserido e é quase impossível de escapar. Em Aristóteles, o uso do predicado de uma proposição revela que o pensamento ocidental é categórico, e que a língua é o reflexo, um espelho, do pensamento. Gosto mais de Pêcheux ao dizer que: “o sistema da língua é, de fato, o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para aquele que dispõe de um conhecimento dado e para aquele que não dispõe desse conhecimento. Entretanto, não se pode concluir, a partir disso, que esses diversos personagens tenham o mesmo discurso: a língua se apresenta, assim, como a base comum de processos discursivos diferenciados, que estão compreendidos nela (...)”.<sup>21</sup> Assim, entendo a Língua Portuguesa, variante do Romanço ou Romance, do latim vulgar transmitido pelos soldados romanos inseridos em Portucale, a *Portugalensi Provinciae* (Província da Galiza e de Portugal): sujeito, verbo e objeto definindo ou orientando o modo como pensamos, agimos, interpretamos e entendemos o espaço e o tempo.

---

21 PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. 2014. p.81.

## (I)migração, cidadania e genealogia

A luta pelo reconhecimento da cidadania europeia, por exemplo, não pode ser entendida como arrogante ou invasiva quando a defesa desse reconhecimento legal passa pela afirmação de que o europeu do passado, ao imigrar para América, salvo raríssimas exceções, era o substituto do braço africano e indígena. Ser imigrante não era bom negócio para quem emigrou no século XIX e início do XX, mas a imigração continua um tema oportuno porquê da mesma forma que um africano ou indiano emigra para Europa ou América, em péssimas condições neste século XXI, o europeu que emigrou séculos antes para a América entendia que o sofrimento da viagem e a permanência apátrida era a esperança de melhores dias aos descendentes.

A situação era muito pior para os descendentes de africanos, miscigenados ou não, e era pior ainda para os povos originários – mesmo entendendo a condição milenar migratória constante antes do “achamento” da América pelos ibéricos<sup>22</sup>.

Diferentemente da América do Norte puritana, aqui as mulheres indígenas serviram de barrigas de aluguel para dar luz aos filhos dos estupros repetidos. Aos nossos mamelucos restou um destino ainda mais cruel, a condenação eterna que um mestiço recebe: não eram indígenas, tampouco portugueses. Serviriam à domesticação forçada sem possibilidades de alforria. O africano, do interior ou da costa, não teve escolha ao emigrar.

O indígena da costa (Tupi) ou do interior (Tapuia) não teve outra escolha senão a inversão completa de sua

---

22 RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. Cia das letras: São Paulo, 2006.

ontologia<sup>23</sup>: permanecer, resistir, sobreviver. Deixar uma cepa de DNA em sobreviventes que mais tarde se miscigenariam; e um vestígio da antiga formação social em tribos sobreviventes no interior do Brasil. Já os açorianos e madeirenses que vieram antes do grande ciclo da imigração dos séculos XIX e XX, viajavam dentro das fronteiras lusitanas perfazendo um fluxo migratório para escapar da fome e miséria.

A contribuição da genealogia genética derrubou a teoria do autoctonismo de Florentino Ameghino, abrindo caminho para se repensar as teorias migratórias em Paul Rivet e em Ales Hrdlicka. Com o avanço das pesquisas e descobertas arqueológicas e o aperfeiçoamento de pesquisas genéticas é possível dizer que o continente americano foi ocupado por grupos humanos que migraram da Ásia e da África por correntes migratórias distintas.

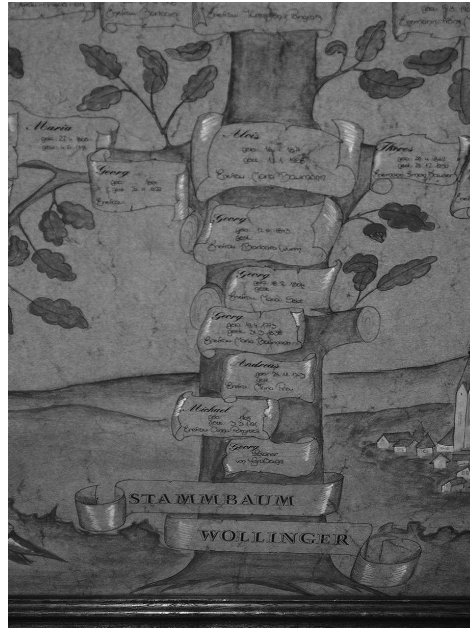
Confluência de povos europeus, ameríndios e da costa norte-africana, da Península Balcânica e para além dos Cárpatos, a ancestralidade semita faz de mim um migrante. Carrego a alegria da (e)terna viagem e da resistência. As pesquisas documentais e de ancestralidade genética mostram que não há raça superior e nenhuma inteligência provida por um gene elevado. Este percurso fascinante mostra descobertas, desdobramentos e aprendizados compartilhados.

---

23 Em um ponto de vista heideggeriano.



## OS WOLLINGER...



Wollinger é uma aliteração que ocorre nos falares do sul da Alemanha e na Áustria para a profissão de Wollschläger (termo do alemão moderno) que corresponde ao profissional encarregado do processo de limpeza e separação dos fios de lã após a tosquia: Der Wollenbereiter, o tecelão. Pesquisas recentes apontam que os Wollinger migraram do Norte europeu ao Sul da Alemanha desde a Idade Média – o que se configura com as pesquisas de genealogia genética.

O continente americano destino de milhares de imigrantes europeus a partir do século XVIII sempre despertou interesse dos povos germânicos, principalmente após a publicação dos escritos do navegador e soldado Hans Staden em 1557. O contingente populacional

entendido por alemão ou germânico se viu dividido entre configurações políticas diversas no século XIX: confederações, ligas, estados meridionais e a unificação em império em 1871. O cenário de instabilidade política e os boatos sobre um mundo de possibilidades nas Américas fez o casal Georg Pongratz Wollinger (Rittsteig, 02.08.1829 – 13.04.1905, Blumenau, S. Catarina) e Anna Kieslinger (Böhmisch Eisenstein, Áustria<sup>24</sup>, 17.01.1835 – 21.06.1878, Canavieiras, Bahia) e os filhos emigrarem em 1872, de Rittsteig, Município de Neukirchen beim Heiligen Blut, distrito de Cham, região administrativa do Alto Palatinado, Estado da Baviera, cruzando a Alemanha por via fluvial até a cidade livre de Hamburgo onde foram contratados pela empresa de emigração Moniz, dos sócios baianos Egaz Moniz Barreto de Aragão e Policarpo Lopes Leão, em Hamburgo, norte da Alemanha. Pretendiam a América do Norte, mas o destino os trouxe ao Nordeste brasileiro em 1873. Emigraram outras famílias alemãs e polonesas: os Bublitz, os Seifert, os Seibt. Também vieram os Schöder, Enke, Babel e os Bork, colocados em quatro colônias no sul da Bahia (Teodoro, Moniz, Carolina e Rio Branco), no atual Município de Canavieiras. O empreendimento não prospera em decorrência de incêndios, conflitos étnicos e religiosos, além do sistema de cobrança aplicado pelos gestores do empreendimento colonial.

Georg e Anna se casaram em 7 de fevereiro de 1869, em Neukirchen, mas a mesma instabilidade política que dividia a Alemanha impediu que o casamento se desse em 1858, quando nasceu o primeiro filho Joseph (22.11.1858 – 25.11.1858). Adicionado a isso havia o fato da família Pongratz não aceitar a união: Ana era filha

---

24 Atual Zelezná Ruda, *República Tcheca*.

de mãe solteira e empregada da fazenda dos Pongratz – os senhores da terra. Desafiando a família, nasceram depois: Heinrich (Henrique) (15.12.1859 – 19.03.1934, Ponte Alta/SC); Georg (Jorge, meu trisavô) (15.04.1863–18.06.1938); Wolfgang (1865 -?); Joseph (José) (03.5.1866 – 30.10.1944, Timbó, S. Catarina); Kleophas (Cleofácio) (03.05.1870 - 08.09.1960).

Na Bahia nasceu e faleceu Alois (Luís) (Canavieiras, Bahia, 1873 – 1877). Com Alois, parte de Anna também se fora. Mãe e filho morreriam de varíola, ela no ano de 1878. Georg decide abandonar a colônia, migrando para Santa Catarina. Os empreendedores cobraram uma dívida saldada com a entrega da casa, plantação, criações e ferramentas. Os Wollinger chegaram a juntar uma pequena fortuna avaliada em 380 mil reais para os valores atuais – uma casa enxaimel, 5 mil pés de cacau, roça de subsistência, e criação de carneiros. O desenvolvimento dos colonos fomentou a cobiça dos empreendedores que almejaram novamente as terras.

Georg Pongratz Wollinger se casou novamente em 1880, em Blumenau/SC, com a viúva de João Lüddien, a senhora Frederica Arnt Lüddien para que esta não perdesse direitos de terra e pudesse criar os filhos. Os filhos de Frederika, Augusto, Henriqueta e Emilia são criados com Joseph e Cleophas. A família passa a viver no interior de Blumenau. Henrique, o filho mais velho migra para Ponte Alta, região de Lages/SC, casando-se com Generosa Prestes de Souza (1862-1947), indígena da nação e etnia Xokleng; e Georg vai se casar, na colônia Aliança, região de Nova Trento e Brusque/SC, com Albina Bayer (1875-1953). Joseph se une a Agnes Penz (? – 1931); e Cleophas a Emilia Lüddien (1870-1941). De Wolfgang, nada se sabe.

## Contribuição dos Wollinger no Brasil

Heinrich e Georg Wollinger, os filhos mais velhos de Georg e Anna, foram carpinteiros e ferreiros, construindo diversos engenhos e máquinas por onde passaram, além de trabalharem na construção civil e de pequenos barcos fluviais. Apertuguesaram os nomes. Henrique foi cartorário e lecionou na região do Planalto Serrano Catarinense. Jorge foi interprete no Vale do Rio Tijucas para imigrantes que chegavam na Colônia Aliança (atual Nova Trento/SC). Jorge montou os teares mecânicos provenientes da Inglaterra, para as tecelagens Renaux e Buettner, em Brusque/SC. A partir de um pequeno cais as margens do Rio Tijucas, Jorge recebia embarcações da empresa Hoepcke de Florianópolis, ajudando comerciantes locais na venda de mercadorias. Sonhos interrompidos com o Estado Novo. Joseph e Cleophas foram agricultores nas atuais Timbó/SC e Ibirama/SC. Joseph lecionou música, sendo maestro da banda Wollinger que tocava músicas tradicionais germânicas. Com numerosas famílias, os descendentes de Georg e Anna se tornaram políticos, comerciantes e agricultores. Serviram ao exército brasileiro, lecionaram e ocuparam cargos de importância no governo catarinense e federal.

A família Wollinger está nos Estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná; em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais; e no Mato Grosso do Sul. A primeira festa dos Wollinger reuniu, em 2005, 510 pessoas, no Município de Biguaçu/SC, onde Ramon Wollinger é prefeito, tendo passado pela câmara municipal e continuando o legado de seu avô, meu bisavô Francisco Wollinger. Atualmente as pesquisas recebem apoio de familiares da Alemanha e da Áustria, onde tive a alegria de visitar em 2015, refazendo uma viagem que iniciada em 1872 completa 146 anos.

## **Síntese Biográfica de William Wollinger Brenuvida**

Jornalista. Mestre em Ciência da Linguagem. Especialista em Direito Processual Penal. Graduado em Comunicação Social – Jornalismo e Bacharel em Direito. Publicou três obras literárias, entre as quais, “7 contos da resistência”. Escreveu diversos trabalhos científicos, contribuindo com jornais regionais. Pesquisador e genealogista com assento no Instituto de Genealogia de Santa Catarina (Ingesc) e na Casa dos Açores de Santa Catarina, participou de antologias de prosa e poesia. Compôs a delegação catarinense na Conferência Nacional da Cultura em Brasília-DF, 2005. *acangatu@gmail.com* – *ganxos.mar@gmail.com*.

### **Cadeira nº 11 – Patrono Juvêncio Araújo Figueiredo**



Poeta, jornalista e promotor público catarinense (Nossa Senhora do Desterro, em 27 de setembro de 1865 – Florianópolis, 6 de abril de 1927). Iniciou a vida profis-

sional como tipógrafo, passando posteriormente a colaborar em vários jornais do país, vivendo alguns anos no Rio de Janeiro. Um dos mais importantes poetas catarinenses do século 19, contemporâneo (e amigo) de Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Santos Lostada e Horácio de Carvalho, grupo de belettristas. Da volumosa obra, se destacam *“Madrigais”* (1888), *“Ascetério”* (1904) e *“Praias de Minha Terra”* (1927), e *“Novenas de maio”*. Fez parte da Academia Catarinense de Letras (cadeira 17). Militante do Partido Liberal Catarinense, foi promotor público, secretário da Municipalidade, em São José, e secretário da Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Médiun e conselheiro, divulgador da Doutrina Espírita e da literatura espírita. Há uma Rua em São Paulo com seu nome, no bairro de Perus, e em Florianópolis, no centro próximo ao Teatro Álvaro de Carvalho.

**ANGELA REGINA HEIZEN AMIN HELOU**

**Cadeira nº 12**



**O que é a vida se não uma grande  
viagem pelo tempo?**

Há quem diga que o tempo não existe, que fomos nós que o inventamos como uma tentativa de controlá-lo com nossos relógios e calendários. Porém, se o tempo não existe, eu existo e, se o tempo não passa, eu passo.

Esse tempo real ou hipotético, me fez estar aqui por quase cem anos - um século - em que tudo mudou - de costumes a revoluções tecnológicas - e no qual o tempo marcou e interferiu no meu olhar dessa viagem pela vida.

Constato logo que o tempo modificou o tamanho das coisas. O pátio do colégio que estudei quando menina tinha um tamanho gigantesco, os corredores eram passarelas e as janelas eram a minha oportunidade de conhecer um mundo novo que se abria para mim. Quando mais tarde, já Professora e Diretora de colégio essas mesmas dimensões já não me impactavam tanto e, meu olhar e minha alma estavam bem mais conectadas com o processo que ocorria ali. Educar e emancipar pessoas para que pudessem ter seus próprios olhares durante a viagem da vida e o passar do tempo.

Outra coisa que o tempo modificou, foi meus sentimentos e emoções. Sou de um tempo em que os sentimentos eram rígidos, cheios de certos e errados, bem mais lineares do que hoje. Tive que me adaptar as novas maneiras de se querer bem e demonstrar emoções. Compreendi que qualquer ato de vida está impregnado de sentimento e, a subjetividade humana nos impede de designar um certo e um errado para o sentir e viver.

Isso me fez ver que a vida é o veículo que a gente tem para viajar no tempo e, é por meio dela que podemos nos conectar com pessoas e situações. Afinal, somos gregários e a sensação de pertencimento a algo nos alimenta e impulsiona a continuar. Muitos perdem a viagem porque não se comprometem com nada e não fazem nada que vale a pena lembrar, mas sei que construí relações que justificam minha existência.

Estamos sempre atrás de alguma coisa que nos evite um fim abrupto e, muitas vezes essa procura nos impede de aproveitar a viagem da vida. Mas meu coração está pleno de experiências, emoções e sentimentos que adquiri durante todo esse tempo. Por isso estou em paz e sei que a grande viagem da vida tem um tempo e tem um fim, mas um lindo fim!



## Síntese Biográfica de Angela Amin

Angela Regina Heinzen Amin Helou nasceu em Indaial em 20.12.1953 . É formada em Matemática e Mestre em Engenharia de Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina .

Começou a vida profissional em 1973 como Secretária da ESAG/UDESC.

Desde 1976 integra os quadros da Companhia de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina – CODESC .

Iniciou suas atividades na pública em 1983 como Presidente da Fundação de Assistência Social do Estado . À época desenvolveu um projeto de assistência às crianças denominado PROCRIANÇA que repercutiu no Estado de Santa Catarina até hoje.

Em, foi candidata à Vereadora em 1988 e obteve a maior votação da história da Câmara de Vereadores de Florianópolis . (7.771 votos)

Em 1990 foi eleita Deputada Federal, a mais votada com 129.011 votos, e nessa oportunidade foi Relatora da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Eleita Prefeita de Florianópolis em 1996 foi reeleita em 2000 no primeiro turno com 57% dos votos válidos.

Nesse período foi considerada a melhor Prefeita das Capitais do Brasil, pelo Instituto Datafolha, por 5 períodos consecutivos .

Desenvolveu uma série de projetos estruturantes para a Cidade de Florianópolis e com eles ganhou prêmios de reconhecimento nacionais e internacionais. Destaca-se o Premio 100 melhores práticas do mundo conferido pela ONU ao Programa Capital Criança , voltado à redução da mortalidade infantil.

Foi eleita Deputada Federal por Santa Catarina em 2006 tendo novamente obtido a maior votação da história de Santa Catarina - 175.087 votos.

Na Câmara Federal foi Vice-Presidente da Comissão de Educação em 2007, Presidente da Comissão de Desenvolvimento Urbano em 2008.

Em 2009 atuou nas Comissões de Desenvolvimento Urbano e de Ciência e Tecnologia onde também atuou em 2010. Também em 2010 foi Coordenadora do Fórum Parlamentar Catarinense na Câmara Federal.

Atualmente Angela Amin cursa Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento na Universidade do Estado de Santa Catarina.

**ALEXANDRE MENDONÇA**

**Cadeira n° 13**



**Uma viagem inesquecível  
O mundo lá fora...**

Já pensou se, durante toda a infância e juventude, nossos professores tivessem nos perguntado em cada início de aula “*o que você tem feito de interessante na sua vida?*” Pense em qual seria sua resposta...

Só fui pensar nisso depois que comecei a fazer um intercâmbio nos Estados Unidos em 2015. Achei que iria apenas aprimorar o inglês, vivendo o dia a dia dos americanos. Mas não imaginei que seria algo tão especial. E, quando eu e meus colegas de classe fomos apresentados à nossa professora, a magia começou a acontecer.

Uma figuraça chamada Jenine, em torno dos 60 anos, cabelos curtos e loiros, alta, de quadril largo e extremamente simpática e engraçada. É aquele tipo de pes-

soa que, só de olhar, dá vontade de rir. Logo depois das apresentações de cada aluno, Jenine fez essa pergunta, no mínimo, intrigante: “*something exciting in your lives?*” Queria saber o que estávamos fazendo de interessante com nosso tempo, longe de casa. E o mais espantoso era que todos tínhamos que pensar para poder responder.

Bom, pra mim, só o fato de estar num intercâmbio nos Estados Unidos era mais do que especial. Mas ela queria saber do dia anterior, se fizemos algo de diferente e excitante... E quando alguém disse “*nothing special*” (nada de especial), e muitos disseram isso, ela levou um susto. Como que um jovem poderia estar em outro país, em outra cultura, e não fazer nada de especial!? E seguiu, perguntando por que não foram à praia, ao shopping, a um parque, conversar com os novos colegas... Aquela pergunta martelava na minha cabeça... Durante a noite, na casa da família onde eu estava hospedado, ficava imaginando qual seria minha aventura... Afinal, precisávamos responder àquela pergunta todos os dias!

Naquela primeira tarde, o coordenador do curso apresentou as principais atrações da região, além dos famosos parques temáticos da Disney e Universal Studios (que eu já estava doido pra ir!). O mais legal é que depois do primeiro dia de aula, estávamos todos juntos; estudantes da França, Bélgica, Alemanha, Itália... até do Iraque. Alguns brasileiros se tornariam grandes amigos também... E começamos a planejar coisas excitantes pra fazer, e pra contar na aula depois...

Montamos uma excursão até os famosos pântanos da Flórida, os chamados *Everglades*. Uma imensa área pantanosa cheia de crocodilos! Eles chegam bem perto dos aerobarcos, embarcações que flutuam sobre as águas, impulsionadas por grandes turbinas suspensas

no ar. Algo muito conveniente, já que a ideia é preservar a natureza e não causar nenhum acidente aos animais. Uma experiência incrível que remonta à época em que não havia absolutamente nenhuma construção no estado da Flórida. E boa parte desses *Everglades* é preservada até hoje. Mal podíamos esperar para contar nossa aventura para Jenine...

E como *Fort Lauderdale* é considerada a Veneza americana, tínhamos que visitar os famosos canais por dentro do *New River*. São acessos como se fossem ruas, só que dentro da água, onde milionários do mundo todo construíram suas mansões para estacionar suas lanchas e iates num píer particular, quase dentro de casa. No centro da cidade, uma grande embarcação com capacidade para mais de cem pessoas faz um trajeto por dentro desses canais até chegar ao porto de *Fort Lauderdale*. Um tripulante foi nos contando um pouco da história da cidade, da formação dos canais e detalhes sobre algumas das mansões mais deslumbrantes daquele lugar. Passamos bem em frente à mansão do ator Al Pacino, com três andares, toda rodeada por imensos coqueiros, avaliada em 10 milhões de dólares. E era uma das mais “modestas”! A mais cara tinha 20 banheiros e custava 50 milhões de dólares.

A cada semana, chegavam alunos novos, que iam se somando aos anteriores. Cada um com sua experiência de vida, seus hábitos... E não tínhamos tempo a perder... O estado da Florida é, sem dúvida, um dos lugares mais divertido nos Estados Unidos. E não estou falando só sobre a *Disney* ou a *Universal Studios*, em Orlando! Existem lugares que você jamais vai conhecer se não estiver vivendo na cidade.

Imagine, então, poder entrar num simulador de avião-caça e fazer manobras radicais como voar de ca-

beça pra baixo?! Ou nadar com simpáticos golfinhos, entender como se formam os tornados e furacões pelos Estados Unidos... Sentir como deve ser a lua de perto... Ou ainda saber como era a Florida anos atrás, antes da criação dessa fabulosa fábrica de sonhos em que se transformou!? O museu da Ciência e Descoberta (*Museum of Discovery and Science*) mostra aquele lado da vida que quase não notamos no dia a dia. Você pode ver como é uma turbina de avião por dentro (uma engenharia extremamente complexa pra nós, leigos!). Pode embarcar num dos vários simuladores e sentir como é pilotar um avião, desde um caça do exército até um gigante da AIRBUS, o A380 (aquele de dois andares com 4 turbinas).

A maioria das atrações desse museu é interativa, tanto para crianças quanto para adultos. Uma delas, bem divertida, mas que mostra a força destruidora da natureza, é um simulador de furacão (*hurricane*). Você aperta um botão, dentro de uma cabine, e sente o vento tropical da Florida. Apertando o segundo botão, você sente uma tormenta, um vento mais forte. E quando aciona o terceiro botão, a gente consegue sentir a violência de um furacão. Ali, sabendo que é apenas uma simulação, é engraçado, porque nem consegue falar direito. Além disso, o vento vem de cima, pra não derrubar você. Mas, depois, a gente fica pensando na devastação que esse fenômeno causa para a população local.

O museu é incrível, do jeito que os americanos gostam, com muita tecnologia. Até os *Everglades* eles recriaram numa espécie de simulador... Você entra num aerobarco, e uma tela grande vai levando os visitantes pra dentro dos pântanos.

Outro dia, nossa amiga Andréia, uma brasileira que estava em *Fort Lauderdale* há uns 6 meses, e que

havia se tornado minha monitora, resolveu reunir várias turmas para uma grande festa na cidade de *Hollywood Beach*, perto de *Miami*. Lá existe um grande *Hard Rock Café*, com várias pistas de dança, de todos os gêneros musicais, cassinos, bares e restaurantes imperdíveis. Passamos a noite toda nos divertindo, dançando mambo, pop, rock, vendo os americanos jogarem *poker*... e voltamos, exaustos, às 6 da manhã.

E além de tudo isso tem as belas praias! *Fort Lauderdale by the Sea* tem um grande trapiche onde algumas pessoas costumam pescar. Para entrar, paga-se 2 dólares. A praia fica no final da *Commercial Boulevard*, uma avenida cheia de restaurantes, cafés, bares, lanchonetes e lojas de souvenirs, de onde é impossível sair sem uma lembrancinha.

Sem contar que, descendo ao sul de *Fort Lauderdale*, você ainda pode conhecer *Miami Beach*. Aliás, a grande avenida *Ocean Drive*, onde ficam os tradicionais hotéis, bares e casas noturnas, começa em *Miami* e vai até *Fort Lauderdale*. Ou seja, opções de diversão não faltam. Até mesmo andando pelas ruas, se olhar com atenção para as árvores, vai ver esquilos se alimentando, subindo pelos galhos... No chão, sempre passa algum lagarto ou calango pelas calçadas, por causa do calor, e também porque estamos num grande pântano...

Já em Orlando, a magia fica por conta do atendimento incomparável de quem trabalha na Disney. Achei incrível o jeito como uma atendente embrulhou o livro que comprei sobre a vida de Walt Disney. Foi numa loja da chamada *Main Street*, a rua principal que liga a entrada do parque ao famoso Castelo da Cinderela. Naquele ambiente cheio de lustres enormes, carpetes luxuosos e toda a magia dos brinquedos *Disney*, comprei um livro

em que *Walt Disney* aparece desenhando o *Mickey*, e vários outros personagens estão olhando para o seu criador. Uma imagem que, pra mim, resume o conceito de imaginação. Quando levei ao caixa pra pagar, a atendente, muito simpática e bem vestida, como se fosse uma princesa dos contos de fada, tomou o livro da minha mão como quem segura um importante troféu de cristal. Enquanto me perguntava sobre como foi meu dia no *Magic Kingdom*, pegou um papel de seda com cuidado, colocou sobre o balcão, e pôs o livro delicadamente no centro do papel. Certamente não era o primeiro embrulho do dia, e no relógio marcava mais de oito horas da noite... No mínimo, ela havia começado a trabalhar no meio da tarde e ficaria até a hora de fechar o parque, à meia noite. E a loja continuava cheia de gente... Mas aquele embrulho parecia ser o primeiro... Algo tão mágico como qualquer outra criação de Walt Disney, sem exagero. Depois de encapar o livro com o papel de seda, ela pegou outro papel, mais resistente, e fez o mesmo ritual, sorrindo e conversando comigo sobre o mundo mágico, enquanto eu a observava, absolutamente encantado. Depois, ainda pegou uma sacola com a estampa dos castelos da Disney, e colocou o livro com todo o cuidado dentro dela. E ainda foi no final do balcão, pegou outro plástico, agora transparente, mas com o nome Disney, e pôs o livro dentro, dizendo que era para proteger da chuva fina que caía lá fora. Conteí cada detalhe dessa história na sala de aula no dia seguinte.

Mas chega uma hora que a gente se cansa de tanta viagem, tantos passeios, e quer apenas descansar e não fazer absolutamente nada.

Certo dia, depois da aula, resolvi ir apenas num shopping próximo da casa onde eu morava pra comprar



algumas lembrancinhas e dar uma olhada em algumas lojas com calma. Depois de ir ao banheiro, percebi que havia uma senhora, cabelos grisalhos, aparentando uns 60 anos, parada no meio do corredor. Passei por ela e, muito simpática, desejou-me boa tarde. Olhei pra senhora e retribuí, mas pude ver que ela estava chorando, e parei pra saber o que havia acontecido. Aos prantos, ela me contou que, naquela manhã, o marido dela havia tido um ataque cardíaco, e morreu. Estava arrasada...

Contou-me que só tinha ele como companhia. Perguntei sobre algum parente próximo, e ela disse que a mãe dela morava em Miami, e que não tinha condições de viajar até lá. Então, como ela não parava de chorar e parecia, de fato, muito abatida, meu instinto decidiu abraçá-la. E como foi bom aquele abraço... Apertado, sincero... Quando nos afastamos, ainda ficamos de mãos dadas, enquanto ela tentava me descrever o que estava sentindo. A única coisa que pude fazer por ela foi dizer que, mais cedo ou mais tarde, tudo ia ficar bem, e que ela deveria fazer uma oração, pedindo que o marido estivesse em boas mãos, e que ela tivesse conforto pra seguir em frente. Naquela hora, ela me olhou com ternura e me deu mais um forte abraço.

E agradeceu... por tê-la ouvido com sinceridade e carinho.

Fui embora com o coração apertado, mas, ao mesmo tempo, com alegria, por ter participado da vida de alguém que, provavelmente, nunca mais veria de novo. Um encontro interessante e improvável. E eu nem precisei ir longe... Bastou sair de casa.

Ao deixar o shopping, fiquei ansioso pra contar essa história pra minha professora. Não era uma aventura excitante, mas, sem dúvida, algo muito especial.

## Síntese Biográfica de Alexandre Mendonça

Jornalista, apresentador e repórter de TV, formado pela Universidade Federal de Santa Catarina, atua há 20 anos no jornalismo. Começou na RBS TV em Florianópolis como repórter, foi diretor de externas dos programas de Silvio Santos no SBT, em São Paulo, e hoje apresenta um telejornal diário na Record News SC, chamado Jornal do Continente, e um programa de expedições por Santa Catarina chamado Caminhos da Natureza.

Também atuou como coordenador da equipe de Linguagem e Apresentação do projeto Sistema Brasileiro de TV Digital do Governo Federal, contribuindo para as pesquisas que ajudaram a definir o padrão de TV Digital adotado pelo país. Como consequência desse trabalho, foi consultor do programa das Nações Unidas para desenvolvimento de aplicativos interativos para populações de baixa renda das cidades satélites de Brasília.

Também atua como consultor de empresas, treinando e desenvolvendo profissionais para apresentações em diversas plataformas de mídia.

### Cadeira nº 13 – Fritz Müller

Um homem que lutou pela natureza. **Johann Friedrich Theodor Müller**, nasceu em Erfurt, Alemanha, em 31 de março de 1822, e morreu em Blumenau, em 21 de maio de 1897. Naturalista, botânico e professor de matemática e ciências naturais, foi pioneiro no apoio à teoria da evolução apresentada por Charles Darwin. Foi reconhecido mundialmente pela publicação “*Für Darwin*” (Para Darwin - ano 1864), cinco anos após Darwin

publicar “A origem das espécies”, com argumentos que corroboraram a teoria evolucionista através de um estudo empírico sobre crustáceos na Ilha de Santa Catarina. Foi o primeiro cientista a apresentar modelos matemáticos para elucidar a seleção natural e fornecer provas contundentes da mesma. Foi chamado por Darwin de “o príncipe dos observadores”, sendo citado mais de dezesseis vezes nas edições posteriores do “origin”. Darwin enviou aproximadamente trinta e nove cartas a Fritz Müller. Fritz Müller, possivelmente, trinta e quatro. Fritz Müller publicou na Europa mais de duzentos e quarenta e oito artigos científicos, levando a flora e a fauna catarienses ao conhecimento dos europeus.

O Museu de Ecologia Fritz Müller, em Blumenau, foi inaugurado em 1936, onde era sua casa, para contar a história do naturalista. O local conta com diversas pesquisas, objetos pessoais, animais taxidermizados, insetários, fósseis e ossos de espécies em extinção e é aberto à comunidade geral.

## DALVINA DE JESUS SIQUEIRA

### Cadeira nº 14



### **Personalidade de Biguaçu Sr. Francisco Jaschke. Conhecido como “Chico da Luz”**

Era o dia 27 de fevereiro do Ano de 1931, quando a senhor a Hilda Luíza Jaschke casada com o Sr. Francisco José Jaschke, moradores da cidade de Rio Bonito, Joinville, Estado de Santa Catarina, preparou-se para entrar em trabalho de parto. Era o quarto filho do casal. No decorrer dos trabalhos, nasceu um menino que colocaram o nome de Francisco. Mais tarde o casal mudou-se para Joinville onde criou todos os filhos.

Francisco era o quarto filho de dona Hilda, e foi o último dos filhos do casal, que com certeza o embrulhou e tratou de amamentá-lo como havia feito com os outros três filhos. Naquela

época Joinville já se sobressaía das outras cidades do Estado de Santa Catarina, haja vista ser uma cidade povoada por descendentes de alemães, uma cidade próspera, que crescia e se desenvolvia, onde existiam muitas Fábricas que abriam vagas de serviço para muita gente.

O casal Jaschke passou a chamar Francisco de Bub que quer dizer o filho mais novo. Seu pai faleceu com 37 anos picado por uma cobra, enquanto ele tinha apenas 9 anos.

Francisco, segundo dados começou a trabalhar com 12 anos, pois naquela época, era comum crianças trabalharem para ajudar seus pais.

As 18 anos, veio para Florianópolis para servir o exército no Estreito, onde se tornou muito amigo do Sr. Emidio Viríssimo que residia em Biguaçu. Nestas vindas para Biguaçu, encontrou num baile uma moça da sociedade Biguaçuense, chamada Irene Borba, que o ensinou a dançar e daí começou um namoro que deu em casamento.

Francisco no dia 06 de maio de 1951, foi admitido pelo Serviço de Luz e Força, que fazia parte da Secretaria da Agricultura e com o decreto 470 de 18 de janeiro de 1955, passou a constituir a Empresa de Luz e Força “ELFA” DE FLORIANÓPOLIS.

Francisco acompanhou assinando o termo de opção, em 31 de maio de 1956, onde foi admitido como Montador Eletricista e teve como local de trabalho, a rede de Biguaçu, onde passou a ser o encarregado pela manutenção.

Francisco também acompanhou a encampação da ELFA pela CELESC e continuou na liderança dos trabalhos na região de Biguaçu, Antônio Carlos e São Miguel.

Foi promovido muitas vezes pelo belo trabalho exercido na empresa e recebeu o Título de Encarregado da Manutenção de Biguaçu J-7. Nos 35 anos de serviço, sofreu apenas um acidente, sempre foi um exemplo sobre cuidados com a eletricidade. O acidente que sofreu, foi pelo fato de haver encostado o braço numa

linha energizada, sofrendo uma descarga e queda ao chão, onde pelo motivo ficou hospitalizado do dia 13 de fevereiro ao dia 23 de março, retornando logo aos serviços a qual estava acostumado na comunidade de Biguaçu.

Os serviços que executava para atender a população era variado, desde serviços de emergência como também os serviços rotativos, como leitura de consumo e ligação, instalação de medidores, colocação de externas e ligação e desligação de consumidores.

Além dos serviços que ele executava com a colaboração de (três) auxiliares, um auxiliar de escritório, um montador e um leiturista, todos dentro daquele pensamento de que o importante é servir bem. A própria Empresa fica surpresa com as manifestações de satisfação com que o consumidor Biguaçuense recebeu e apoiou o nome de Francisco Jaschke, como operário Padrão da CELESC.

Assim como a CELESC sentiu-se orgulhosa pela manifestação do povo de Biguaçu para dar o Título de Operário Padrão, imagine o sentimento de satisfação do povo de Biguaçu. Foi uma honra.

Pela função exercida na Empresa como responsável pela manutenção do sistema de energia elétrica e pela sua personalidade marcante, Francisco teve grande círculo de amizade, que ele conquistou por sua colaboração em seu tempo de serviço.

Quando Sr. Francisco chegou a Biguaçu, tornou-se conhecido por muita gente e passando a frequentar a sociedade Biguaçuense, como já foi citado acima. Francisco encontrou a mulher dos seus sonhos, a moça bonita de cabelos ruivos e ondulados que era destaque na sociedade, ensinando-o a dançar, tornaram-se namorados, casando-se algum tempo depois.

Irene Borba, conhecida como Lena, precisou transferir o seu casamento que estava marcado em abril, pois o seu pai Durval Borba faleceu no dia 18 de abril de 1954. Francisco então casou com sua amada Irene em 03 de julho de 1954. Casados, moravam muito perto da casa de sua mãe, à Rua sete de setembro que

naquele tempo nem tinha o nome, era apenas uma ruela qualquer como quase todas as ruas de Biguaçu. Porém logo a seguir a Prefeitura colocou o nome de Rua Sete de Setembro em homenagem à Independência do Brasil.

Deste casamento tiveram 4 (quatro) filhos.

Francisco Carlos nascido aos 15 de Agosto de 1955

Elizabeth nascida aos 10 dias do mês de dezembro de 1956

Eliana nascida aos 08 de abril de 1958

Rosana nascida aos 16 de novembro de 1959.

De toda esta história de vida, o Sr. Francisco ficou marcado para sempre na História de Biguaçu, onde foi e será sempre lembrado, pelo grande ato de nobreza e fidelidade, quando da morte de sua sogra Sra. Martinha, que estava viúva há apenas 1 ano e 11 meses, com sete (7) filhos, dos quais alguns menores, que ele com toda a sua importante colaboração passou a criá-los como se fossem seus.

O Casal Francisco e Lena já tinha o primogênito de nome Francisco Carlos, quando deste acontecimento.

Esta opção do Sr. Francisco, não afetou em nada a criação dos seus filhos e dos seus cunhados. Foram crianças felizes que deram conta do recado posteriormente quando assumiram suas vidas, estudando, trabalhando, casando-se e constituindo família.

Sr. Francisco e Sra. Irene chegaram a festejar bodas de ouro em seu casamento, criaram seus filhos juntos com seus tios e foram muito felizes e muito bem aceitos pelo povo de Biguaçu.

Participaram sempre da sociedade de Biguaçu e era em especial o “Casal que melhor dançava um tango nos bailes da Sociedade Recreativa 17 de maio de Biguaçu, que na época era no Casarão Born”. Os outros casais paravam para ver o casal dançar um tango. Marcaram época.

Biguaçu, 18 de maio de 2018.

*Dalvina de Jesus Siqueira - Estrela*

Fonte de pesquisa: *Dados fornecidos por sua família.*

## Síntese Biográfica de Dalvina de Jesus Siqueira (Estrela)

Data de nasc. 23 de agosto de 1929

Filiação: Octávio Clemente Martins e Maria Marins.

Naturalidade: Biguaçu. Grande Florianópolis SC.

Nacionalidade: Brasileira

Administradora Escolar aposentada por tempo de  
serviço no Magistério

Catarinense.

E A E. Especialista em Assuntos Educacionais.

Obras e participações na Literatura Catarinense e  
brasileira.

1995 - O Décimo Segundo- Poesias.

1997 - Constelação- Poesias.

1998 - Grandes Momentos: contos, crônicas, ora-  
ções, simpatias e poesias.

1999 - Lalinha ; poesias e crônicas

2000 - Biguaçu eu te amo, breve relato sobre Bi-  
guaçu.

2003 - Biguaçu eu te amo II.

Participações em Antologias.

Memorial Gedo: no prelo

Biguaçu o Cidadão do Momento: no Prelo

Reminiscências: no Prelo.

O Terceiro Sonho – livro para os grupos de idosos  
de Biguaçu.

Menção Honrosa na Fundação Viva Vida.

Antologia Marco Marcovick – São Paulo. pg 43.



1997 Primeiro Lugar no Concurso Fundação Viva  
Vida (poesia pg 39)  
Terceiro Lugar no C. F. Viva Vida (crônica) pg. 217  
Segundo Lugar no C.F. Viva Vida (O Cordão de  
Ouro) pg  
A.C. de Professores – Fragmentos da memória  
pg 15  
FUCAPRO- Contos de Professor – pg 26  
FUCAPRO- Poemas de Professor –pg 27  
Participações em Jornais.  
NETI UFSC – Organização do Concurso de Crôni-  
cas e a apresentação do Livro.  
AJASOL 1998 – Anotologia- pg 39  
“2001“ – pg 60  
“2002“ – pg 59

### **ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU**

1996 – Fundadora da Ac. De Letras São João  
Evangelista da Barra de Biguaçu.  
Antologias da Ac.L, de Biguaçu:

- Um Passeio pela Grande Florianópolis.
- Devaneios de Verão
- Sonhos de Outono
- Renascer da Primavera,
- Veredas
- Aconchego
- Jornada
- Os 15 anos.

### **Organização e participação**

Participação no livro do Duo Centésimo Quinquagésimo Aniversário de São Miguel da Terra Firme

Livro São Miguel da Terra Firme – pg 121  
Livro sobre Maria Olímpia dos Reis- A benzedeira.

**Cursos:**

Curso Superior de Pedagogia com licenciatura plena em Psicologia da Sociologia da Educação, Didática e Prática de Ensino.

Conforme Registro no MEC: Número 135987.

Pós – Graduação em Administração Escolar, conforme Registro Número 312722. ambos na UDESC.

Monitora da Ação Gerontológica UFSC.

Palestrante, Ministrante do Curso Normal de Férias, Blumenau

Disciplina: Didática da Leitura e da Matemática.

Ministrante do Curso para Diretores do Segundo Graus.

Treinamento CENAFOR São Paulo.

Presidente da Academia de Letras de Biguaçu.

Acadêmica na Academia de Letras de Biguaçu.

Cadeira 14. Patrono Geraldino

Atto do Azevedo.

Acadêmica da Academia de Letras de São José; AJASOL. Cadeira 23

Patrono dr. Jorge Lacerda.

Presidente da APAE de Biguaçu.

Presidente do Conselho do Idoso de Biguaçu.

Diretora da Primeira UCRE Sede Florianópolis SC.

Inspetora Escolar Substituta em Palhoça SC.

Radialista, Costureira, bordadeira, criveira, cantora.

Placa pela Acad. De Letras de Governador Celso Ramos.

Medalha pelo C.M. E. dr. Lauro Locks  
Medalha Professor Lauro Junks  
Diploma da Academia de Letras do Brasil.  
A Academia de Letras do Brasil, outorga à Esc.  
Dalvina de Jesus Siqueira  
Membro Imortal da Academia de Letras do Brasil,o  
Título Doutora em  
Filosofia Universal. PH.1. Filósofo Imortal Hono-  
ris Causa- em reconhecimento  
A sua produção Univérsica / Literária de Reper-  
cussões Internacionais.  
Ass. Professor Dr. Mário Carabajal PHD/ PH1  
Presidente da Academia de Letras do Brasil.  
Ass. Professor Miguel João Simão PH 1.  
Presidente da A, L. do Brasil para Santa Catarina  
Embaixadora da Cultura de Biguaçu.  
Resolução nº 11/20011 concede o título de Embai-  
xadora da Cultura, no Município de Biguaçu à Professo-  
ra Dalvina de Jesus Siqueira.  
Autor : Luiz Roberto Feubak  
Presidente da Câmara de Vereadores de Biguaçu  
Sala das sessões,17 de outubro de 2011.  
Assinado Verador Luiz Roberto Feubak- Presidente  
Biguaçu, fevereiro do ano 2012

## **Cadeira nº 14 - Geraldino Atto de Azevedo**

Geraldino Atto de Azevedo nasceu no dia 22 de maio de 1885, Ribeirão do Meio, Camboriú, onde também haviam nascido os seus pais, e faleceu no dia 30 de janeiro de 1947 na cidade de Biguaçu.

Deixou os seguintes filhos: João Brasil de Azevedo, Pedro José de Azevedo (falecido), José Esperidião Azevedo, Maria Madalena e Maria de Lourdes Azevedo, esta última falecida.

Casou-se com dona Isaura Silva (chamada carinhosamente de dona Bicota) e estabeleceu-se aqui em Biguaçu, como comerciante.

Ao poeta, cabe sempre o direito sagrado de sonhar, e o nosso herói, foi um grande poeta e sonhador. Em tudo ele via poesia, de tudo ele fazia os seus versos, era um amante apaixonado das coisas belas da vida.

Nunca publicou um livro, apesar de que os seus sonetos, poemas, respingos e crônicas foram sempre publicadas nos principais jornais do sul do país.

Seu Geraldino, pseudo-denominava-se “GÊDO”.

E ali, atrás daquele balcão, seu Geraldino dava vazão ao seu sentimentalismo poético, ao seu romantismo, e sua invejável veia poética trabalhava incansavelmente para provavelmente deixar para a posteridade estes belos sonetos que estão tomando corpo no Memorial Gêdo.

**CARLOS ANTÔNIO DE SOUZA CALDAS**

**Cadeira n° 16**



## **VIAGEM DOS SONHOS**

### **Portugal e Espanha**

Tenho viajado há muitos países de moto solo ou em grupo, sempre levando as boas novas de Jesus, mas, era o meu desejo de adolescente conhecer Portugal, Salamanca e Santiago de Compostela (Espanha). Tive a oportunidade de realizar esse sonho, ainda mais prazeroso, com os casais parceiros, que nos acompanharam nesta viagem cinematográfica.

Caro leitor, fazer um roteiro foi muito importante, pois, definiu os principais locais turísticos. Em Lisboa,

alugamos as três motos BMW, 1200 cc e os casais, Eu e Roseli, Pedro e Diva, José e Eunice, iniciamos o passeio, pela Praça da Figueira conhecer o lugar onde Lisboa nasceu, no Largo Portas do Sol; seguimos, para o cidade Castelo de São Jorge, Rua Santa Cruz, maravilhosa fortificação edificada pelos mouros do século XI, para proteger a cidade dos romanos, de onde tivemos uma vista panorâmica de melhor qualidade, no Miradouro de Santa Luzia linda vista para, Panteão Nacional e Feira da Ladra.

“Alfama é um bairro cheio de ladeiras onde o tempo parece ter parado algumas décadas atrás: Alfama, uma das regiões mais interessantes,”.

A praça da figueira fica pertinho da estação do Rossio; o panorama da praça, árvores, chafarizes, enfim, tudo muito maravilhoso. À tarde, circulando pelas ruelas do tradicional Bairro de Alfama; adentramos na Igreja de Santo Antonio de Lisboa, chamada Ruas de Pedras Negras, foi a onde o santo casamenteiro nasceu em 1.195, então, todos os pedidos foram feitos. Ao lado a casa dos Bicos, que mais se tornou a sede da Fundação do Escritor José Saramago, na rua dos bacalhoeiros, conhecida como uma das portas de entrada de Lisboa em seguida visitaçao a Praça do Comércio. Todavia, quem visita Lisboa, obrigatório visitar Lisboa Story Center, denominado terreiro do Paço, em seguida um delicioso Café- Restaurante Martinho da Arcada, junto à praça do comércio, onde Fernando Pessoa tinha uma mesa cativa, para visitar o Arco da Rua Augusta, símbolo do renascimento de Lisboa.

Fizemos uma caminhada em zigue zague até chegar pela Baixa Pombalina, a moderna cidade de grid quadriculado desenhada por Marquês de Pombal, ao final das ruelas novamente na Estação de Rossio, parada

obrigatória para saborear o tradicional licor, Ginjinha, uma bebida doce, uma mistura de cerejas portuguesa, aguardente, açúcar, água e canela. Outro local localizado na rua do ouro Elevador de Santa Justa, a subida é uma imagem perfeita para contemplar Lisboa ao entardecer.

Passamos pelo pontilhão que leva às ruínas do Convento do Carmo (igreja), interior lindo que permite observar com calma, diante a meia quadra das ruínas à Rua Garrett, chamado o coração do charmoso bairro comercial do Chiado. Localizada a verdadeira Estátua do Poeta Fernando Pessoa junto ao Café a brasileira, bem perto do bairro Alto, reduto do primeiro turno da muvuca lisboeta, que são os famosos bares atualmente. Belém, é o bairro do descobrimento por excelência, conhecida torre de Belém, construída no século XIV, situada às margens do Rio Tejo a torre de Belém já serviu de forte, prisão, alfândega e farol para as embarcações. É um dos pontos mais visitados de Portugal, pela margem do Rio Tejo leva você ao padrão do descobrimento, ali, você passa pela Praça Império, perto da coleção berrado, casa da arte moderna, atravessa pelo lindo Mosteiro dos Jerônimo, avistando a igreja de Santa Maria de Belém, quanto claustro, caminhando em direção na antiga confeitaria de Belém, localizada na Rua Belém, que existe desde 1.837, no edifício de uma refinaria de açúcar, onde é feito os verdadeiros docinhos típicos portugueses ou conhecidos por pastéis de nata.

Na Praça do Império o Museu da marinha, com seus modelos de navios da época do descobrimento, e o Museu Nacional dos Coches, na Praça Afonso de Albuquerque, com uma coleção inestimável carruagens a partir do século XVII. Ainda em Lisboa, Parque das Nações, Oceanário e Príncipe Real de bondinho teleférico avista

o Rio Tejo e Oceanário. No parque, há diversas opções de bares, restaurantes e lojas para visitação, a melhor opção é o Centro comercial Vasco da Gama, nada mais   do que um shopping Center bem estruturado, ligado por sua vez, ao parque do metrô. O bairro Príncipe Real, fica localizado o Pavilhão Chinês, em seu interior a existência de bares exóticos, da época de Dom Pedro, século V.

Sintra, a trinta km de Lisboa, cidade de estilo medieval que abriga duas obras de alvenaria de beleza rara: O Palácio de Pena e o Castelo dos Mouros, o primeiro,   a residência real do rei de Portugal, chama atenção de quem visita, pelo excesso de cores no exterior do prédio, conserva a decoração dos velhos tempos e foi instalado o primeiro chuveiro em Portugal. O castelo tem uma arquitetura simples para época, pois, serviu de fortaleza.

Outro local deslumbrante, sendo o ponto mais ocidental do continente europeu, próximo da Serra de Sintra, outra vista maravilhoso para o Oceano Atlântico, que leva em direção a Cascais, uma vila   beira mar lind sima e inesquecível. Então, pertinho o Cabo da Roca e o Largo de Camões, local de vários restaurantes e lojinhas para compra de Suvinil, caminhar pelo centrinho foi maravilhoso, em seguida fomos para Estoril, retornado para cidade de Lisboa.

Fátima, visitamos o interior da Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, Capela das Aparições e Basílica da Santíssima Trindade, ficam todos próximos, participamos da procissão de Nossa Senhora Fátima e adoração na Praç a da Basílica.

No Distrito de Coimbra e arredores do Centro Histórico, visitação em lojinhas inusitadas, becos e tasquinhas, que são pequenos restaurantes, atravessaram a Praç a Oito de maio, fomos em direção a igreja de Santa



Cruz, onde estão enterrados os primeiros reis de Portugal, em seguida uma paradinha no café Santa Cruz, que faz parte da estrutura da arquitetura da igreja, com seus banheiros instalados onde eram os confessionários.

Próximo, ao Arco da Almedina, que é a entrada da cidade Alta e o acesso a Universidade, no caminho passamos pela Sé Velha, uma catedral romântica do século XII, continuando a caminhada, vistamos o Museu Nacional de Machado de Castro, localizado no paço Episcopal, construído sobre o criptoportico romano do século I, é uma edificação composta por um conjunto de galerias em cantaria, com estrutura de arcos que suportam o fórum da cidade romana de Aeminiume, descendo, para a Porta Férrea, entrada principal da Universidade de Coimbra, passando pela Praça da República, reduto dos estudantes, e conhecer a toga, trajés e paramentos, as famosas batina negra, em direção ao Largo da Sé Velha até o Fado ao centro, na rua quebra costas, que é a casa de fados com vários espetáculos.

Em Coimbra a cidade dos fados, o Convento de Santa Clara-a-Nova, localizado a esquerda do rio Mondego, o interior da igreja, encontra-se o caixão de prata que guarda o corpo intacto, da rainha Santa Isabel. Visitaçãõ a Universidade de Coimbra, um sonho que se tornou realidade, nos encheu de alegria, ao lado do Mondego, sua construção foi iniciada em 1.720, sob encomenda do rei D. João V, sua execução esteve a cargo arquiteto conimbricense Gaspar Ferreira. A história da universidade ocorreu com a ocupação romana, Coimbra se se torna uma cidade fortificada muçulmana, em 711 a 1130.

Coimbra foi a capital de Portugal, quando se localizava o Paço real, o momento do nascedouro dos reis da primeira dinastia. Em 1290, a Universidade é fundada,

por carta régia de D. Dinis e reconhecida por bula papal em 09 de agosto do mesmo ano. A instalação e funcionamento na cidade de Coimbra por ordem do rei D. João III.

Em 1728, foi entregue a Biblioteca Joanina, que junta os traços de todo mundo conhecido pelo ouro do Brasil, a decoração de inspiração oriental, com acervo cultural da história de Portugal, o acervo bibliográfico, tem atualmente cerca de 60.000 livros, na sua maioria anterior ao século XVIII e escritos, grande parte, em latim. Entretanto, algumas das grandes obras publicadas na Europa, entre as quais destaco “A bíblia latina das 48 linhas” (1.462), Lusíadas (1.572) e bíblia Abravanel, segunda metade do século XV.

O marques de Pombal, reforma a Universidade em 1.772, num centro de saber experimental para o mundo, observatório astronômico, Jardim Botânico, gabinetes de história natural e física experimental, hoje esse patrimônio mundial, pertence a UNESCO: Universidade de Coimbra, Alta e Sofia. Entretanto, fato que chamou atenção, no interior da Universidade, existia um antigo cárcere medieval, identificada como sendo prisão acadêmica.

A seguir para Piodão, uma aldeia onde praticamente todas as casas e construções, foram erigidas em belos talhos de xisto, de cores escuras das paredes e contrastes azulados de guias e batentes de portas e janelas criam uma atmosfera única contrastante com a Igreja Matriz, de um branco quase cegante, fica entre as montanhas de pedras, conhecido por Largo Cônego Manuel Fernandes Nogueira, Piodão, local de paz e harmonia, verdadeira paz de espírito.

Conhecer a Serra da Estrela, encontramos o Parque Nacional Português, que nos envolveu de alegria,

pois, é o ponto mais alto país, 1.051 metros de altitude, divisa com a Espanha. Em direção ao Distrito de Seia, conhecemos o Museu de Pão e o Centro de interpretação da Serra da Estrela. Na visita a Torre, vistamos a cidade de Manteiga, uma estrada beirando o vale com picos nevados e lagos no meio das montanhas, junto a Torre, localiza-se a estação de ski, bem perto as lagoas dos Covões do Meio e do Ferro, com belas paisagens para ser admirado. Belmonte e Linhares da Beira constam em livros que foi o primeiro povoamento registrado, do século VIII, existe um enorme Castelo, construído na época por Don Dinis, no século XIII. O nome de Linhares vem da produção de linho da região.

Seguindo para Salamanca (Espanha), faz parte da comunidade de Castilla y Leon, onde abriga uma das Universidades da Espanha e a mais antiga do país, fundada em 1.218, seno a quarta Universidade mais antiga do mundo Ocidental. Visitação o Centro histórico, a catedral, nova e a velha e a famosa Universidade, a Casa de lãs Conchas e a Plaza Mayor, com certeza, você deixa de conhecer um pouco mais da história da cidade de Salamanca.

Ávila, uma cidade cheia de encantos, cercada por muralhas bem conservadas e igrejas medievais.

Oviedo é a capital comercial e cultural de Astúrias. Esta cidade conserva o núcleo urbano traçado medieval à volta da Praça Alfonso II. Visitação obrigatória a importante catedral, edificada em estilo gótico flamejante, em seu interior conserva-se um admirável retábulo do século XVI, além dos túmulos de seis monarcas asturianos e mais um tesouro precioso a Câmara Santa da capela do século IX. Nas ruelas do centro da cidade, visitaçao no Monte Naranco, avista-se uma enorme estátua do Cristo.

Picos da Europa, em direção a Cangas de Onis, é o ponto de partida para a subida aos Picos e o Parque Nacional de Covadonga, onde se localiza a Basílica de Santa Maria La Real e a estátua de Pelágio, próximo à santa Cova de Covadonga, belo passeio religioso e cultural.

Gijón, cidade que fica às margens do mar Cantábrico, iniciando a visita pelo centro histórico de Cimadevilla, e pela Plaza Del Marques, chegando até as Fuentes Dé, onde fica Teleférico, com vistas maravilhosas para as paisagens e montanhas.

Santiago de Compostela, iniciando a visitação pela Praça de Obradoiro, o Museu Catedral de Santiago, é um verdadeiro tour pela história da arte, conhecida a catedral dos peregrinos, a onde assistimos a Missa dos Peregrinos, horário de meio dia, é tomada de emoções e agradecimentos a todos os peregrinos que fazem o percurso de trinta dias a pé. Essa basílica é espetacular o seu interior, pinturas do teto e fachada, construída entre os anos 1.075 e 1.128.

Retornando a Portugal, mais precisamente em Porto, cidade grande, de potencial econômico elevadíssimo, iniciando a visita pela Estação de São Bento, famosa por seus azulejos, que contam a história de Portugal, com revestimentos em azulejos, torna a estação mais bela do mundo.

Na igreja dos Clérigos, onde esta a famosa Torre dos Clérigos, com 76 metros de altura, seis andares e 225 degraus, proporciona uma vista mais linda da cidade, descendo a Rua do Carmo, onde aparece a igreja das Carmelitas e Igreja do Carmo, construção bem antiga, toda decorada em azulejos e um painel grande na lateral externa da igreja.

Guimarães é o berço de Portugal, onde nasceu Don Afonso Henrique, o primeiro rei de Portugal. Esta cidade foi eleita patrimônio histórico e cultural pela UNESCO, a cidade de Guimarães também foi a capital Europeia da cultura em 2.012. O importante foi visitar o Castelo e o Poço dos Duques de Bragança, além de percorrer o lago da oliveira, jogar umas moedinhas para dar sorte.

A viagem foi fascinante, um dos sonhos realizado, apesar dos acontecimentos trágicos. Um país em lágrimas, a reserva do parque nacional (mata de reserva natural), foi mais uma vez devastados por Incêndios e uma calamidade que nos deixou sem palavras e embargados pela tristeza.

A região centro, provavelmente a que sofreu e o céu de domingo do dia 17 de outubro de 2017, mostrava toda a escuridão dos sucessivos incêndios em volta aos Distritos de Coimbra, de Mira, Tocha, de Viseu, Guarda, Castelo Branco, Figueira da Foz, Lousã, Panela, Pedrógão e Penacova, queimando toda mata florestal do parque nacional, deixaram mortes, muitos feridos, rastro de destruição com centenas de casas queimadas e parques industriais dizimados e estradas fechadas. Mas, sendo um povo de grande fibra, logo iriam reconstruir tudo o que foi destruído. Fato que desconhecíamos era o grande apreço do povo português pelos Brasil e as homenagens que observamos pelo país, tanto em monumentos, quanto nos museus, como por exemplo, o Museu do Descobrimento e no Mini Mundo, onde exaltam o povo brasileiro.

Caro leitor, é uma viagem que todos deveríamos experienciar.

## **Síntese Biográfica de Carlos Antonio de Souza Caldas**

**CARLOS ANTONIO DE SOUZA CALDAS**

64 anos de idade.

25 de dezembro de 1.953

### **GRADUADO**

Pedagogia – UDESC/1981

Direito – UNIVALI/1996

Pós-Graduação – UDESC/1983 - Recursos Humanos

### **CURSOS DE ATUALIZAÇÃO**

Seminários, Simpósios, Palestras nas Áreas: Direito Criminal – Contratos, Licitações Consumidor – Trabalhista.

### **PROFISSIONAL**

- Professor -1986 a 1995.
- Funcionário Público Concursado Prefeitura Municipal de São José/SC – 1996/.....
- Advogado – Militante – Advocacia Criminal/Tribunal de Júri; 1996/... .
- Procuradoria Geral do Município de São José/SC – 2004 a 2008.
- Assessor Jurídico – PROCON - São José - 2009 a 2012;

- Advogado - colaborador no Programa de TV “Cesar Sousa”, 2005 a 2009;
- Confrade das Academias de Letras de Biguaçu/SC – ALB – 2013/.. e, Academia
- Catarinense de Letras do Brasil – Florianópolis/SC – ALB; 2015/..
- Grau 33 - do Grande Oriente do Brasil – Rito Brasileiro - GOB – 2017;
- Membro do Circulo Monárquico Nossa Senhora de Desterro – Florianópolis/SC;
- Membro da 4ª Turma do Tribunal de Ética da OAB/SC – 2018 a 2019;
- Membro da Associação dos Advogados Criminalistas de SC - AACRIMESC;
- Associado Moto Clube – Bodes do Asfalto – Faccão Florianópolis/SC;
- Colunista de Textos Literários (Crônicas, Contos e Poesias) jornal – Folha Santa Catarina/SC.
- Conselheiro do COMAD/PMSJ – 2018/....
- Livros: Políticas e Administração da Educação - SC – AAESC/ANAIS – 2009;
- Antologia da Academia de Letras de Biguaçu/SC, de 2014 até ....
- UM “NOVO OLHAR”, - 2013 - Crônicas, (contos e poesias) - Editora Somar.
- DUAS RODAS rodando pela América do Norte – 2015 – Editora Núcleo.

## **Cadeira nº 16 – Patrono: Holdemar Oliveira de Meneses**

Carlos Antonio de Souza Caldas - Cadeira de nº. 16, tendo como patrono HOLDEMAR OLIVEIRA DE MENESES, desta nobre Academia de Letras de Biguaçu/SC.

Cabe-me na oportunidade a tarefa prazerosa de falar em poucas linhas sobre o patrono, pesquisando sobre sua vida e destaque alguns fatos relevantes na sua trajetória como ser humano bondoso generoso e com suas qualidades e paixões na arte de escrever, um verdadeiro, Contista, Novelistas, Cronista, Romancista, diplomado em Medicina, Médico da Maternidade Carmélia Dutra, Professor e Membro da Academia de Letras – Florianópolis/SC.

O patrono, Holdemar Oliveira de Meneses, nasceu em Aracati/Ceará – 13 de dezembro de 1921 e faleceu em Florianópolis em 19 de agosto de 1996.

Nesse período, assumiu a direção da Maternidade Carmélia Dutra, nas horas vagas dedicava-se a literatura.

Tal gesto mostra um pouco desse ser humano valeroso, pelo seu desprendimento material, acreditando sempre nos valores humanísticos e o futuro do jovem em seu aprendizado na obrigação de passar pela formação educacional.

Surpreendeu o Santa Catarina com suas Obras Literárias de, Contos, Romances, Crônicas e Novelistas:

1 — Fran Kalfka, em seu livro faz uma crítica da primeira novela deste escritor em 1970;

2 — A coleira de Paggy, conto, em 1972;



- 3 — O barco Naufragado, crônica, em 1976;
- 4 — A sonda uretral, conto, em 1978;
- 5 — A maça triangular, romance em 1981;
- 6 — Os residentes, romance em 1982;
- 7 — A vida vivida, crônica, em 1983 e outros.

Enfim, era um escritor a frente de seu tempo, com grandes ideais, motivado sempre pela luta constante de um mundo melhor, justo e perfeito.

**LUIZ LUNARDELLI**

**Cadeira nº 19**



### **A maioria da Feira do Livro**

Prestes a completar 32 anos de existência, a FEIRA DO LIVRO DE FLORIANÓPOLIS tem uma história a ser contada, para que não se percam dados e informações importantes a respeito das suas fases preliminares.

No ano de 1985, depois de trabalhar por 20 anos com meu pai, Odilon Lunardelli) na Editora e Livraria Lunardelli ( desde 1965) iniciamos um trabalho corporativo reunindo 30 livreiros de todo o Estado e fundamos a ACEL – Associação Catarinense de Editores e Livreiros, que mais tarde se transformaria na Câmara Catarinense do Livro.

Nossa prioridade era estabelecer um hábito que já era comum desde 1955 em Porto Alegre – uma Feira de Rua que envolvesse todos os amantes do Livro na cidade e na região.

Lembro-me com certa nostalgia daquela verdadeira aventura: fomos a Porto Alegre numa comitiva de 25 livreiros e passamos três dias na cidade recepcionados por Mauricio Roseblatt, da Livraria José Olympio e Leopoldo Boeck, da Sulina. Ambos nutriam grande simpatia por Santa Catarina e nos municiaram com as informações necessárias abrindo os arquivos da Câmara Riograndense do Livro. Nos estimularam de tal maneira que definimos fazer em 1986 a Primeira Feira do Livro de Florianópolis.

Roseblatt era um poeta, amante das flores e dos pássaros e nos recomendou convencer a Prefeitura que nos ajudasse a fazer a Feira debaixo da nossa tradicional figueira da Praça XV.

A nossa intenção era realizar a feira na primavera, a exemplo do que ocorria em Porto Alegre, para unir a poesia e o canto dos pássaros aos livros. Na verdade havia uma tendência de seguir, em tudo, os moldes da bem sucedida feira gaúcha, inclusive no estilo das barracas, despojadas e feitas de madeira. Ainda estava longe o tempo das tendas, das barracas de alumínio, do conforto dos shoppings centers. O período também permitiria trazer ao Estado os mesmos escritores que vinham ao Sul para lançar seus livros e participar de programações culturais.

Em 1985 havia uma efervescência cultural sem precedentes em Florianópolis, o que justifica a pertinência da iniciativa.

## Os preparativos

Em maio de 1986 registramos a inscrição de 16 associados e definimos o Largo da Catedral como o local de realização da Feira, que aconteceria em Novembro daquele ano.

Fariamos cinco lançamentos por dia e reservamos o período noturno para receber escritores de todo Brasil através de sorteio entre os inscritos. Assim, o gaúcho Barbosa Lessa, por exemplo, foi sorteado para lançar “A República das Carretas ( Editora Tchê) no dia 13 de Novembro. Já o poeta Pedro Garcia poderia autografar seu novo livro “Índice de Percurso” (FCC) no dia 15. Um ciclo de conferências foi planejado em parceria com a UFSC, envolvendo autores convidados de outros Estados.

Definimos a composição das comissões da primeira feira:

Comissão de Construção e Instalação:

- Carlos Alberto Barbosa de Souza (Catarinense)
- Téo Egon Last (Cuca Fresca)
- Marco Antônio Cassou (Marca)
- Comissão de Contatos Oficiais
- Marcos Antonio Machado (Brasil)
- Luiz Lunardelli (Estudantil)
- Elaine Otto (FCC)
- João Pina (RBS TV)
- João Manoel Sperandio (AS Propague)
- Alberto Maduar (Quadra)

Comissão de Divulgação:

- Vilmar Zunino (ACM)
- Helenice Piovezani (Bumerangue)
- Amilcar Neves (ACES)

- Maria del Rio (FEESC)
- Marta Martins (Cuca Fresca)
- Salim Miguel (UFSC)
- Alcides Buss (UFSC)

Comissão de Administração:

- Luiz Lunardelli (Estudantil)
- Valdir Pedri (Catarinense)
- Claiton Ghiggi (Lunardelli)

As barracas da primeira feira foram feitas em compensado naval, eram desmontáveis e custaram CZ\$ 8.200,00 (oito mil e duzentos cruzados). Já as caixas para exposição e venda de saldos foram orçadas em CZ\$ 650,00, tudo a ser pago em três parcelas. Foram adquiridas 18 barracas desenvolvidas pelo professor universitário e desenhista industrial Celio Teodorico dos Santos.

### **A primeira feira**

Foi realizada no Largo da Catedral de 7 a 16 de novembro de 1986, período escolhido para coincidir com a Feira de Porto Alegre. Havia, como também ocorreu nos anos seguintes, apoios operacionais ou institucionais da Fundação Catarinense de Cultura, da Prefeitura Municipal de Florianópolis, da Biblioteca Pública do Estado de SC, da Academia Catarinense de Letras, da Universidade Federal de SC, da Imprensa Oficial do Estado e da Câmara Brasileira do Livro.

A primeira feira teve 22 expositores e funcionou no horário experimental das 15h as 22h. Estimava-se que se encontravam expostos 30 mil títulos de livros, de cerca de 150 editoras brasileiras. No Paço das Letras, como foi chamado o espaço, na noite de abertura, em 7 de

novembro, meu discurso foi complementado pelos de autoridades municipais e estaduais e do patrono da I Feira, escritor Nereu Correa, que lançou seu novo livro “Perfis e Retratos em vários tons”.

Os expositores foram:

- Editora e Livrarias Lunardelli
- Distribuidora Estudantil
- Marca Livraria e Distribuidora
- Livraria e Papelaria Recorde
- Distribuidora Ilhabela
- Livrarias Catarinense
- Fundação do Ensino da Engenharia em SC
- Livraria Cuca Fresca
- FCC Edições
- Edições Paulinas
- Editora da UFSC
- Livraria Bethel
- Fundação Logosófica
- Casa da Enciclopédia
- Livraria Refúgio Cristão
- Federação Espírita Catarinense
- Enciclopédia Britânica
- Livraria Santo Antonio
- Associação Profissional de Escritores Catari-  
nenses
- Livraria Sulina
- Livraria Alemã
- Livraria Acadêmica

Vencemos o pessimismo e a Feira serviu para mostrar que Florianópolis possuía uma população aberta

e interessada pela literatura. A Feira se transformaria, nos anos seguintes, na maior festa do livro em todo o estado. Otimistas, prevíamos que em 4 ou 5 anos teríamos formado em Florianópolis uma nova consciência mais positiva em favor da leitura.

Estávamos plantando uma semente que germinaria em resultados altamente favoráveis para a Cultura do Catarinense.

Tais objetivos foram obtidos graças a união dos poucos livreiros da cidade. Mesmo contabilizando resultados financeiros pouco atraentes na primeira edição, tínhamos a convicção de que a Feira iria se repetir nos anos seguintes, pois acima de nossos interesses comerciais estava o ideal de ampliarmos o acesso do público ao livro por preços acessíveis.

O espaço limitado desta Antologia não nos permite expandir estas breves memórias que podem ser ampliadas através da leitura do livro “A Maioridade da Feira do Livro de Florianópolis” escrito pelo jornalista Paulo Clovis Schmidt em 2006 e publicado pelo editor Nelson Rolim de Moura, então Presidente Câmara Catarinense do Livro.

## **Síntese Biográfica de Luiz Lunardelli**

Nascido em 23.01.1954 em Itajaí (SC) residiu entre 1955 e 2007 em Florianópolis e desde 2007 em Biguaçu.

### **EXPERIENCIA PROFISSIONAL**

Livrarias Lunardelli – Diretor Comercial e Financeiro 1965 até 1984

Editora Lunardelli – Editor, Diretor Industrial e Comercial 1970 até 1984

Jornal A Ponte – Jornalista, Editor Chefe e Diretor 1976 até 1985

TV Cultura – Florianópolis – Produtor /Apresentador 1982 até 1984

TV Barriga Verde – Diretor de Proj. Especiais/ Apresentador 1984 até 1986

Livros Luiz Lunardelli – Diretor Presidente 1984 até 2002

Super-Atacado Lunardelli – Diretor Presidente 1984 até 2004

Lunardelli Suprimentos – Conselho de Administração 2003 até 2010

Marina 3 Mares – Sócio e Empreendedor 2007 até hoje

Restaurante Marina 3 Mares – Proprietário 2007 até hoje

Jornal Notícias do Dia – Colunista de Cotidiano 2009 até 2010

Jornal Biguaçu em Foco – Colunista de Cotidiano 2010 até 2013

Prefeitura Municipal de Biguaçu – Secretário de Comunicação 2010 até 2014

Restaurante Dona Zilda – Proprietário 2018 até hoje

### **EXPERIENCIA EM ENTIDADES CLASSISTAS, SOCIAIS E POLÍTICAS**

Associação Cat. de Editores e Livreiros – Fundador e Presidente 1982 até 1990

Câmara Catarinense do Livro – Fundador e Vice-Presidente 2000 até 2004

Fundação Hermon – Fundador e Presidente 2000 até 2003



Diretório Estadual do PP – Secretário de Comunicação Social 2007 até 2010

Associação de Moradores de São Miguel – Vice-Presidente e Secret. 2007 até 2010

Acatmar – Assoc. Cat. de Marinas – Fundador e Presidente e Conselheiro 2008 até hoje

### **FORMAÇÃO ACADÊMICA**

Contabilidade – Academia de Comércio de SC 1971

Administração de Empresas – UFSC 1977

Pós Graduação em Segmentação de Turismo – UFSC 2008

### **Cadeira nº 19 – Patrono: João Crisóstomo Pacheco**

(Fundador do primeiro Jornal Diário de Biguaçu)

## OSMARINA MARIA DE SOUZA

### Cadeira nº 20



### **Lembrando uma visita importante**

Como sempre estou a cata de algo para atender solicitação da ALBIG, e lá nos meus guardados encontrei uma crônica escrita em 2003 e que hoje faço com alguns corte e passo para os leitores amigos. É a história de uma visita que fiz com Dilma Born a sua prima Araci Tavares Neves e aí a razão do título deste trabalho - Uma Visita Importante.

Chegamos àquela mansão na subida do Morro do Antão e fomos recebidas pela senhora Iolanda, filha de dona Araci.

Muito simpática e muito lúcida, dona Araci abraçou Dilma lembrando velhos tempos. Reviu fotos antigas. Enquanto nós mais jovens, de óculos víamos fotos, ela sem este complemento olhava e reconhecia todos os fotografados. Disse até uma frase, muito comovente quando Dilma lhe mostrou um pequeno álbum.

— Olhem aqui, o meu papai! Que saudade! Vejam ele era mesmo muito bonito, vocês não acham?

Araci entre um gole de refrigerante que sua filha nos servira e um docinho de coco, ia conversando com Dilma e relembrando cenas que procurei anotar.

- Quando vovô João Nicolau morreu, eu tinha quatro anos, então lembro muito pouco. Sei no entanto que era muito austero. Quando a família sentava à mesa para as refeições, todos tinham que permanecer cabisbaixo e calado. Só os adultos tinham direito a conversar. Só podíamos nos retirar após a licença de vovô.

Contou-nos uma passagem que toda família sempre comentou. Aconteceu com o tijucano Jacó Lameu Tavares. Enamorado de sua futura mãe, Guilhermina, Jacó jovem apessoado, de boas posses, boêmio pediu-a em casamento. João Nicolau querendo saber se realmente o galã tinha dinheiro perguntou:

— Você pode me emprestar duzentos mil reis?

Ao que o jovem mancebo à queima roupa respondeu-lhe com outra pergunta:

— O senhor quer este dinheiro em dólar ou libra esterlina?

João Nicolau silenciou admirado. Em pouco tempo estariam casados Jacó e Guilhermina, e deste casamento eu nasci – disse Araci muito feliz.

Olhando mais algumas fotos Araci reconheceu João Nicolau Born e sua esposa Carolina. Esta foto foi feita por um fotógrafo da antiga cidade de Desterro, na Rua da Palma, atual Álvaro de Carvalho e sorrindo Araci disse Meu pai era mesmo muito bonito. Se fosse hoje seria tratado como “o bonito gostosão”, foi por isso que minha mãe se apaixonou.

Maria Barbosa Born, esposa de Alfredo Born, filho de João Nicolau era tida no seio da família como aquela que sabe tudo. Meu pai tinha um automóvel. Era enorme e despertava a curiosidade das crianças que corriam atrás do carro sempre rindo e fazendo muito barulho. Um dia este carro caiu na Carreira da

Vassoura, hoje Rua Major Livramento., uma rua em que muitas pessoas não gostavam de dizer que moravam lá. E Araci continuou muito empolgada: Eu e minha irmã Alda temos orgulho de ter nascido no casarão Born. Dilma então completou: Eu nasci lá e também tenho orgulho, fazemos parte da sua história.

E Araci continuou empolgada: Quando eu morava em Florianópolis frequentava os bailes do casarão, fazíamos a passagem de barco a vapor, da capital para o Estreito e de lá íamos para Biguaçu de carro ou de aranha. Meu avô, a pedido de minha avó construiu uma casa no início da Rua dos Ilhéus ( ao lado do atual edifício APLUB) porque dali ela escutava as retretas na Praça XV e morando ali certo dia eu estava na janela e um garoto que vendia torradinho se aproximou de mim e me segredou: - Aquele moço lá na esquina quer falar com você. Este foi o início do meu namoro com o jovem Maneca, meu querido e saudoso esposo, cujo casamento durou 61 anos de felicidade. Ele era um jovem que morava mais tempo em Portugal do que em São Miguel, no Casarão que hoje é o Museu e do qual ele era o proprietário. Ali também ele morou com suas irmãs.

Araci fez uma pausa, acariciou o rosto da prima Dilma e continuou: Você casou e viuvoeu muito cedo querida prima.

É, respondeu Dilma, hoje moro em Canasvieiras, tenho três filhos e oito netas e também tenho algo pitoresco para contar:

Passando uma tarde como tenho feito repetidas vezes por Biguaçu, entrei no velho casarão, hoje invadido por pessoas que não conheço e perguntei a um dos invasores:

— Você sabe quem é o dono deste casarão?

— Não conheço, não senhora, só sei que é de uma tal de dona Dilma que mora lá em Florianópolis.

Sai sem nada dizer, comentou a herdeira daquela casa histórica. Referindo-se a avó Carolina, Araci continuou: Dindinha era uma criatura meiga, nunca repreendeu um filho ou um neto. Falava pouco e quando se deitava não queria ser incomo-

dada. Acho que rezava muito. Ajudou a criar os netos e era um exemplo de vida e vovô foi um ótimo construtor. Suas construções foram de grande requinte.

Em Biguaçu além do casarão construiu do outro lado da Praça duas belas residências para suas filhas. Em Florianópolis na Rua dos Ilhéus, a casa que já falei, na Rua General Bittencourt uma bela residência, uma casa baixa na Rua Araújo Figueiredo, esquina com Saldanha Marinho, na Rua Vidal Ramos a casa de esquina com Rua Deodoro (que ainda permanece lá) e que por muito tempo foi repartição do Governo.

Do Casarão muito teríamos que contar, bailes, casamentos, questões políticas, batizados, teatros, saraus tudo aconteceu ali.

A senhora Iolanda, filha de Araci, na oportunidade comentou muito feliz: Obrigado Dilma, esta visita me alegrou muito, como é bom saber a história de meus avós e bisavós.

Vocês me fizeram um bem com esta visita, e acrescentou: Certa vez meu pai visitou o Museu de São Miguel e ficou empolgado com as fotos e utensílios e então passou a narrar a história das duas famílias: Born e Neves ligadas por laços familiares e pelos dois casarões que guardam muitas histórias.

Os turistas que lá estavam ficaram encantados com o que ouviram e parabenizaram meu pai.

Aqui meus amigos um pouco dos momentos que passei naquela tarde em companhia de Dilma, Araci e Iolanda quando vi relíquias e ouvi belas histórias da família de meu patrono na Academia de Letras e que com prazer passo para os leitores.

É, a saudade realmente dói Araci faleceu dois ou três anos após esta visita e Dilma também nos deixou neste último mês de abril de 2018 e sua última visita ao Casarão foi em uma festa da Academia no ano de 2015, acompanhada de seu filho.

*Osmarina Maria de Souza*

## BIGUAÇU E SEU PADROEIRO

Não tenho raízes em Biguaçu, porém desde tenra idade nutro grande simpatia e carinho pela cidade. Sua história também me cativa.

Grande também é o carinho que tenho pela Academia de Letras que ajudei a fundar, que pertenço, pelos amigos que aqui conquistei e que muito preso, dentre eles permitam-me destacar Dalvina de Jesus Siqueira e Dilma Born, no meu entender ambas um compêndio de informações na história da cidade. Com pesar registro que Dilma Born faleceu recentemente.

Já escrevi algumas linhas sobre a história e algumas curiosidades de Biguaçu, e aqui após uma das visitas semanais que fiz a Dilma Born, neta de João Nicolau Born, em sua residência em Canasvieiras volto com mais algumas linhas que creio poucos biguaçuenses conhecem.

Fui intimada a fazer um pequeno trabalho para a Coletânea da Academia de Letras e revirando a memória lembrei-me da conversa que mantivemos naquela tarde à sombra de bela pitangueira, quando Dilma tinha 92 anos de idade. É lógico que desta visita trago mais uma curiosidade. O caso a seguir foi testemunhado por José Born Machado, filho de Dilma e Dalvina de Jesus Siqueira ambos bisnetos de João Nicolau e ratificado por Cacilda, uma de suas netas.

Dilma com memória muito ativa nos contou: Quando vovô se transferiu com a família para a vila de Biguaçu os atuais moradores juntamente com o padre do lugar procuravam na história religiosa um padroeiro para proteger a vila. Sendo João Nicolau e sua família personagens benquistas e importantes é lógico que não poderiam ficar fora desta procura e destas reuniões. Foi então que a senhora Carolina Leopoldina, esposa de João Nicolau sugeriu para patrono da vila, São João Evangelista.

A Igreja e a comunidade concordaram e passou então o evangelista a ser o padroeiro desta cidade cuja comemoração

acontece no dia 27 de dezembro. Era preciso ter na igreja a imagem do santo já tão venerado. Encomendada eis que no dia aprazado chegou e muita gente foi conhecer, admirar, benzer e consagrar a recém chegada imagem.

A prima de Dilma Born, senhora Palmira, conhecida por Bola, casada com Olívio Amorim, que foi Prefeito Municipal de Florianópolis, ambos os padrinhos de Dilma estavam presente a este encontro de consagração. O curioso é que dona Palmira, ou como queiram dona Bola, ao fixar seu olhar na imagem achou que o santo estava com cara mais para feminino do que para masculino e mandou que se pintasse um bigode. E, agora com bigode, por sinal muito feio, lá foi para o altar a imagem de São João Evangelista.

Todos nós achamos graças nesta história e foi então que Dilma se dirigindo a Dalvina completou: - Não sei se ele ainda está com bigode, procure saber e depois me diz.

Agora a título de informação acrescento: São João Evangelista foi o mais jovem dos discípulos e também o único a acompanhar e estar presente no calvário de Jesus que antes do último suspiro pediu para que ele tomasse conta de Maria com as seguintes palavras: João eis ai tua mãe, Maria eis ai teu filho. Ele cumpriu. Cuidou e amparou Maria até os últimos momentos de vida e neste tempo também pregava a doutrina que muito incomodou os governantes.

O Imperador Domiciliano mandou que o prendesse e levasse para Roma onde foi flagelado e colocado em um caldeirão de óleo fervente, mas o apóstolo saiu deste caldeirão mais rejuvenescido e sem dano algum. Mais irado ainda Domiciliano mandou desterrá-lo na Ilha de Patmos, no Mar Egeu que era muito mais um rochedo que terra e lá neste exílio São João Evangelista escreveu o profético Livro do Apocalipse, último Livro da Bíblia.

Com a morte de Domiciliano São João Evangelista volta para Éfeso e escreve o Evangelho. Nenhum outro Livro da Bíblia tem tão elevados pensamentos com o seu Evangelho.

Já muito idoso era levado às reuniões e dizia sempre: Irmãos amai-vos uns aos outros. Este é o mandamento de Jesus e quando todos assim cumprirem tudo, tudo além disso virá e disse mais: No princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus e o verbo era Deus.

Ele faleceu aos 94 anos de idade no ano de 101 ou 102 no dia 27 de dezembro, está representado na cúpula da Basílica de São Pedro em Roma por uma águia. Um belo trabalho de Michelangelo.

E, para fechar a história informo que alguns dias mais tarde eu fui com Dalvina na Matriz de Biguaçu, olhando as imagens não a identificamos. Fomos a Secretaria da Igreja e a funcionária nos indicou. Achei realmente muito jovem e a funcionária me disse que ele havia morrido muito jovem. Estava mal informada, nada sabia do padroeiro da cidade em cuja Igreja ela trabalha.

São Joao Evangelista faleceu aos 94 anos de idade, talvez a representação como jovem seja porque ele era o mais jovem dos discípulos de Jesus. Porém não posso encerrar esta curiosidade sem informar que a imagem na Igreja de Biguaçu está sem bigode e parece mesmo muito feminina. Alguém apagou a pintura no rosto da santa imagem. Quem será?

Conversando alguns dias após com o confrade Joaquim Gonçalves dos Santos e com Alzira Maria Silva dos Santos ambos confirmaram a existência do bigode na imagem e Alzira ainda contou que o bigode foi retirado quando um sacerdote fez a restauração em algumas imagens da Igreja.

Será que dona Palmira, a dona Bola, para os íntimos, gostaria de ver o santo sem bigode?

*Osmarina Maria de Souza*



## Síntese Biográfica de Osmarina Maria de Souza

Natural de Florianópolis  
Nascida em 17/11/1929  
Estado civil – Divorciada

Func. estadual (aposentada) Secretária do Estado  
da Agricultura e da Pesca

Residência- Rua Osni João Vieira 230/204  
Campinas – São José/SC  
CEP 88110 270

Tem o Curso Normal Regional – 1964

— Supletivo Segundo grau – 2009

— Curso de Monitores da Ação Gerontológica –  
NETI/UFSC – 1997

— Mini-curso Técnica de Jornalismo 2009

É fundadora da Associação dos Cronistas Poetas e  
Contistas Catarinense

Fundadora da Academia São José de Letras; Ca-  
deira 20 Patrono Luiz Delfino dos Santos

Fundadora da Academia Desterrense de Letras -  
Cadeira 10- Patrono Oswaldo Rodrigues Cabral –( Aca-  
demia desativada)

Fundadora da Academia de Letras de Biguaçu -  
Cadeira 24 Patrono João Nicolau Born

Fundadora da Academia Alcantarense de Letras –  
Acadêmica Honorária;

Fundadora da Academia Brasileira dos Contado-  
res de Histórias; Cadeira 12- É patrona de sua Cadeira

Fundadora e Presidente da Academia de Canto e  
Letras do CENETI/UFSC cadeira nº 01 Patrona Neusa  
Mendes Guedes

Fundadora da Academia Desterrense de Literatura Cadeira 13 Patrono Oswaldo Rodrigues Cabral

Fundadora da União Brasileira dos Escritores (afastada)

Fundadora do Grupo Literário Terceiro Tempo; (Já sem atividade)

Membro Efetivo do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina;

Co-fundadora da escola de Samba Unidos da Colônia

É voluntária no NETI/UFSC – desde agosto de 1994

Tem 5 Livros publicados, e mais quatro em parceria com outras escritoras

Tem participação em 52 Antologias Poéticas;

Tem participação e 17 jornais alternativos no país

Tem o Troféu Manezinha da Ilha pela Prefeitura Municipal de Florianópolis ,

Troféu Senatus Pópulis pela Prefeitura Municipal de Florianópolis

Troféu Cruz e Sousa pela ADL

Troféu Oleiro pela Câmara Municipal de São José SC

Troféu Caminhando com Arte – ALB de SC

Troféu Dalvina de Jesus Siqueira pela Academia de Letras de Governador Celso Ramos

Medalha de Mérito Cultural pela Câmara Municipal de São José;

Medalha pelo Dia do Escritor, pela Academia de Governador Celso Ramos

Medalha Lauro Junckes pela Academia de Gov. Celso Ramos

Medalha Honra ao Mérito pela Câmara Municipal de São Pedro de Alcântara

Medalha Neusa Guedes pela AMAG  
Título Honorífico “Causas Imortais” pela Academia De Letras do Brasil – Rio de Janeiro  
Homenagem Especial do Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais pelo trabalho em prol da Cultura - Brasília  
Participação como palestrante sobre Cultura Açoriana em Santa Catarina no Instituto de Ensino Superior de Setúbal – Portugal;  
Participação como palestrante no Encontro da “Voz dos Avós” na Universidade Federal dos Açores na Ilha São Miguel – Açores;  
Palestrante no Forte Santa Cruz em Ponta Delgada- Açores  
Participação na Conferência Municipal para Política da Pessoa Idosa - Fpolis  
Participação na Conferência Estadual para Política da Pessoa Idosa – Fpolis  
Participação na Primeira Conferência Nacional para Política da Pessoa Idosa – Brasília.  
Participação em Encontros de Estudantes Universitários da Terceira Idade em 10 cidades brasileiras – Santa Maria –RS, Caxias do Sul RS, Juiz de Fora – MG, Ilhéus – BA , Foz\ de Iguaçu- PR, Aracaju – SE, Campo Grande – MS, São Luiz – MA, Palmas –TO e Fpolis – SC.  
Medalha Rui Barbosa – Águia de Haia pela Organização Mundial dos Defensores dos Direitos Humanos – OMDDH  
Título de Embaixadora da Paz pela Organização Mundial dos Defensores dos Direitos Humanos

Título de Destaque Cultural em 2017, pela Organização Mundial dos Defensores dos Direitos Humanos

Título Amigo da Cultura pelo Grupo de Poetas Livres.

Participação em 62 Conferências, Fóruns, Encontros em diversas cidades da Federação

– Assinado pelo Senhor L Presidente Vieira da Silva. Presidente do INCRA por ocasião dos serviços prestados no trabalho para Eletrificação Rural em Santa Catarina

– Assinado pelo senhor Helmuth Wiese – Presidente da Confederação Brasileira de Apicultura por serviços prestados por ocasião do Congresso Brasileiro de Apicultura em 1984,

– Assinado pelo senhor Antônio Carlos Konder Reis – Governador do Estado de Santa Catarina pelos trabalhos prestados à ERUSC em 1976.

Elogios

Atualizado em 30-04-2018

*Osmarina Maria de Souza*

## **Cadeira nº 20 – João Nicolau Born**

João Nicolau Born filho do prussiano Johan Gehardt e Maria Gertrudes Lenhardt que migrou para o Brasil se estabelecendo na região de São Pedro de Alcântara onde nasceu João Nicolau Born, em 20 de junho de 1845. Ajudou seu pai na agricultura e assim continuou sua vida plantando e descendo a calha do rio com suas

mercadorias para vendê-las na foz do rio ou atravessando a baía para levá-las à vila de Florianópolis.

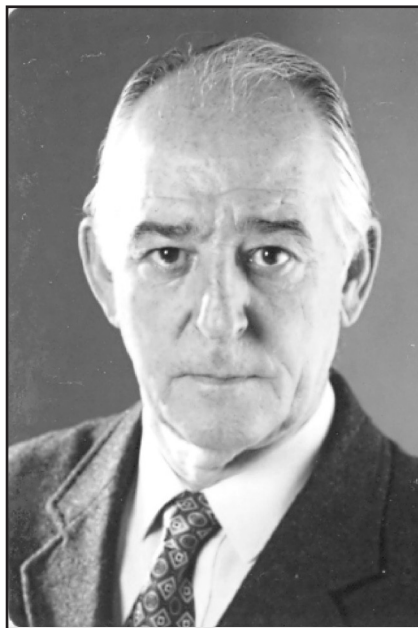
Mais tarde mudou-se para Biguaçu e em 1874 construiu sua casa comercial. Mais tarde construiu ao lado o casarão, para sua residência e que hoje abriga a Casa da Cultura da cidade e a Academia de Letras.

Tornou-se político e foi o primeiro Superintendente da Vila, eleito em 1895, o que corresponde ao hoje cargo de Prefeito. Foi ele quem articulou com o Governador Antônio Moreira Cesar a transferência da sede da vila de São Miguel para a Foz do Rio Biguaçu. O documento de transferência foi assinado no dia 22 de abril de 1894 cujo documento recebeu o número: 183.

João Nicolau faleceu em 30 de janeiro de 1911 deixando seu nome na história da cidade de Biguaçu.

**ORIVAL PRAZERES**

**Cadeira nº 21**



### **O Aleijadinho da Fazenda**

Patrono, Jorge Lacerda.

Meu agradecimento especial ao amado e dedicado irmão, Ozildo José Prazeres, por sua disposição nos trabalhos de identificação e elucidação dos fatos, nomes, datas e relações de parentescos dos familiares de Tio Zeca, através de pesquisas documentais e entrevistas, essenciais para esta justa homenagem, num momento muito particular de minha vida.

Muito conhecido e respeitado pelas pessoas de Biguaçu nos anos de 1950-1960, que sabiam de suas origens na localidade de Fazenda, tio Zeca nasceu com necessidades físicas especiais. Foi o último filho do casamento de Liberato Joaquim de Carvalho e Joaquina Regis Carvalho (primeiro casamento) e irmão de minha avó, Zulma Joaquina Carvalho de Faria. O infortúnio da condição da deficiência física do filho José Liberato de Carvalho, o tio Zeca, parece ter sido a causa de rejeição de sua mãe, minha bisavó Joaquina, que abandonou o lar com um empregado do casal.

Meu bisavô Liberato Carvalho era conhecido em toda a região, por ser um homem respeitado e de grande conceito e influência na Fazenda, localidade ainda hoje integrante do distrito de Sorocaba do Sul, proprietário de grandes áreas de terras férteis, próprias para o cultivo de arroz e outras lavouras e gado, situadas em toda a extensão da estradinha de acesso à Fazendinha, localidade limítrofe a poucos quilômetros da sede do município de Biguaçu.

Para quem vem de Sorocaba pela Estrada Geral, descendo a serra da Fazenda, descortina-se à direita um grande vale que se estende para o Sul e em direção às terras da Fazendinha, a Oeste. Ainda hoje muito utilizada, essa estrada estadual ligava pelo litoral todo o sul do Brasil ao Paraná e São Paulo, perdendo sua relevância a partir do ano de 1960 com a construção da atual rodovia federal BR 101. Dominando a grande área de terras ficava a casa-fazenda de Liberato Joaquim de Carvalho, pai de minha avó materna, Zulma Joaquina de Carvalho e, portanto, meu bisavô materno.

A casa-fazenda do vô Liberato tinha cores amarela e marrom, varandas para o Leste, sobressaindo-se na

antiga paisagem pobre do lugar – um vale que se estendia em direção Sul, no sentido da sede do município de Biguaçu, adentrando a Oeste para as atuais localidades de Fazendinha e Encruzilhada de Três Riachos. Consta que, hoje, parte ou totalidade dessa área pertence ao empresário Anselmo João da Silva, proprietário da empresa Marmoraria Florianópolis.

Tio Zeca, de nome José Liberato de Carvalho, nasceu e sempre viveu na localidade de Fazenda, amparado por familiares e pessoas amigas da localidade, e vivendo só, boa parte do tempo, numa casinha de madeira, em terreno possivelmente de propriedade de seu pai Liberato, nas proximidades da propriedade do extremante Eloi Mendes, pequeno agricultor local, que ali viveu do seu trabalho e dos filhos, e que, ainda hoje, mantém a propriedade localizada bem próxima do início da subida da serra da Fazenda, no sentido Sorocaba.

Tio Zeca nasceu com deficiência física em ambos os pés e pernas, que o impediam de movimentar-se normalmente. Era de estatura pequena e magro. Locomovia-se arrastando-se pelo chão, de “gatinhas”. Era um homem franzino, muito falante e por vezes ríspido no uso das palavras quando não concordava com os fatos ou conversas que lhe eram trazidas pelas pessoas à sua volta, sem que isso o tornasse uma pessoa mal humorada. Pessoa de difícil comunicação, talvez pelo seu estado físico e temperamento forte, comportava-se muitas vezes com certa rispidez. Usava em seus deslocamentos uma pequena troucha pendurada ao pescoço, onde carregava seus pertences. Suas roupas de vestuário eram muito simples, feitas com panos baratos, camisa riscadinho, sem gola e paletó curto sem qualquer revestimento contra o frio. Essa condição, no entanto, não o impedia de visitar as



peças de suas relações familiares em Biguaçu, como a casa de meus pais, Esmeraldino e Georgina Faria Prazeres, o fazendo com certa frequência, quando aproveitava suas andanças para eventualmente receber a ajuda e a caridade dos negociantes e transeuntes, esmolas de um modo geral, compadecidos diante de seu estado de pobreza e sofrimento, inclusive no centro de Florianópolis. Não usava carrinho, muletas ou qualquer outro meio de ajuda para sua locomoção. Como um andarilho, locomovia-se aos rastros, quase rastejando pelo chão poeirento e sujo das estradas, ruas e calçadas e usando, apenas, sandálias ou chinelos para proteger as mãos. Fumava cachimbo, um pequeno aparelho rústico de madeira mais dura e à venda em bares e armazéns de secos e molhados. Num certo tempo ganhou de parentes um par de joelheiras e luvas, facilitando-lhe por certo suas dolorosas movimentações.

Dentre as muitas informações colhidas sobre a personalidade de Tio Zeca, é relevante registrar, igualmente, o seu caráter generoso, dedicado especialmente a uma família da comunidade de Fazenda que ele muito gostava (ainda não foi possível apurar o nome dessa família local), e que lhe garantiu hospitalidade e assistência pessoal por algum tempo, até o final de sua vida, quando tragicamente Tio Zeca foi atropelado ao retornar à sua casa, após suas andanças em Biguaçu e Florianópolis. A essa família, que segundo relato de sua sobrinha Elza Carvalho, Tio Zeca contribuía regularmente com o resultado de suas economias e discreta mendicância. Sabe-se que sua renda também provinha de uma pequena aposentadoria do governo. Não se sabe ao certo qual o seu valor e periodicidade. Não deveria ser nada expressivo. Era muito cioso com o seu “dinheirinho” e minha mãe

tinha muita preocupação com o que poderia acontecer ao Tio Zeca por pessoas mal intencionadas. Minha mãe contava que Tio Zeca pedia-lhe que ela zelasse pela guarda de suas economias, o que de pronto ela lhe mostrava a inconveniência de tal mister, alegando a distância onde ele morava e outras razões, quando as necessidades acontecem sem aviso prévio.

Algumas outras famílias, que também o hospedavam temporariamente em suas visitas costumeiras, Tio Zeca dedicava grande afeto e amizade, não deixando de visitá-las regularmente, entre as quais sua irmã Maria do Carmo, filha da segunda esposa de Vô Liberato, Maria Joaquina Lopes, conhecida por Vó Bilica. Também a sobrinha Elza, filha da irmã de Tio Zeca, Nila Carvalho Marques, sempre foi por ele visitada, inclusive tendo morado temporariamente em sua casa. Segundo informações colhidas, Maria do Carmo, cumprindo ordens de sua mãe, junto com o seu sobrinho Valério Carvalho, quase diariamente o levavam mantimentos e água pelas manhãs e ao entardecer. Raramente o encontravam em casa ao meio dia, período em que já se encontrava em suas andanças. Valério é pessoa muito conhecida em Biguaçu, por seus serviços prestados por longo período à empresa INPLAC.

Finalmente cito meus pais, Esmeraldino Prazeres e Georgina Faria Prazeres, ela sua sobrinha, que sempre o acolheram durante suas andanças por Biguaçu, garantindo-lhe o banho recuperador, novas roupas, alimentação e hospedagem. Era bastante comum a visita de Tio Zeca à nossa casa. Minha mãe se desdobrava garantindo-lhe a assistência como se fora um filho. Ele normalmente chegava imundo, pelo suor e poeira acumulados, sendo recebido sempre por meus pais com todo o respeito e amor.

Toda a minha família conhecia bem o Tio Zeca, tantas foram suas visitas à nossa casa em Biguaçu. Éramos onze filhos, todos residindo sob o mesmo teto, além de uma tia, Catarina Faria, irmã de nossa mãe, também portadora de necessidades especiais desde os seus primeiros anos de vida, desprovida dos movimentos das pernas e braço esquerdo, e mantida por nossos pais desde ainda criança, quando já possuíam os dois primeiros filhos, Odir José Prazeres e Orival Prazeres. O relato de minha irmã Arlete, lembrando as visitas costumeiras de Tio Zeca, conta-nos que meu pai, Esmeraldino Prazeres, com suas brincadeiras em família, costumava “enticar” com a cunhada tia Catarina, dizendo-lhe em tom provocativo para vê-la retrucar como sempre o fazia: “Olha, Catarina, teu namorado tá chegando!...”, ao que a tia imediatamente respondia: “já tô alejada, vou querer homem alejado!?, né Lete ...? ( referindo-se à minha irmã Arlete ou quem das sobrinhas menores estivesse por perto). E se dirigia novamente ao pai, como sempre nessas ocasiões: “Ô seu degaçado, hás de morrer seco”. Era um momento de descontração que meu pai provocava sempre nas visitas de Tio Zeca, antes que o mesmo fosse recebido em casa. Mera brincadeira! Uma marca de meu pai, sempre brincalhão em família, como fazia também com sua sobrinha Euzinha, falecida em 2017. Euzinha também com necessidades especiais em um dos braços, vizinha que nos visitava diariamente, invariavelmente apresentava pequenas rugas na testa quando se aproximava de meu pai, já esperando uma provocaçãozinha tipo... “cuidado hoje ela tá braba!”, o que a fazia imediatamente voltar-lhe às costas, se achegando até minha mãe. Euzinha não saía lá de casa. Durante muitos anos, viveu a orfandade, sob o zelo e segurança de vida patro-

cinada por seus sobrinhos Elder Prazeres de Faria e Eloara Prazeres de Faria Goulart, na mesma casa de seus pais falecidos, cuidada diariamente por uma “profissional”, que lhe fazia companhia diuturnamente. Euzinha era filha de tio Eutíchio Prazeres, profissional latoeiro, e Luiza dos Reis Prazeres, conceituada professora do antigo Grupo Escolar Professor José Brasilício, e irmã da professora Eloísa Prazeres de Faria, também com exercício no mesmo estabelecimento, construído no Governo Getúlio Vargas, atualmente Escola Estadual Básica no centro do Biguaçu.

### **A morte trágica de Tio Zeca**

Era natural, mesmo naqueles tempos, a ocorrência de assaltos a pessoas e estabelecimentos. Imagine as situações envolvendo uma pessoa desprotegida e frágil como o Tio Zeca, por vezes visto só, a locomover-se entre a localidade de Fazenda e Biguaçu e vice-versa, indefeso. Sabe-se que foi assaltado algumas vezes, ocasiões em que levavam toda sua fêria do dia, guardada na trouxa pendurada ao pescoço. Teve um final trágico. Foi atropelado numa das noites em que retornava para casa na Fazenda, em local próximo da casa onde morava. Segundo informações prestadas por sua irmã, Maria do Carmo, “numa das noites em que retornava para casa, ao descer do ônibus da linha Correio da Noite, que costumeiramente utilizava, tenha o mesmo causado o atropelamento, acreditando-se que ao deixar o ônibus, possa ter-se desequilibrado numa lombada da sarjeta da estrada, rolando para debaixo do ônibus sem que tenha sido percebido”. Não houve testemunhas, ou, pelo menos, os familiares e a família com a qual residia na ocasião, não tiveram

conhecimento real dos fatos que o levou a óbito. Desconhecem-se detalhes. Não deve ter havido investigações sobre o triste acontecimento.

No entanto, outra versão sobre o atropelamento, esta relatada por sua sobrinha Elza, conta que Tio Zeca poderia ter sido atropelado por um caminhão, cujo motorista o teria confundido com um “animal pequeno”, conforme conversas num bar local, feitas pelo motorista, dias após o acidente. Imagina-se que o corpo ou parte dele foi esmagado pelas rodas do ônibus ou caminhão, pouco restando de tecidos e ossos que pudessem ajudar no reconhecimento pelas autoridades. Além da fragilidade e dimensões da estrutura óssea, pode-se imaginar o estado geral do cadáver baixado ao túmulo em seu sepultamento.

Consta que o corpo tenha sido transladado ao Instituto Médico-Legal (IML), na Capital, e de lá conduzido imediatamente ao Cemitério Municipal de Biguaçu, onde foi sepultado sob as expensas de meus pais, em local ao lado do atual jazigo da família Faria Prazeres, onde naquela época, na década de 1960, havia os túmulos de nossos avós paternos, Hermógenes José dos Prazeres e Francisca Amélia Prazeres. Segundo informes de sua sobrinha Elza, Tio Zeca faleceu na segunda quinzena de junho ou primeira de julho de 1964, ocasião em que se encontrava de “resguardo” de seu filho Antônio, hoje com 54 anos e que nasceu no dia 10 de junho de 1964. Poucos familiares estiveram presentes ao sepultamento de Tio Zeca, sabendo-se, apenas, segundo essa sua sobrinha, da presença de seu irmão Antônio Liberato de Carvalho (Nico) e de sua esposa Isaltina, além de nossa mãe Georgina, sua sobrinha, e de nosso pai, Esmeraldino Prazeres.

Também se desconhece ter havido velório do corpo de Tio Zeca, certamente pelas circunstâncias dos fatos. O certo é que nossos pais, na época, adotaram as providências legais vigentes, regularizando a situação junto à Prefeitura Municipal e construindo um pequeno túmulo com o nome completo de Tio Zeca, em cuja lápide meu pai gravara: JOSÉ LIBERATO CARVALHO, possivelmente com as datas de nascimento e morte, apagadas pelo tempo. Atualmente, cinquenta e dois anos após o sepultamento, o pequeno túmulo não mais existe, e ao local foi dado nova destinação para abrigar familiares, segundo orientação em vida de minha mãe Georgina Faria Prazeres, tudo realizado cumprindo-se normas da Prefeitura Municipal. O nome de Tio Zeca será preservado na lápide do túmulo que vier a ser construído pela família beneficiária e, se possível, colocada a pequena e singela lápide atual, com o seu nome inscrito, no interior do futuro mausoléu. Atualmente, o local que já abrigava os túmulos da família Hermógenes José dos Prazeres e Francisca Amélia Prazeres, meus avós paternos, foi transformado no jazigo da Família Faria Prazeres, possivelmente em 2012, onde agora se encontram, também, os restos mortais de meus avós maternos, Joaquim Pereira de Faria e Zulma Joaquina Carvalho de Faria, além de meus pais, Esmeraldino Prazeres e Georgina Faria Prazeres, recentemente falecidos em 2010 e 2014, respectivamente.

## **Espiritualidade e Reflexões**

Mantenho muito vivos alguns dos momentos das andanças de Tio Zeca em Biguaçu e visitas periódicas aos meus pais. Desde sua morte já se passaram cinquenta e

quatro anos. Sinceramente, meus poucos anos de convivência entre 1952 (estava com quatorze anos e acabara de sair do Seminário de Azambuja) e 1964 quando de sua morte por atropelamento, além das poucas lembranças, nenhuma que me recorde momentos de maior aproximação e intimidade. Não que fosse insensível ao seu sofrimento, quem sabe a exposição me fosse incômoda diante das pessoas e amigos. Teria sido preconceito, discriminação?!. Não lembro dos fatos do atropelamento e sepultamento. Na época, em 1962 e 1964, levava minha vida no meio acadêmico na Universidade, descobrindo os livros e os caminhos do liberalismo e do socialismo, participando da política universitária e iniciando as primeiras incursões para uma opção ideológica que incorporasse minha formação familiar e religiosa e os conceitos de política e democracia compatíveis com a cidadania e sentimentos cristãos de nosso povo. Desde o primeiro momento participei ativamente da política estudantil na minha Faculdade, sempre como membro do Centro Acadêmico, inclusive como Presidente em 1963.

Por outro lado, a prisão nos primeiros dias do regime militar em abril de 1964, a perda do emprego público na SUPRA em 1965, a intervenção pelos serviços de segurança e informação dos campos de estágio da Escola de Serviço Social, onde me encontrava realizando a última etapa do curso superior, os inquéritos político-militares presididos pelo comando do então 14º Batalhão de Caçadores do Exército (atual 63º RI) e pela Reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina em 1964/1965, tudo sob o clima de terror e preocupação em relação ao futuro incerto, passaram a influenciar minhas relações pessoais com a comunidade em Biguaçu e todo o meu desempenho acadêmico, funcional e profissional em Florianópolis.

lis, inclusive com a paralização do curso acadêmico e distanciando-me ainda mais do cotidiano de minha cidade. Portanto, foi um período angustiante sobre os rumos de minha vida, cujo foco se concentrava em conseguir trabalho e novas expectativas de construção de uma vida produtiva e digna. Essa oportunidade chegou em setembro de 1965, através do amigo Sérgio Locks, sob orientação de seu pai, Lauro Locks, então Secretário de Estado da Educação, quando fui inscrito em concurso e testes promovidos na Capital pelo Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (IBRA), para a realização do primeiro Cadastro de Imóveis Rurais no país, base para as ações de reforma agrária no território nacional. A partir daí e desde então minha vida ganhou um novo horizonte, pelo significado do meu trabalho e envolvimento direto de minhas ações para o desenvolvimento do país, que até então vivia sob fortes pressões populares em favor das reformas de base, entre as quais a reforma agrária.

Foi nesse ambiente em que buscava construir os sonhos de cidadania, pelo estudo da história e ciência política num mundo recém-saído de duas guerras mundiais, sob o clima da chamada guerra fria, que dominava as relações internacionais nos anos de 1950/1960, que esses fatos da vida de Tio Zeca vinham acontecendo e por mim muitas vezes ignorados. Nem sua morte em 1964 foi por mim lembrada ou tenha merecido um momento de consternação pessoal. Nada fazia lembrar-me do episódio de sua morte e sepultamento. Somente mais tarde, quando do retorno de Brasília em 1987, após viver em Belo Horizonte e atuado pelo INCRA em todo o Norte-Nordeste, é que retomei a vida junto com minha família e a cidade que me viu crescer e que me preparou para os desafios da vida.



Em 1991 me aposentei no INCRA, quando iniciei novas experiências profissionais, atuando na política em Biguaçu e, após, na iniciativa privada em empresa de administração de terras em Curitiba, quando exerci durante 03 meses, em 1993, as funções de Consultor em projeto de organização e administração de terras no Estado de Roraima, no extremo norte do país, objetivando definir as bases do Sistema Fundiário de Roraima, com a fundação do Instituto de Terras de Roraima – ITERAM.

Encerrada a missão em Roraima, retorno a Florianópolis, onde passei a atuar a convite do Professor Jacó Anderle, como Gerente de Projetos da Delegacia da Legião Brasileira de Assistência (LBA), até sua extinção em 1995. Nesse mesmo ano, passei a atuar na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, como Chefe de Gabinete. Depois de cumprir missão como Secretário Executivo no PSDB de Santa Catarina, entre os anos de 2000 e 2003, sou convidado pelo Professor Jacó Anderle, novo Secretário de Estado da Educação, para ser seu Chefe de Gabinete. É, quando, ao final de 2004, início de 2005, um fato transcendente começa a formar-se com a notícia de grave doença: o professor Jacó Anderle estaria com um tumor maligno no lóbulo superior direito de um dos pulmões. O início do tratamento oncológico foi imediato, mas o caso inspirava muitas preocupações. Na ânsia de ajudar, procuramos, eu e minha esposa, Maria Helena de Lara Prazeres, levá-lo a buscar também um tratamento alternativo. Como levá-lo a essa decisão? Minha experiência pessoal com o tratamento alternativo do câncer, em 1980, em Belo Horizonte, me movia no sentido de convencer a família de Jacó. Sua fidelidade ao catolicismo era uma barreira de difícil transposição. A fé é essencial sempre.

Nessa ocasião, eu e minha esposa havíamos obtido informações animadoras sobre ações de cura ocorridas sob o tratamento da Instituição Cidade da Esperança, em Rancho Queimado. Decidimos visitar o local, formado por várias construções simples de alvenaria, bem cuidadas, não deixando dúvidas que se tratava de uma organização séria e bem gerida administrativamente. Ao se chegar ao local, por volta de 7h da manhã, cada pessoa registra seu nome em livro próprio para as triagens necessárias, acomodando-se cada qual nas cadeiras no amplo auditório, para as informações iniciais e orientações sobre a estrutura, finalidades institucionais, o seu funcionamento e atendimento a todos. Com certa ansiedade, todos aguardam a fala final daquele que presidia a recepção, Irmão Luciano, que se pronuncia serenamente, com autoridade e conhecimento. Ao final de suas palavras, as pessoas em tratamento se dirigem aos seus locais pré-determinados e iniciam-se as chamadas dos novos casos, segundo critérios de chegada e necessidades pessoais. Eu e minha esposa, já próximo ao meio-dia, finalmente somos chamados. Acompanhados por um dos muitos voluntários, somos dirigidos a um recinto onde se realizava um trabalho de cura em paciente deitado numa maca, os médiuns concentrados em preces com as mãos em imposição sobre seu corpo. O silêncio era absoluto. Continuamos sendo levados até outra sala, onde nos deparamos com uma biblioteca e mesa de escritório. Havia muitos livros e alguns objetos simbólicos que denunciavam o caráter e as ideias do Irmão dirigente, notoriamente um iniciado e estudioso da Espiritualidade. Sentamo-nos nas duas cadeiras que nos foram indicadas e que compunham o local da mesa de trabalho do escritório. Ficamos aguardando por alguns instantes e, inesperadamente, uma voz

familiar ressoa às nossas costas, com palavras suaves, pronunciadas com candura e amor, imediatamente por mim reconhecidas, transportando-me ao passado longínquo e inimaginável. De súbito, emocionado e surpreendido, às lágrimas, tentei levantar-me e disse: “tio Zeca!, tio Zeca!”. Não! Não havia dúvidas: era a voz de tio Zeca, que se manifestava através do mensageiro e venerável Irmão Luciano, ali presente, um desconhecido que jamais mantivera qualquer contato. Suas palavras eram de agradecimento por supostas ajudas que lhe havia prestado e que eu permanecesse em paz, nada havia a temer e que eu estava bem! Disse-lhe aos prantos “que nada havia a agradecer-me, que não tinha lembranças de haver manifestado qualquer gesto de amor, que sempre o tratara sem maior carinho, nem lembrava de ajudas feitas a ele em vida”. A emoção me dominava, e aos prantos agrade-ci-lhe e pedi perdão. Em seguida, outra voz inconfundível se fez ouvir, e novas emoções dominaram àquela experiência transcendental vivida naquele local abençoado.

Essa é uma história real. Desde então, sempre vi-sito o túmulo de tio Zeca nos dias de Finados, levando minha gratidão e preces. E sua imagem permanece viva em meus pensamentos.

Biguaçu, 08/Jul/2018

## **Síntese Biográfica de Orival Prazeres**

Filho de pais biguaçuenses: Esmeraldino Praze-res (In memoriam) e Georgina Faria Prazeres (In memo-riam). Segundo de uma família de 12 irmãos, é natural de Brusque (SC), nascido em 15/02/1938.

É casado com Maria Helena de Lara Prazeres e possui quatro filhos: Sandro, Luciano, Daniela e Cristina, possuindo quatro netos: Mateus, Igor, Davi e Luiza.

Assistente Social, graduado em 1975 pela Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Minas Gerais, em Belo Horizonte. O Curso de Serviço Social, teórico e prático, foi cumprido na Faculdade de Serviço Social de Santa Catarina, agregada à Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, no período entre 1962 e 1964, quando foi interrompido pelo golpe militar, com sua prisão em 07 de abril de 1964.

Aposentado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA em 1991, após mais de 35 anos de serviços prestados como servidor público municipal, estadual e federal. No exercício de suas funções no órgão federal durante 31 anos, atuou em Florianópolis-SC (1960-1971e 1987-1991), Belo Horizonte-MG (1971-1976) e Brasília-DF (1976-1986).

No INCRA, em Belo Horizonte e em Brasília, exerceu importantes funções técnico-gerenciais, como Assistente Geral da Autarquia em Minas Gerais, Coordenador Técnico Nacional do Programa de Regularização Fundiária na Amazônia Legal e Faixa de Fronteiras, Coordenador Geral Adjunto do Projeto de Regularização Fundiária no Nordeste do Brasil, financiado pelos Bancos Interamericano de Desenvolvimento – BID e Banco Mundial – BIRD e Diretor Adjunto Nacional da Diretoria de Integração com os Estados e Territórios.

Administrou o INCRA em Santa Catarina como coordenador do Projeto de Cadastro e Tributação Territorial Rural (1966 a 1971) e Chefe de Planejamento da Superintendência Regional no Estado (1988 a 1990), quando aposentou-se em 1991, aos 53 anos de idade.

Concorreu em 1992 à Prefeitura Municipal de Biguaçu como candidato da Coligação Frente Popular, representando o Partido da Social Democracia Brasileira, sendo ainda um dos seus dirigentes municipais.

É membro fundador de importantes instituições da cidade: Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB, Rotary Club de Biguaçu, Grupo ARCOS Pró-Resgate da Memória Histórica, Artística e Cultural de Biguaçu e da Rádio Comunitária Biguaçu FM.

Participou como convidado, junto com vários e renomados autores, da edição do livro Salim na Claridade, em homenagem ao Escritor, Jornalista e Animador Cultural SALIM MIGUEL, em seus 50 Anos de Atividade Literária, representando seus amigos na prisão por ocasião do Golpe Militar em 1964, com o texto “Vinte e Oito Dias”, páginas 37 a 40, organizado pelo escritor Flávio José Cardozo e editado pela Fundação Catarinense de Cultura (Edições FCC), 2001.

Com o texto “Fragmentos históricos do INCRA e da reforma agrária”, páginas 239 a 251, participou do livro MEMÓRIA INCRA 35 ANOS, produzido e organizado pelo Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural – NEAD, editado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário/INCRA – Brasília-DF, 2006.

Participação na publicação da 8ª produção antológica da Academia de Letras de Biguaçu, com o título “Os Quinze Anos”, relatando um breve histórico sobre o “Grupo ARCOS, Biguaçu e Cidadania”, editado em 2011.

Na 9ª Antologia publicada pela Academia, editada em 2012, apresentou o tema sob o título “1964, Prisão em Biguaçu? – A Vida na prisão”, um relato de sua detenção e prisão pelo regime militar que governou o País durante 25 anos.

Na Edição da Academia de Letras de Biguaçu, 10ª Antologia editada em 2013, sob o título “Quem Somos Nós”, participou com um relato auto-biográfico, focando o seu retorno a Santa Catarina após dezessete anos atuando em Belo Horizonte e Brasília, o reencontro em 1987 no INCRA em Florianópolis, com o ex-seminarista e Professor da UDESC e UFSC, Jacó Anderle, sociólogo e cientista político, quando estabeleceu-se intenso convívio no trabalho e na política, até sua morte em 2005, quando no exercício de Secretário de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia.

Pertence à Academia de Letras de Biguaçu, ocupando desde 2008 a Cadeira nº 21, Patrono Jorge Lacerda. Possui vários artigos publicados sobre política, ética e cidadania. O livro “A Saga do Casarão Born”, editada em 2009, foi sua primeira obra literária. Em 2014 lançou seu segundo livro: “Salve, Salve, Social Democracia – a História dos 25 Anos de Fundação do PSDB de Biguaçu”. No prelo, para lançamento em Junho/Julho de 2018, o livro “O Nosso Negócio é Fazer o Bem – A História dos 30 Anos de Fundação do Rotary Club de Biguaçu”. Em fase final de construção, o livro de memórias: “Autobiografia de Orival Prazeres ... Discípulo de Jacó”.

*Julho de 2018.*

**ADRIANA COSTA ALVES**

**Cadeira nº 23**



### **Quando nasce uma escritora...**

Corria o ano de 1982. Nesta época contava eu com 14 anos de idade. Aluna do primeiro ano do segundo grau científico, como era chamado na época, o atual ensino médio, na Escola Técnica de Comércio de Tubarão (ETCT).

Eis que, nesta época, um aluno da 8ª série, hoje, atual ensino fundamental, faleceu em morte de trágico desfecho quando, no auge dos hormônios e da inocente incoseqüência, dirigia um trator pertencente à seu pai,

sem, obviamente, a anuência do mesmo. Fato este que chocou toda aquela comunidade escolar.

E a mim, não foi diferente! Desde muito pequena, já dotada de grande fertilidade imaginativa, facilidade de escrita e naquele momento, grande sensibilidade, escrevi sem dificuldade, um poema que me surgiu como um bálsamo para o alívio das dores do coração e da alma.

E qual não foi minha surpresa quando o professor de Língua Portuguesa da época, posteriormente escritor e professor da Universidade Federal de Santa Catarina, Pedro Albeirice e a quem eu havia mostrado meu singelo poema, chamou-me em particular elogiando minha pequena grande obra e perguntando se eu gostaria de compartilhá-lo com os colegas da minha classe e da classe do falecido.

Aceitei prontamente... E pronto! Mais lágrimas e elogios. Em seguida, o professor chamou meus pais e disse à eles da minha dedicação e escrita primorosa e que ali poderia estar nascendo uma nova escritora. Mais elogios e desta feita, daqueles que me deram à vida e a quem eu considerava e considero mais do que quaisquer outras pessoas no mundo.

Mas o fato passou sem cair no esquecimento e com ele, o tempo... Até que... Corria o ano de 1986 e nesta época minha família já havia mudado de residência para Florianópolis, e eu, com 18 anos de idade freqüentava o último ano do curso de Magistério do Colégio de Aplicação da Udesc.

E novamente, a disciplina que eu mais gostava e me identificava, era justamente a Língua Portuguesa, principalmente as aulas de literatura, onde “Olhai os lírios do campo” de Érico Veríssimo e “Amor de Perdição” de Camilo Castelo Branco, eram devorados num piscar de olhos, como tantos outros...



Nesta época, a “grande” professora Olga, grande em capacidade, sensibilidade e conhecimento pediu que fizéssemos uma redação com um tema livre. Neste dia, lembro-me bem, fui para casa empolgada e não tardei a escrever as duas folhas de papel almaço (na época, nem se ouvia falar em computador) que me valeram belíssimo elogio. Ao pé da folha, sobre a bem escrita assinatura da professora, estava: “Belíssima forma de escrever, bem ao estilo de Érico Veríssimo!!!”

Neste momento, tive a certeza, de que realmente estava no curso certo da minha vida e da longa caminhada que havia iniciado quatro anos antes. Ou seria desde o berço? Veremos...

E já corria a segunda metade do ano de 1992. Nesta época contava eu com 21 anos, flor da idade e aluna do curso de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E, devo confessar, que as cadeiras de literatura, todas, sem exceção, continuavam sendo as minhas preferidas e com as quais eu me identificava, por assim e por sempre dizer.

Adorava as histórias, os romances e os livros... E minha imaginação que continuava fértil... Sempre me saía bem quando o assunto era a criação de pequenos textos e resenhas de livros belos e obrigatórios nas disciplinas.

Até que... Num belo entardecer, de um certo dia da semana, a professora de literatura portuguesa, após uma aula em que a personagem fatal era ninguém menos que Inês de Castro, pediu-nos que fizéssemos um poema sobre um bailado e que este seria o trabalho final de sua disciplina.

E assim, como há três anos, cheguei em casa e fui logo escrevendo o tal poema. Como já mencionei antes, a

imaginação sempre me fluiu de forma sensível e natural e mais uma vez, escrevi os versos que logo se transformaram no poema do bailado.

Transcorrido mais um mês, chegava enfim, o final do semestre. E então, a professora doutora em Literatura Portuguesa, Maria Emília Luenemberg, marcou o dia para entrega dos trabalhos e notas finais em sua própria sala.

Era um dia de calor intenso e os alunos se abarrotavam à frente dos gabinetes dos professores, ansiosos por saberem suas notas e se haviam sido aprovados para o semestre seguinte. Comigo, não era diferente. E após ter passado por três salas de três professores distintos, cheguei finalmente a sala da professora Maria Emília.

Ali também, os alunos aguardavam ansiosos enquanto a professora chamava-os aleatoriamente pelo primeiro nome para entrega das notas e trabalhos. Quando chegou minha vez, a professora levantou os olhos e repetiu: Adriana Costa. Quem é? Então, meio tímida, no meio de todo aquele burburinho, aproximei-me com o coração aos saltos e a pensar, se teria sido aprovada.

Mas foi então, que veio a surpresa maior... A professora, olhando-me bem e diretamente disparou: “Gostei muito do seu trabalho sobre o poema. Você é uma escritora nata! Tem futuro! Vá por mim que sei bem o que digo!

Nem é preciso dizer, o quanto feliz fiquei! Meu dia, melhor, meu semestre estava ganho. E assim, fatalmente, nascia uma escritora. Desse dia em diante, dediquei-me ainda mais a arte da escrita.

Passei a escrever contos, muitos deles, baseados em história verídicas, outros, tão somente na confiança da minha imaginação fértil. Se desde o berço? Penso que pode-se dizer que sim.

E só para constar, desde tenra idade e aí refiro-me a seis ou sete anos do início da minha vida, eu já adorava ler e assistir contos de fadas e de fantasmas, o quanto me era permitido para depois imaginar belas ou assustadoras histórias que eu costumava contar para as minhas bonecas e amigas.

Então sim, se minha paixão sempre foram os livros e a escrita e se minha sensibilidade e capacidade me levaram por um mundo indescritível de fantasias imaginárias ou não, agradando à muitos e muitas, devo agradecer à Deus e admitir que sim, já nasci escritora.

*Adriana Costa Alves*

## **Síntese Biográfica de Adriana Costa Alves**

Formada na Universidade Federal de Santa Catarina no curso de Pedagogia com habilitação em Educação Especial, Séries Iniciais e Orientação Educacional e pós-graduada pela Universidade do Sul de Santa Catarina em Psicopedagogia Clínica.

Atualmente: Professora de Educação Especial da Prefeitura Municipal de Biguaçu, publicou seu primeiro livro *A Porteira da Morte e Outras Histórias*, primeiramente em capítulos no *Jornal Biguaçu em Foco* e lançado posterior e virtualmente pela vitrine da *Amazon.com* no ano de 2015. Também escreve editoriais diários e crônicas publicadas no *Jornal Biguaçu em Foco* desde o ano de 2013.

Lausimar Laus – Patronesse da cadeira de número 23 da Academia de Letras de Biguaçu.

Nasceu em Itajaí (SC) em 1916 e ainda jovem foi residir no Rio de Janeiro. Jornalista e professora univer-

sitária, colaborou em vários jornais e revistas, publican-  
do seu primeiro título Fel da terra, em 1958, e os ou-  
tros após a década de 1970, Tempo permitido (1970), e O  
guarda-roupa alemão (1975). Lausimar, após uma vida  
extremamente produtiva, faleceu no Rio de Janeiro, em  
1979, deixando seu último trabalho, Ofélia dos navios, o  
qual foi publicado em 1983.

**MIGUEL JOÃO SIMÃO**  
**Cadeira n° 25**



**Dalvina dos Ganchos**  
**A Grande Personalidade literária**  
**da Comarca de Biguaçu**

Segundo registros oficiais, o processo educacional de Ganchos iniciou a partir de 1850, com professores particulares que deslocavam-se para a região, foi o caso do professor Inácio Francisco Brito que nesse mesmo ano lecionava em Caieiras e passou também a trabalhar em Ganchos.

A Freguesia de Ganchos que passa a Distrito em 1914, começa a receber apoio governamental e a criar as escolas públicas.



No ano de 1962, os bairros Ganchos do Meio e Canto dos Ganchos inauguravam seus Grupos Escolares contruídos de alvenaria. Suas estruturas eram compostas por 03 salas de aulas cada um, banheiros e gabinete de direção. Aos poucos a escola tornava-se referência na comunidade e recebia professores de diversas regiões, principalmente de Biguaçu, sede da Comarca.

No início dos anos da década de 1970, deixou de existir a nomenclatura “Grupo Escolar” e passou a ser usado “Escola Básica”. No comando da direção da Instituição Escolar, em Ganchos do Meio, foi a professora Dalvina de Jesus Siqueira, natural de Biguaçu, nascida em 23 de agosto de 1929, filha de Otávio Clemente Martins e Maria Martins. Dalvina iniciou sua profissão no magistério catarinense em 1949. A professora chega em Ganchos com uma grande bagagem de conhecimentos na

área, base para assumir à direção da escola local, e trabalhar a conscientização dos pais a favor da complementação dos estudos de seus filhos.

O recém-criado Município, a partir de 1967 muda de nome, passando de Ganchos para Município de Governador Celso Ramos, que vivia a ascensão da pesca e a maioria dos pais não faziam questão que seus filhos estudassem. Era comum falar:

“aprende a fazê o nome e fazê conta, que tá bom, aqui nos Ganchos ninguém vai criá doutô mesmo”.

Com a fartura dos pescados e com as aberturas de salgas, o município começou a caminhar bem, o que colocou em risco as salas de aulas, que aos poucos iam sendo trocadas pelos trabalhos nas salgas, onde meninos e meninas de 10 a 12 anos deixaram de frequentar à escola para trabalhar.

O olhar de Dalvina para o futuro promissor dessa juventude da época foi primordial. Mulher coragem, determinada, com a força que vinha de dentro, encarava o mundo e adaptava-se em qualquer situação.

E foi assim, que com sua força e dignidade soube enfrentar os “gancheiros”, que na época mantinham status de valentes e que ignoram essas situações voltadas a escolas.

Dalvina como diretora começou a visitar as famílias. Jantava, almoçava na cada de um, na casa de outro, tornando-se assim uma gancheira por convicção e a mais respeitada das diretoras que ali atuou. Tinha cautela em falar com os pais e falava a linguagem que eles gostavam de ouvir. Era com o jeitinho dócil da mulher biguaçuense que ela encarava os problemas entre escola e comunidade. Nas reuniões de pais, conseguia encher a sala, coisa que não era comum

A direção de uma escola requer alguns cuidados especiais, principalmente a questão da conciliação entre pais e professores, muitas vezes resultando em problemas por mal entendidos entre alunos. Dalvina tinha o cuidado de viver a escola como mediadora, protegendo as crianças, mas sempre apoiando os professores.

Na escola de Ganchos, ela foi um exemplo a ser seguido como diretora escolar. Nos dias frios de inverno sua alma chorava ao ver crianças subindo o morro da escola desprotegidas do frio e da chuva, e ela com seu calor de mãe providenciava roupas que trazia para doações, agasalhando os pequenos.

Jovens que saíam da adolescência e não sabiam o norte a seguir, não querendo enfrentar o mar ou as salgas, e era a ela que eles buscavam apoio para interceder junto aos pais, para que dessem a oportunidade deles continuarem seus estudos em Biguaçu ou Florianópolis, ou até ali mesmo em Ganchos, pois muitas crianças eram obrigadas a abandonar a escola por necessidade e por falta de apoio dos pais.

Um mulher à frente de seu tempo sempre. Não esquece Ganchos e nem os gancheiros que ela teve a oportunidade de conhecer. Ainda na década de 70, já nos últimos anos, foi diretora do Colégio Maria da Glória em Biguaçu, que oferecia o curso Normal para professores, e era para lá que os gancheiros corriam, para a proteção de Dalvina.

Essa é Dalvina de Ganchos, nossa querida Estrela, Dalvina de Jesus Siqueira, que no ano de 2002, me convidou para fazer parte da Academia de Letras de Biguaçu, dessa forma, fui o primeiro gancheiro a fazer parte de uma Academia de Letras.

Desse convite, nasceu o desafio feito por ela, de criarmos em Governador Celso Ramos uma Academia de Letras, que criamos em 05 de junho de 2004, sendo ela nossa Presidente de honra.



O orgulho de ter conhecido Dalvina e ter aproveitado seu apoio me fez crescer e alavancar um grande projeto literário. Hoje confrades da mesma Academia, sou grato por sua vida e por sua sempre amizade.

Atuante na Academia de Letras de Biguaçu participando de todas as atividades, dona Dalvina também apoia as causas culturais e literárias de toda região.

Nome forte no meio cultural, ela orienta e abre caminhos aos mais jovens que buscam ingressar no meio literário através de palestras, conselhos e de suas obras que são reconhecidas por toda Santa Catarina.

## **Síntese Biográfica de Miguel João Simão**

Miguel João Simão é natural de Canto dos Ganchos, Município de Governador Celso Ramos, local onde reside.

Professor aposentado desde 2016, ocupou por 4 vezes a função de Diretor de Escola, foi Secretário de Educação em seu município, foi professor universitário e tutor de curso a distância.

No ano de 1992 foi eleito Vereador em sua cidade, tornando-se presidente da Câmara Municipal no primeiro biênio (1993/94), eleito por unanimidade dos votos de seus pares.

Assumindo a Secretaria de Educação e Cultura em 1997 organiza o primeiro material histórico e cultural de Governador Celso Ramos, baseado em recortes de jornais, entrevistas com a comunidade e alguns dados bibliográficos que existiam sobre a fundação da cidade. Posteriormente o material foi levado a uma gráfica e transformado em Livro com o título de “Ganchos: Um pedacinho de Portugal no Brasil”

Em 2001 lança o Livro “De Ganchos a Governador Celso Ramos” resgatando a história política de Governador Celso Ramos. Em 2003 lança Maria de Ganchos e em

2006 Mulheres de Ganchos. Em 2008 lança “A Saga de Zé Gancheiro e outros contos! E em 2012 o autor lança “Ganchos: Pesca, Maricultura e Turismo”.

Além dessas obras, Miguel João Simão organizou diversas Obras e participou em mais de 30 antologias.

Suas últimas participações foram: “Entre Portas e Janelas (2017) pela Academia de Letras de Biguaçu, “Pérolas da ALBSC (2017)”, o livro infantil “As Aventuras de Ze Gancheiro – A pesca” em co- autoria com a escritora Caroline Nau Lofi (2018), e Mulher Destque (Organizador) 2018.

Reconhecido por Dalvina de Jesus Siqueira, é convidado a ingressar na Academia de Letras de Biguaçu no ano de 2002, nessa época Miguel era Professor no Curso de Pedagogia na UNIVALI – Biguaçu.

Envolvido com as questões literárias encoraja-se e cria a Academia de Letras de Governador Celso Ramos no ano de 2004, empossando os primeiros 13 Acadêmicos no dia 05 de junho do mesmo ano.

Em 2008 cria a Associação dos Escritores dos Municípios da região da Grande Florianópolis, tornando-se Presidente de Honra.

Nesse mesmo ano de 2008 foi convidado por Mário Carabajal, a criar em Santa Catarina a ALBSC (Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina).

Em 2013 toma posse na Academia de Letras de Nova Trento.

Atualmente, junto com amigos das letras já ajudou a criar mais de 100 Academias de Letras em Santa Catarina, todas Seccionais da ALBSC.

## ESPERIDIÃO AMIN HELOU FILHO

Cadeira nº 28



### **Petróleo: Um novo Contestado?**

Os aspectos jurídicos e judiciais do Contestado (1912-1916) podem ser resumidos, em apertada síntese, ao seguinte: a partir da demanda catarinense, formulada pelo “gigante” Conselheiro Manoel da Silva Mafra, com sua “Exposição Histórico-Jurídica” de 1899, Santa Catarina obteve vitórias no Supremo Tribunal Federal (incluindo o advogado do Paraná, Rui Barbosa) nos anos de 1904 (decisão de mérito), 1909 (embargos alegando direito de posse) e 1910 (embargos embalados pela ideia propalada pela imprensa da Capital Federal de que Santa Catarina seria um “enclave alemão” perigoso para o Brasil). O juiz federal, Dr. João Baptista de Carvalho

Filho, sediado em Curitiba, encarregado da execução da sentença, não levou a cabo sua missão, foi denunciado por crime de responsabilidade, em 1913, e condenado a nove meses de suspensão do cargo, além de multado. Em 1916, Santa Catarina e Paraná firmaram um acordo que concedeu ao vizinho Paraná 1/3 (um terço) do território disputado e conquistado judicialmente, em última instância, por SC, naquilo que o magistral Lycurgo Costa denominou “Um cambalacho político”.

Estamos vivendo, em ritmo bem mais lento e enfrentando adversários muito mais “protegidos”, um novo Contestado: o do petróleo.

Desde 1986, Santa Catarina demonstra fundada contrariedade em relação à equivocada demarcação de nossos limites marítimos estabelecida pelo IBGE. Coube ao Governador Vilson Kleinubing, estimulado pelo deputado estadual Germano Vieira, ingressar com a Ação Cível Originária 444, em 1991. Além do Paraná, não por acaso, São Paulo é litisconsorte.

Depois de sucessivas e numerosas audiências da Bancada de Santa Catarina, conseguimos que o Ministro Luís Roberto Barroso, em 20/12/2017, entregasse seu voto (não se conhece o conteúdo) para entrar em pauta. Portanto, 26 anos se passaram desde que a ação judicial foi iniciada. Ao longo desse tempo, os primeiros poços foram explorados a partir da base operacional em Navegantes e Itajaí, sem o devido rendimento para nosso Estado.

Os pedidos de tutela para que SC tivesse asseguradas suas receitas foram recusados pelo STF. Agora, quando a produção do pré-sal desloca para o sul a distribuição de “royalties”, criando “novos e ex-ricos”, dá para entender porque São Paulo é litisconsorte.

Em síntese, Campos e Macaé simbolizaram, junto com o Estado do Rio, os ricos da primeira fase. Em 2017, para se ter uma ideia mais concreta, Maricá (RJ), referido em inesquecível conversa telefônica de Lula com Eduardo Paes, recebeu um bilhão de reais e Ilhabela, SP, recebeu 440 milhões. Os cofres estaduais de São Paulo receberam 2,5 bilhões. Em 2018 devem receber 4 bilhões. São os novos ricos. A “combalida” fazenda estadual do Rio deve receber 9 bilhões em 2018. A previsão é de que mais de 50 bilhões de reais em receitas irão para estados e municípios nos próximos cinco anos.

E Santa Catarina? Continuamos aguardando. Agora, a luta será por obter pauta para início do julgamento. É claro que os famosos pedidos de vista e outras postergações vão ser “operados” pelos nossos oponentes. Mais uma vez, vamos enfrentar interesses poderosos. Isto fica demonstrado pelo voto<sup>25</sup> do ministro Barroso, divulgado no dia 8/7/2018, que já teve pedido de vistas do ministro Marco Aurélio Mello. Mesmo não sendo completamente satisfatório para Santa Catarina, reconhece a injustiça que mancha a forma pela qual somos tratados. É preciso UNIDADE e PERSEVERANÇA!

---

25. Esperidião Amin, em 24/7/2018 Referências: 1) 100 Anos do Contestado: Memória, história e patrimônio, publicação do MPE/SC, 2013; 2) O Processo de Adeodato, último chefe rebelde do Contestado, organizado por Gunter Axt e Paulo Pinheiro Machado, 2017.  
\* para conhecer detalhes do voto, acesse: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=382733>

ALZIRA MARIA SILVA DOS SANTOS

Cadeira nº 29



### Bem querer

Era um final de tarde de uma linda primavera, lá pros anos um mil novecentos e sessenta ou sessenta e um, mais ou menos, quando pegamos uma bateira e fomos brincar no Rio Biguaçu. Aguas claras, areias limpas tudo de bom.

Naquela tarde até uma prainha formou-se no leito do rio, pois a maré estava baixa.

Minhas irmãs e eu estávamos proibidas de brincar no rio, devido ao perigo que nós corríamos, porque não sabíamos nadar.

Papai estava viajando, com seu Alfa- Romeu lá pras bandas do nordeste brasileiro.

Aí que ficou bom... Porque papai não estava em casa, e eu fui aproveitar para brincar no Rio Biguaçu.

A bateira estava lotada de crianças da nossa vizinhança da Rua João Born.

Quem remava a bateira era nossa amiga Joice Salum, pois era a mais habilitada nessa atividade.

Cantávamos, ríamos e fazíamos marola na bateira.

Quanta alegria!

Já estávamos quase embaixo da ponte, quando escutamos de muito longe um forte grito:

– Alzira... Volta teu pai chegou!

Que nervosismo para mim.

Falei para Joice, rema bem depressa para a margem do rio, vai até lá perto da tua casa, que eu vou tentar saltar antes que papai me veja.

Não deu tempo, a pessoa gritou comigo, foi até lá em casa e falou para o meu pai; que eu estava brincando no rio. Invejosa porque ela também não podia ir.

Pulei depressa na margem, mas não alcancei a terra firme, e ainda mais para completar molhei meu vestidinho todo.

Pensa no desespero!

Fui até a casa da minha vovó Maria Frederica, tentar enxugar meu vestido sobre o fogão à lenha, porem papai lá chegou e não deu outra; com uma lasca de bambu me bateu muito.

Minha avó presenciou tudo e dizia:

– Oscar não bate mais; chega.

Ele respondeu:

– A senhora não sabe o perigo que tem essas crianças brincando no rio?

– Sim, eu sei, mas agora chega.

Ganhei uma baita de uma surra, que enquanto criança nunca mais fui brincar nas águas gostosas do Rio Biguaçu.

Hoje em dia vejo que meu pai tinha toda razão.

Cuidado de pai e mãe é assim, mesmo que seja dolorido ou contrário para o filho é bem querer.

Naquele tempo os pais surravam os filhos quando desobedeciam e eu ganhei este grande corretivo.

Olha o perigo que eu estava enfrentando e como criança não tinha noção.

Alzira Maria Silva dos Santos  
Patrono: Maura de Senna Pereira

05/05/2018

## **Síntese Biográfica de Alzira Maria Silva dos Santos**

Alzira Maria Silva dos Santos, nasceu aos 5 de julho de 1950. Filha de Oscar Silva e Nair Bunn Silva é natural do Município de Biguaçu - SC, onde cresceu, estudou e viveu a maior parte de sua vida. Formou-se normalista em 1970 no Colégio Normal Professora Maria da Glória Virícimo de Faria. Gosta de crianças, de flores, do mar e de escrever poesias. Contraiu matrimônio em 1972 e teve 3 filhos: Luciano, Lélia e Liamara.

Alzira descobriu a afinidade pelas Letras quando, em Joinville, onde atuou 3 anos como professora, fez 2 paródias das músicas “Lencinho”, “Jardineira” para apresentação das crianças, em comemoração ao aniversário daquela cidade.



Em 1999, em Biguaçu olhava a neblina, ou serração que vem do rio-mar conforme dizem, através da janela da cozinha de sua casa, inspirou-se, pegou um guardanapo e uma caneta e escreveu um dos seus primeiros poemas, intitulado “Nebliguá”. Nunca mais parou de escrever. Quando inspiração abre as portas, saem de seu coração lindos poemas, em sua grande maioria, enfantiando a terra natal, seus lugares, sua natureza.

Alzira tem, em muitas de suas poesias, o desafio de chamar atenção para a defesa do meio ambiente, e também o valor cultural da cidade onde nasceu. Também chama a atenção para o cuidado com as nossas crianças, o folclore, entre outros temas.

E assim, de verso em verso Alzira, vai descrevendo seus costumes, seu povo, sua preocupação com o mundo.

## HÉLIO CABRAL FILHO

### Cadeira n° 32



### **A poesia que me fez poeta.**

Em meados de 1981, então com 16 anos, eu trabalhava na Pastelaria Kiki, na antiga rodoviária de Florianópolis, Avenida Mauro Ramos. Atuava como pasteleiro, cozinheiro, garçom e copeiro. Era o meu primeiro trabalho com carteira assinada. Anteriormente atuei como vendedor do Mercado Público, carnavalesco e em outras tantas atividades informais.

Além de a Pastelaria Kiki ser uma lanchonete, também era um espaço onde algumas figuras folclóricas de Florianópolis se encontravam para beber, conversar e

jogar dominó. Figuras como o artista plástico Mayer Filho, o Galo, que chegou a elogiar um dos meus desenhos (o desenho de uma mão apontando a cordinha da caixa de descarga no banheiro do bar). Segundo ele, a mão era um dos desenhos mais complicados. Vez ou outra, quem aparecia também por lá era o poeta e compositor Cláudio Alvim Barbosa, o Zininho, autor do Hino de Florianópolis, o “Rancho de amor a Ilha.” Figura muito querida entre todos, sempre declamava suas poesias e de outros autores.

Na pastelaria existia uma salinha reservada aos amigos boêmios. De vez em quando podíamos testemunhar algumas conversas sobre diversos assuntos, cultura, esporte, política, e mais assuntos que as etílicas almas permitiam. Sempre gostei de acompanhar passivamente essas conversas.

Também comparecia naquele ambiente múltiplo o Jornalista Dakir Polidoro, que apresentava a “Hora do Despertador”, programa da Rádio Diário da Manhã. Dakir declamou no seu programa a primeira poesia que compus na minha vida. Uma poesia que falava da Ilha de Florianópolis e que dediquei ao jornalista e escritor manezinho Amaro Seixas Neto. Na época eram versinhos simples, de rimas pobres: “Ilha cheia de sol e mar/ de belezas sem paz, / de campos verdes floridos / de branco luar... / da gente pegar um barquinho / e sair de mansinho no mar passear / e de fazer um versinho / e cantar bem devagarinho / pro mundo inteiro escutar.”

Esses versos surgiram no mesmo dia no qual, pela manhã, escutei a poesia que me fez poeta. Até então a poesia era algo, digamos, desinteressante em minha vida. Conhecia alguma coisinha nas aulas de Língua Portu-

guesa, mas eram só algumas informações de uma matéria literária, pouco relevante. Lá estava eu lavando alguns copos, próximo ao reservado, quando o poeta Zininho, que estava sentado bebendo sua cervejinha, levantou-se e recitou uma das mais lindas coisas que já ouvi na minha vida: “Os versos que te dou, do poeta J. G. de Araujo Jorge. Parecia uma música. Bebi cada verso como se estivesse bebendo uma groselha (bebida saborosa na época). Abaixo, na íntegra, essa obra prima da literatura mundial:

*“Ouve estes versos que te dou, eu os fiz  
hoje que sinto o coração contente,  
enquanto teu amor for meu somente,  
eu farei versos...e serei feliz...”*

*E hei de fazê-los pela vida afora,  
versos de sonho e de amor, e hei de depois  
relembrar o passado de nós dois...  
esse passado que começa agora...”*

*Estes versos repletos de ternura  
São versos meus, mas que são teus, também...  
Sozinha, hás de escutá-los sem ninguém  
Que possa perturbar vossa ventura...”*

*Quando o tempo branquear os teus cabelos  
hás de um dia mais tarde, revivê-los  
nas lembranças que a vida não desfez...”*

*E ao lê-los...com saudade em tua dor...  
hás de rever, chorando, o nosso amor,  
hás de lembrar, também, de quem os fez...”*

*Se nesse tempo eu já tiver partido e  
outros versos quiseres, teu pedido  
deixa ao lado da cruz para onde eu vou...*

*Quando lá novamente, então tu fores,  
pode colher do chão todas as flores,  
pois são os versos de amor que ainda te dou.*

(Do livro “Meu Céu Interior” – 1934)

Fiquei petrificado escutando aquele lindos versos e perguntei sobre tal poesia ao Zininho, que anotou num guardanapo o título e o autor.

Como registrei aqui, empolguei-me tanto, que, na mesma noite, compus minha primeira poesia. No outro dia mostrei ao Dakir Polidoro, que, por sua vez, oportunamente, recitou-a no seu programa e a publicou no jornal A Gazeta, onde seu filho, Polidoro Junior, tinha uma coluna. Sei que foi apenas uma gentileza do Dakir, que era uma pessoa maravilhosa. No entanto, já valeu à pena, foi o marco da minha estrada poética.

Naquela semana, estive na Biblioteca Pública e peguei emprestado o livro do J. G. de Araujo Jorge. Daí em diante, comecei a ler tudo quanto podia sobre poesia. Também comecei a compor. Primeiro vieram os versos livres, depois me simpatizei pela trova e, finalmente, pelo soneto, minha grande paixão.

Assim surgiu este “fazendeiro” de versos que vos escreve. Uma linda poesia de um grande poeta foi a semente plantada em minha alma que faz brotar, até hoje, os meus humildes versos.

Nesses quase quarenta anos de lida poética, produzi, precisamente, novecentos e noventa sonetos (até

dezembro chego a mil), mais de quinhentas trovas e umas duzentas poesias em estilo livre. Por fim, deixo a seguir um de meus sonetos mais queridos:

*A canção perfeita*

*Pra compor um soneto preciso  
Mergulhar, sem ter medo de nada,  
No oceano do choro e do riso,  
Me afundar na emoção disfarçada.*

*Ser ridículo; assim sem juízo,  
Numa forma de agir ritmada,  
Um poeta abrangente e conciso,  
Na sonora ilusão dessa estrada.*

*É compor, recompor em compasso;  
Cavalgar, divagar na fonética,  
Num metódico e métrico espaço.*

*É a música, o som, é a estética,  
Traduzindo, num mágico traço,  
A mais bela expressão da poética.*

*Hélio Cabral Filho*

## **Síntese Biográfica de Hélio Cabral Filho**

Administrador. Trabalhador dos Correios. Natural de Florianópolis e morador de Biguaçu há dez anos. Casado, pai de dois filhos. Tesoureiro atual da Academia de Letras de Biguaçu. Seis livros de sonetos editados,

todos pela Editora Pará de Minas: Sonetos de otimismo e outros sonetos, 2009; Meus sonetos prediletos, 2011; Caderno de sonetos, 2013; Só (sonetos), 2014; Nós (Sonetos), 2016; Não Leia (sonetos) 2017.

### **Cadeira nº 32 – Patrono José Brasilício de Sousa**

Nascido em Pernambuco no dia 9 de janeiro de 1854, Brasilício era filho único do militar José Manuel de Sousa Sobrinho (1817-1895) e Rita Inácia de Sousa (1817-1899). Brasilício. Os pais, nascidos em Desterro (hoje Florianópolis), eram primos.

Quando o garoto tinha dois anos de idade, em 1856, a família retorna de Pernambuco à capital catarinense. José Manoel foi promovido a capitão pelo imperador Dom Pedro II e chegou ao comando do que hoje se chama “Polícia Militar”, força de segurança pública criada em 1835.

José Brasilício foi o autor do Hino de Santa Catarina. A música é sua e a letra foi escrita por seu grande amigo Eduardo Nunes Pires (1845-1902). O hino foi executada pela primeira vez em 4 de fevereiro de 1890.

Brasilício morreu aos 56 anos de idade, em 30 de março de 1910, cinco dias depois do falecimento de sua esposa.

Hoje José Brasilício de Sousa, além de dar nome a diversas ruas de municípios de Santa Catarina, dá nome à mais antiga escola do município de Biguaçu.

## VERA REGINA DA SILVA DE BARCELLOS

### Cadeira nº 34



Corde de Oitenta e Um Nós também é chamado de Laços de Amor, assim a nossa dissertação para esta antologia intitulada Uma Viagem inesquecível “Laços de Amor”

### Laços do Amor

Com passos lentos, o aprendiz cabisbaixo seguiu até a beirada de um rio claro e de águas profundas. Sentou-se a sua margem, observando a correnteza que deslizava suavemente, meditando sobre o desenrolar de sua existência e de seus mistérios.



Filosofava sobre o mundo, suas fronteiras, suas tradições e suas filosofias. E, quanto mais pensava, tudo mais silencioso ficava. Seu coração não obtinha respostas para tais questionamentos e, assim, tristemente olhava as águas do rio a correrem devagar.

Quando seus ouvidos seguiam o cantarolar das corredeiras, percebeu passos e uma voz que lhe perguntou:

OH! Filho, o que estais a filosofar junto a esta natureza tão bela?

Questionou um monge de olhar amoroso, cabelos e barbas muito brancas, uma túnica longa e violeta, com uma pequena sacola translúcida na mão direita. Depositou seu cajado sobre as pedras que ali estavam, sentou-se, e ficou a esperar a resposta do jovem aprendiz.

– Oh! Mestre, Meu Mestre, tristemente falou o aprendiz.

– Estou a procurar o Caminho Real para chegar a compreender todas as coisas da vida e, quanto mais procuro, mais distante me encontro. Tudo é silêncio, tudo se aquieta e fico a olhar o que me rodeia e não encontro respostas.

Busquei-as nas mil filosofias, li obras das antiguidades, percorri caminhos e fronteiras, falei com reis e rainhas, escutei mendigos pelas ruelas da vida, analisei tradições e observei as estrelas e mesmo olhando o infinito, tudo me pareceu silencioso.

– Oh! Mestre, como seguir e encontrar o Caminho Real, como estar em paz com as minhas inquietudes?

– Como “SER o Eu Sou”, que tanto pregastes em tuas mil idas e vindas, no Infinito Universo de Deus?

O Mestre olhando amorosamente o aprendiz falou pausadamente:

– Filho amado, poderás percorrer o mundo inteiro, falar com reis e rainhas, escutar mendigos pelas ruelas da vida, olhar as estrelas no céu e ler mil filosofias antigas e aprimorar-te nas letras acadêmicas das escolas contemporâneas.

O que procuras sempre esteve em ti e você Nele...

O que tanto anseias sempre estará à tua disposição...

Ele está silencioso a esperar por ti nos tempos infinitos dos teus dias, pois é no silêncio que encontraremos as respostas.

Estar no silêncio é o mais belo palco, para escutarmos o que o Grande Arquiteto do Universo está a nos orientar, em todas as circunstâncias das nossas trajetórias Infinitas da nossa Imortalidade...

Estamos interligados a todos os seres vivos...

Viemos da mesma fonte, somos os laços do mesmo Amor Universal...

Somos o Eterno dentro da Eternidade...

Somos Imortais junto à Imortalidade dos tempos...  
sim dos tempos!

O aprendiz bebia cada palavra, coração e sua alma alegrava-se à luminosidade do Mestre que, abrindo sua mão direita, entregou-lhe a pequena sacola, tirando de dentro dela a mais linda corda dourada com seus oitenta e um nós, luminosos.

O aprendiz segurou esta preciosidade com mãos tremulas e olhando o Mestre, com um olhar questionante, esperou que este explicasse tão lindo mistério.

Meu esforçado aprendiz e querido discípulo, esta linda corda dourada de oitenta e um nós, simboliza a unidade infinita de todos os corações, representa todas as filosofias, simboliza o amor, a beleza, a fraternidade, a união, a felicidade e a caridade.

Todas as mais belas virtudes estão agregadas e todo o mortal, que em um dia, deslizará pelas curvas de suas vindas e idas, fortalecendo-se nas virtudes, vencendo seus vícios e submetendo sua vontade, a Lei que Comanda Todo o Universo de Deus...

Meu filho, quando estiveres questionando o mundo e suas criaturas, quando estiveres perdido nos turbilhões das controvérsias da vida, segure firmemente nesta corrente de oitenta e um nós, deseje firmemente ser transbordado pelo Amor Fraternal do Pai Eterno, deseje a paz, a liberdade, a unidade e em cada nó reflita sabiamente iluminando o seu pensamento virtuoso, à toda a humanidade...

Siga seu caminho, este é o grande mistério do Caminho Real, sabendo que a Luz Divina sempre esteve e estará conosco. Tenhas fé e nesta certeza absoluta, jamais estareis sozinho, pois a vida é um eterno desabrochar...

É ela a escola primeira da nossa Evolução Espiritual, sinta-se feliz por fazer parte desta família escolar, junto aos irmãos que como tal te reconhecem, e com eles confraternize-se na Cadeia da União, sobre a beleza do Pavimento do Mosaico, acobertado pelas suas quatro orlas dentadas, coroadas pelos espíritos da Luminosidade Maior representando as quatro virtudes: Justiça, Temperança, Coragem e Prudência.

Meu dileto aprendiz, continuou o bondoso Mestre, o verdadeiro Caminho Real já encontrastes, já destes o primeiro passo, abristes teu coração e o aceitastes, pois, o Amor Incondicional é a linguagem simples, é a fórmula misteriosa dos humildes oriunda do Grande Arquiteto do Universo.

E assim, o Monge de barbas e cabelos brancos, sua túnica luminosamente violeta, tomou o seu cajado e seguiu adiante, para encontrar outros aprendizes, que também em outras margens dos caminhos, se encontravam...

Assim uma névoa violeta de fim de tarde deixava o perfume do Amor em cada grão de areia por onde o Monge e Mestre passava...

Um último olhar, um até breve e o Mestre olhando o coração sequioso do aprendiz, que rolava entre seus dedos os oitenta e um nós da bela corda luminosa e falando baixinho em prece, meditava:

À todos meus irmãos quando o sol estiver em seu meridiano, levo o meu amor desejando:

fé...  
fraternidade...  
alegria...  
paz...  
caridade...  
entrega...  
perdão...  
beleza...  
força...  
sabedoria

E assim chegando ao octogésimo primeiro nó, abriu seus olhos, levantou seus braços e com força amorosa e apaziguadora de seu coração continuou em prece.

– Que o Amor Incondicional do GADU, banhe toda a humanidade, que Assim Seja! Meus irmãos assim me reconhecem.

## Vera De Barcellos A estrela que vem do Leste

Hoje desponta no horizonte mais um aniversário  
da ilustre loja maçônica Amor e Sabedoria, marco  
inusitado dos irmãos que sempre foram  
confrades e confreiras.

Hoje  
erguestes a bandeira universal do G.AD.U.,  
fazendo sibilar os sinos dos antigos e milenares ritos  
sensibilizando os corações dos irmãos  
que sempre foram aprendizes.

Tua voz melodiosa retumbou pelo Universo  
juntamente a muitas outras sinfonias  
etéricas de mil outras filosofias ...

Orientas aos sedentos irmãos  
na sabedoria dos grandes mestres  
que um dia aqui nesta escola terrena  
saborearam com maestria os percalços  
que hoje pouco a pouco  
dissipamos na nossa trajetória...

Sabemos que a sabedoria  
é o alicerce  
para galgarmos a escadaria dos justos  
com o firme propósito  
de adquirirmos o mais alto galardão maçônico...  
o trabalho fraterna,  
a simplicidade e o silêncio.

Hoje a ilustre e imortal Casa de Amor e  
Sabedoria está de parabéns,  
Rejubilemo-nos pois!

Hoje,

todos os irmãos atentos  
sob as orientações da nossa Venerável Mestra  
Congratulamo-nos mutuamente,  
quando o saber e o agir com maestria,  
orienta-nos com discernimento, altruísmo  
e fraternidade  
nos conduzindo amorosamente  
nesta escola e Lar Maçônicos.  
És justa  
pois delimitas as rotas a serem seguida  
com candura, perseverança e dinamismo...  
És realidade junto as leis  
que sempre delimitaram a tua justiça...  
És lealdade  
pois junto ao dourado prumo  
elaboras a retidão de ideias e atos  
a serem seguidos indistintamente...  
És fraternidade  
pois entregas a cada um o leme da unidade  
para que a embarcação maçônica Amor e Sabedoria  
não se desvie da rota traçada...  
És a mãe amorosa  
que abraça cada filho sem distinguir seus patamares  
evolutivos...  
E hoje colorindo as linhas perfeitas  
do nosso desabrochar  
agradecemos as forças oriundas da tua maestria  
levando aos ventos das fraternidades,  
aos jardins da igualdade  
e aos cantos maravilhosos da liberdade,  
as gotas desérticas e imortais da nossa alma  
que sempre fizeram parte e farão presença

no contexto Universal do GACU.  
Aqui a nossa gratidão e a nossa reverência.  
Que assim seja!  
Teus eternos filhos aprendizes,  
que se reconhecem como tal

*Vera De Barcellos*

## **Síntese Biográfica de Vera Regina da Silva de Barcellos**

Denomina-se Vera de Barcellos, nasceu em Florianópolis, capital de Santa Catarina, em 17 de fevereiro de 1948, filha de Adi Catarinense da Silva e Valcivia Maciel da Silva (ambos in memoriam).

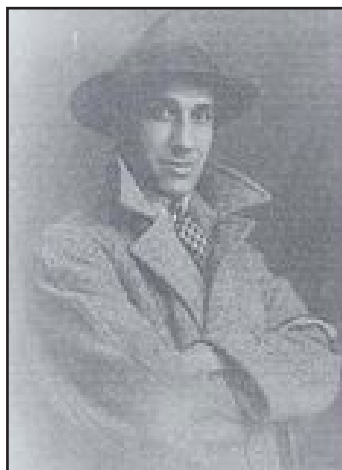
Atualmente é acadêmica de várias Academias de Letras, Associações de Escritores e Grupos Literários de nível nacional, também do Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Lisboa e a Divine Académie Française des Artes Lettres et Culture e da Academia de Letras e Artes de Valparaiso no Chile. Lançou: Na luz a dor da saudade tua; Cores poéticas em seu coração; A ratinha solidária; 150 anos de Cruz e Souza; Portal da Luz; Minutos de Paz e Sabedoria; A trilogia em três volumes intitulada Colorindo a Vida; Arpejos dos Anjos; Arco Iris da Vida; O pequeno professor e Panter amigos para sempre.

Em seu acervo literário mantém cento e oito coletâneas, recebeu vários Prêmios, Troféus, Diplomas e Certificados de valor nacional e internacional e mantém 48 obras literárias, registradas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro a serem lançadas.

Sua alegria é conviver com sua linda família, filhos, nora e netos, seus trabalhos artísticos, musicais e literários e seus amigos, confrades e congreiras que comungam os mesmos ideais.

Vera.de.barcellos@gmail.com  
www.veradebarcellos.com.br

### **Cadeira nº 34 – Patrono Othon da Gama Lobo D’Eça**



Othon da Gama Lobo D’Eça nasceu em 3-8-1892 em Florianópolis, e falecido 7-2-1965, também em Florianópolis.

Foi, como jornalista, poeta e ficcionista, havendo sido o maior destaque inicial da Academia Catarinense de Letras, da qual foi o último Presidente de sua fase inicial.

Com vinte anos de idade lançou a ideia de fundar uma Academia de Letras.



Em 1918 lançou seu primeiro livro intitulado “Cinzas e Brumas” e dois anos depois em 1920 fundou e dirigiu a revista “Revista Terra” com Altino Flores e Ivo D’Aquino, chegando somente até ao número 24.

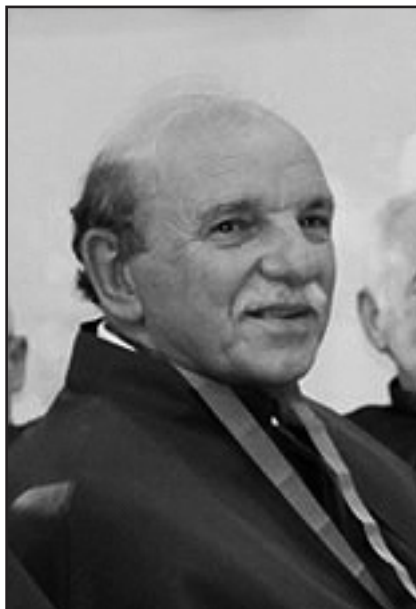
Neste mesmo ano funda a Sociedade Catarinense de Letras juntamente com José Boiteux e outros simpaticizantes da literatura e alguns políticos.

Quatro anos depois em 1924 passaria e denominar-se Academia Catarinense de Letras.

Escreveu as obras: Os espanhóis confinantes; Centenário de Cruz e Souza; Cinzas e brumas; Cinzas brumas e poemas dispersos, Homens e Algas, Nuestra Señora de L’Asunción; Terra; Vindita Braba.

## PEDRO PAULO DOS SANTOS

### Cadeira n° 37



### Uma Personalidade de Destaque

Entre os temas sugeridos para integrar a Antologia da Academia de Letras de Biguaçu deste ano, consta o de uma personalidade de destaque. Como o tempo flui muito rápido e a memória da gente caminha na mesma velocidade, para não cair no vazio do esquecimento, optei em escrever sobre meu velho e querido pai MIGUEL PEDRO DOS SANTOS, ou MIGUEL FLOR como ficou conhecido. A principal característica do meu homenageado é a de que nunca deixou se abater pelos revezes da

vida, e sempre lutou na busca do que definiu sobre o seu ideal, e na conquista de seus objetivos não mediu nem poupou esforços.

Nasceu na pequenina vila de pescadores – Canto dos Ganchos, no então Distrito de Ganchos, município de Biguaçu, em 29 de setembro de 1913, sendo o primeiro filho da segunda união de Pedro Vicente dos Santos – Pedro Flor e de Clarinda Anastácia dos Santos, ambos viúvos, com filhos do primeiro matrimônio e que vieram a se unir e constituir uma nova família, da qual, como já disse ele foi o filho mais velho. Ao nascer deram-lhe o nome do Santo do dia, no caso São Miguel Arcanjo, nome estranho para os costumeiros da localidade.

Cresceu junto daquele povo, frequentou a escola isolada local até o 3º ano, e a partir daí teve início sua luta na conquista de um espaço. Seus irmãos menores Aristides e Osni já estavam na lida como pescadores, como de resto todos os meninos de sua idade, pois na época e até algum tempo quando a lei permitia, com 14 anos de idade já estavam embarcando nos barcos de pesca, pois antes disso já integravam a tripulação de canoas e lanchas do local. Segundo gostava de contar, com poucos anos de idade foi aprendiz de barbeiro, de sapateiro, até que seu pai, então um carpinteiro conceituado, construtor de inúmeras casas de madeira da localidade, vendo que não demonstrava interesse para a pesca, levou-o para trabalhar como carpinteiro, ainda adolescente. E aí descobriu o gosto de lidar com madeira, ferramentas, etc., Quando seu pai veio a falecer, contava Miguel com 21 anos de idade, assumindo em decorrência a administração da família, pois os irmãos já estavam embarcados trabalhando no Rio Grande (Rio Grande do Sul) e em casa restaram ele e suas irmãs mais novas. Com 21 anos, solteiro, ter-

minando a construção de uma casa em Ganchos do Meio, iniciada por seu pai e que já haviam recebido quase todo o valor do contrato e consumido com a enfermidade de meu avô, assumiu as responsabilidades de manter a família. Costumava dizer, meu pai não teve tempo de ensinar-me tudo que sabia sobre carpintaria, eu tive que aprender sozinho, na maioria das vezes fazendo e refazendo, até sair direito, pois com ele aprendi um ditado que passo para vocês: “ninguém pergunta quanto tempo levou, apenas perguntam quem fez”, por isso faço bem feito. Inicialmente, adquiriu uma padaria e iniciou sua atividade de comerciante, suas irmãs auxiliavam no atendimento do balcão. Posteriormente, montou uma venda e a partir daí nunca mais se afastou do comércio de varejo. Montou uma salga e adquiriu uma embarcação para abastecer seu comércio e vender a produção de pescados, dizia que enfrentou inúmeras tempestades no mar.

E nas horas vagas gostava de tocar violão, juntamente com seus amigos de juventude costumava cantar em serenatas, fazer bailes, etc. Com 27 ou 28 anos de idade casou-se com minha mãe Célia Lisboa dos Santos, aqui de Biguaçu, e tiveram seis filhos, cinco em Canto dos Ganchos, eu (Pedro Paulo), Antonio Carlos, Maria Natália, José Miguel, Márcia Maria, e mais tarde, já residindo aqui em Biguaçu, a nossa irmã mais moça Maria Inez. Desde o tempo em que residiu em Canto dos Ganchos já começou a envolver-se na política, sendo candidato a Vereador pelo PTB e não conseguiu se eleger.

Na atividade de comerciante ficou em Canto dos Ganchos até o final da década de 50, início dos anos 60, quando juntamente com seu cunhado Cecílio, montaram uma madeireira em Biguaçu, transferindo também sua residência para esta Cidade, e paralelamente continuou

atuando na política, agora no PSD. Candidatou-se mais uma vez e obteve vitória, e desta vez já havia estabelecido uma meta, seria a de transformar o distrito de Ganchos, em Município. Na Câmara integrou-se na bancada do PSD, maioria, chegando a presidi-la, e juntamente com os Vereadores João Vendelino Schmitz de Antonio Carlos, e Arlindo Corrêa de Sorocaba, apresentaram o projeto de lei emancipando os Municípios de Antonio Carlos e Ganchos, e criando o Distrito de Sorocaba do Sul, o que foi aprovado, sancionado pelo Prefeito Avelino Müller e encaminhado na Assembleia Legislativa pelo Deputado da Região Dr. Lauro Locks, que obteve aprovação do Governador Ivo Silveira. Nesta mesma oportunidade, ele assumiu o Cartório do Registro Civil, tornando-se Escrivão de Paz e Oficial do Registro Civil de Biguaçu, e paralelamente, por ser de sua atribuição, prestava serviços de escrivão na Delegacia de Polícia cargo que mais tarde veio a ocupar por opção.

Criado o Município, veio a seguir a verdadeira batalha e só hoje a família entende o porquê de nosso pai encontrar-se numa situação financeira boa, bem estabelecido em Canto dos Ganchos, vir para Biguaçu, iniciar uma nova atividade comercial. Instalado o Município vieram às eleições para Prefeito, e ele candidatou-se pelo PSD, venceu o pleito, tornando-se desta forma o primeiro Prefeito eleito de Governador Celso Ramos. Durante sua gestão foi implantado o serviço de abastecimento de água, instalação de energia elétrica, construção de pontes de alvenaria na sede, promoveu a abertura da estrada da Armação da Piedade, passando por Caeira, Costeira e Fazenda, com os primeiros quilômetros abertos a picareta e carrinho de mão, como costumava dizer. Com um orçamento reduzido, um pequeno número de funcionários

conseguiu concluir com êxito seu mandato. Aos 70 anos de idade aposentou-se como Escrivão de Polícia, passando a residir em Armação da Piedade. Após sua aposentadoria continuou atuando na política de Governador Celso Ramos, candidatou-se a Prefeito mais uma vez e foi derrotado, posteriormente, foi candidato a vice-prefeito na chapa encabeçada por Luiz Napoleão Telles, pelo PMDB, e venceram a eleição. Desta forma meu pai foi o primeiro prefeito eleito e o primeiro vice-prefeito do PMDB em Governador Celso Ramos. Em 2001 meu pai veio a falecer, está sepultado aqui em Biguaçu, o que era de seu desejo, adorava esta terra, e não gostava da musiquinha choveu, choveu Biguaçu encheu, pois isso, entendia como um pouco caso para com uma cidade tão acolhedora. Hoje a família é formada por nós, seus filhos, e acrescida pelos netos Guilherme, Gabriela, Geórgia, Marcelo, Rodrigo, Camila, Sidnei Júnior, Carola, Leonardo Pedro e Beatriz, e pelos bisnetos Julia, Francisco, Filipe, Isadora, Miguel, e as gêmeas Helena e Heloisa. Guardamos a doce memória de um pai amoroso, calmo, atencioso, bom contador de histórias, um seresteiro com um repertório incrível e um vovô que só quem teve a felicidade do convívio sabe como era. Na minha vida foi o personagem que teve maior destaque, e um exemplo de que não devemos medir dificuldades na conquista de um ideal.

## **Síntese Biográfica de Pedro Paulo dos Santos**

Advogado formado pela UFSC em 1973. Pós Graduado em Segurança de Trânsito, e Servidor Público Estadual Aposentado. Foi Oficial do Registro Civil de Biguaçu, e Técnico em Previdência do IPESC. Foi Vere-

ador e Presidente da Câmara de Vereadores de Biguaçu. Fundador da União das Associações, Presidente da A.R. 17 de Maio, Secretário do Biguaçu Atlético Clube. Membro da Academia de Letras de Biguaçu e de Governador Celso Ramos.

### **Cadeira nº 37 – Thomé da Rocha Linhares**

Em 22 de agosto de 1775, em São Miguel nasceu THOMÉ DA ROCHA LINHARES, filho do Capitão de Milícia - Joaquim da Rocha Linhares e de dona Maria Águida de Jesus. Casou-se com dona Francisca das Chagas e tiveram cinco filhos. A partir de 1823 passou a exercer forte liderança na Vila de São Miguel, como eleitor da paróquia, juiz de paz e vereador. Em 17 de maio de 1833 São Miguel da terra firme é desmembrado da Vila de Desterro, e elevado de povoado à categoria de Vila, sendo, conseqüentemente, instalado o município com a mesma denominação.

Com a instalação do novo município é iniciada a primeira legislatura para o período de 1833-1836, em que é dada posse aos primeiros vereadores. Thomé da Rocha Linhares foi o primeiro Presidente da Câmara Municipal cuja legislatura, como já vimos, iniciou-se em 1833 e terminou em 1836. Em 1834, foi candidato a deputado à *Assembleia Legislativa Provincial de Santa Catarina* na 1ª legislatura (1835 — 1837), ou seja, foi o primeiro candidato a Deputado Estadual do nosso Município de Biguaçu, ficando numa suplência e no ano seguinte, quando chamado para assumir sua cadeira de deputado como suplente convocado, recusou. (Bem se vê que os tempos eram outros, se fosse hoje, imaginem a confusão

que seria nos dias atuais). De 1839 a 1840 surgiu outra vez como vereador. Tornou-se Juiz de Paz de São Miguel em 1827, ocupando o cargo durante quatro anos consecutivos, em 1840 é eleito novamente Juiz de Paz. Obteve patente de Capitão da 1ª Cia. de Terço de Ordenanças da Freguesia de São Miguel, em 23 de junho de 1828. Faleceu em São Miguel, a nove de novembro de 1848, com 73 anos de idade. Este brilhante Biguaçuense é o Patrono da Cadeira nº 37.



**NEUSITA LUZ DE AZEVEDO CHURKIN**

**Cadeira nº 38**



### **Sonho Realizado**

Não era isso que seus pais haviam planejado para o único filho homem.

Entretanto, todos os dias, da janela de sua casa, Neri descortinava a bela paisagem marinha com seus encantos misteriosos.

A bucólica vila de pescadores, Canto dos Ganchos, com seus encantos naturais, praias, montanhas, vales e cachoeiras de águas cristalinas despertavam no jovem um fascínio irresistível pelo mar e seus mistérios.

O vento a balançar as velas, fazia-o velejar nos mares mais profundos e desconhecidos da imaginação. Sim, seu pensamento voava ao som e ritmo das ondas levando-o para longe.

Não, ele não queria ser professor, pastor ou quem sabe outro profissional qualquer conforme o desejo dos pais.

Queria mesmo era ser marinheiro, conhecer o mar e suas múltiplas nuances.

Enfim, chegara o dia da partida. Santos, a cidade de seus sonhos estava agora mais perto que nunca. Ali se realizaria como homem e profissional.

Ele despediu-se dos pais, que com lágrimas nos olhos deram-lhe as devidas orientações e conselhos. O pai entregou-lhe uma Bíblia, recomendando-o à leitura diária.

Ele recebeu o Livro Sagrado com certa indiferença e partiu cheio de sonhos. Já em Santos inicia suas atividades em um barco pesqueiro sob os cuidados e orientação do cunhado Tutomu. A aventura muito lhe agradou, afinal, era um jovem cheio de esperança e ideais. Mas, com o decorrer do tempo, as dificuldades foram aparecendo e, o marinheiro sonhador percebeu que a vida do mar já não lhe parecia tão agradável. Certa feita viu-se em apuros, ao enfrentar forte tempestade na Barra de Capara, em Iguape, ocasião em que quase perdeu a vida. Como se não bastasse, repete-se o naufrágio. Agora, em águas uruguaias, em um navio, Sulmar, onde trabalhava. Nestas circunstâncias, o jovem marinheiro lembrou-se do livro de capa preta e pensou qual seria o seu destino se tivesse morrido?! Foi aí que se interessou pela leitura da Bíblia e se converteu ao cristianismo. Escreveu uma carta comovente ao pai contando-lhe a boa nova. Agora passa a viver uma vida diferente.

Após alguns anos, já cansado da vida de marinheiro, volta à terra natal estabelecendo-se como empresário do ramo de abastecimento de veículos automotores e outros. Atividade que desenvolveu por pouco tempo.

Convidado a participar da vida politico-administrativa do município de Governador Celso Ramos, aceita, concorrendo ao mandato eletivo de vice-prefeito na chapa de Nagibe Campos, prefeito. Eleitos, então, Neri exerce essa atividade durante um mandato de quatro anos, como vice-prefeito. Prossegue trabalhando na prefeitura como Secretário Geral na gestão do prefeito Aristo Gabriel da Silva. Continua na vida pública concorrendo ao mandato eletivo de prefeito por duas legislaturas. Sendo eleito, Neri desenvolve com maestria esta atividade.

Na gestão do prefeito Samuel Silva, Neri exerce, mais uma vez, o cargo de Secretário Geral. Por último concorre ao mandato à Câmara Municipal elegendo-se vereador. Atualmente, dedica-se à vida pública e à pregação do Evangelho. Cumprindo-se, assim, o desejo tão sonhado pelo velho pai: Semear a Palavra de Deus.

## MARINHEIROS

Marinheiro sonhador  
Pelos mares a vagar/Pelos meandros do mar  
Por sobre as ondas serenas  
Prorrrompendo a navegar

Marinheiro voa longe  
Pensamentos, mar azul  
Olha o céu, pontos brilhantes  
Mira o Cruzeiro do Sul

Traçando a vida futura  
Mar de sonhos, boa sorte  
Sai contente o marinheiro,  
Singrando mares para o Norte

O barco é tão pequenino  
Diante da imensidão  
Águas marinhas, mar imenso  
Vento forte, escuridão

Marinheiro volta a casa  
Despedindo-se do mar  
Vive tranquilo, sereno  
No aconchego familiar

Viajo nas corredeiras do presente presa  
às rédeas do passado

O destino nos empurra como as rajadas  
do vento empurram as folhas

Na metamorfose rosa do entardecer despede-se o sol  
segredando mistérios

“A verdade é filha da luz e a mentira é  
filha das trevas”  
A Chuva

Olha a chuva  
No telhado  
Da casa do prado  
A chuva fina  
Molha a menina

Que dança a canção  
Da chuva molhada  
E não fica cansada  
A menina que dança  
Na ponta do pé  
E a bailarina Maria José

A Bica  
No caminho que sobe  
Tem uma bica  
A bica da Nila  
A Nila da bica  
Dá água pra gente  
Água limpa que corre fluente  
E vem da vertente  
O pote está cheio  
De água transparente  
O pote é de argila  
Foi enchido na bica da Nila

O Circo  
O circo passou dando risada  
O circo foi uma palhaçada  
O palhaço agora sou eu  
Daquele circo todo mundo esqueceu

O circo que era só alegria  
Hoje não passa de uma grande utopia  
A plateia de tudo está esquecida  
E o palhaço ri chorando da vida  
O palhaço que até parece verdadeiro  
Ri chorando no picadeiro

## **Síntese Biográfica de Neusita Luz de Azevedo Churkin**

Nasceu em Governador Celso Ramos, Santa Catarina, em 28/12/1946. Filha de Belarmino Hipólito de Azevedo e Dalma Luz de Azevedo. Casada com Claudinei Churkin. Mãe de Samuel Luz de Azevedo Churkin.

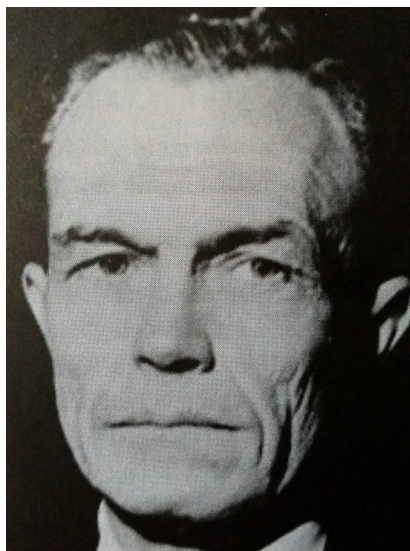
Licenciada em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina habilitada em Português e Inglês. Lecionou em escolas do estado de Santa Catarina, dentre elas, E.E. F. Teófilo Teodoro Régis, em Biguaçu, Escola Estadual Professora Laura Lima, em Florianópolis, Instituto Estadual de Educação, em Florianópolis, E.E.B. Belisário Pena, em Capinzal, E.E.B. Melo e Alvim, em Herval D'Oeste. Exerceu a Função de Diretora Geral na E.E.B. Dr. Aderbal Ramos da Silva, em Governador Celso Ramos. Trabalhou na Secretaria de Estado da Educação.

Membro da Academia de Letras de Biguaçu; da Academia de Letras de Governador Celso Ramos, Academia de Letras do Brasil para Santa Catarina e Membro efetivo do Grupo de Poetas Livres de Florianópolis participando de suas publicações, atividades culturais e contribuindo com suas criações literárias e apresentações musicais. Imprimiu seu poema “Em Silêncio” na Coletânea Literária – Poemas/Crônicas/Contos pela Associação Catarinense de Professores/ACP, da qual faz parte como associada. Autora das obras: Cantando Meu Chão - Tributo a Canto dos Ganchos; As Vogais e Casinha Pensante. Alguns de seus trabalhos foram publicados em Jornais do Estado de Santa Catarina.

Desenvolve atividades artísticas em Igrejas Evangélicas e participou do coral da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina.

Em 14/03/2004, dia Nacional da Poesia, foi homenageada, na Biblioteca Pública Municipal - Alice Maria Roque por sua colaboração com o Município de Governador Celso Ramos, entre outras.

### **Cadeira nº 38 – Patrono Dr. Lauro Locks**



Ocupando a cadeira nº 38 da Academia de Letras de Biguaçu, fui informada sobre minha participação neste trabalho: elaboração da biografia do patrono desta cadeira, Dr. Lauro Locks, confesso que me senti lisonjeada.

Dr. Lauro foi um grande amigo de meu pai e da nossa família. Durante sua gestão como inspetor escolar, quando vinha à região de Ganchos, que pertencia ao município de Biguaçu, era acolhido em nossa casa com honra e carinho. Tínhamos como relíquia, por herança familiar, um conjunto de porcelana constituído de jarro,

bacia, porta-pente e saboneteira, que era usado quando recebíamos hóspedes importantes, um dos quais era o Dr. Lauro.

Filho de Bernardo Francisco Lopes e Ana Scharf Locks, Lauro Locks nasceu na cidade de Braço do Norte, estado de Santa Catarina. Coursou o ensino primário em sua terra natal e o fundamental nas cidades de Brusque e Corupá, Santa Catarina, em seminários católicos. Concluiu também, na cidade de Brusque, o curso superior de Filosofia. No ano de 1958 diplomou-se bacharel em Direito, pela Faculdade de Direito de Santa Catarina.

Em 1937 iniciou sua carreira no Magistério como professor no grupo escolar Dom Joaquim Domingues de Oliveira, em Braço do Norte.

Exerceu a função de Diretor Escolar em vários estabelecimentos educacionais em cidades do estado de Santa Catarina, tais como: Bom Retiro; Braço do Norte; Tubarão até o ano de 1951, quando foi transferido para Biguaçu exercendo o mesmo cargo. Sempre executando com aprimoramento o trabalho que se propunha, tornando-se assim, respeitado pelas comunidades onde atuou no exercício do seu trabalho.

Homem de grande capacidade e inteligência o Dr. Lauro foi reconhecido como um líder pelas comunidades onde atuou, o que resultou na sua escolha como representante do povo na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina por várias legislaturas, tendo sido Deputado Estadual Constituinte.

Atuou com firmeza no Parlamento Estadual sendo um grande porta-voz dos direitos e questões educacionais. Participou como segundo secretário da mesa diretora da Assembleia Legislativa. Por seu mérito foi escolhido pelo então Governador do Estado, Dr. Celso Ramos,



para exercer o cargo de Secretário da Educação e Cultura. Permaneceu ainda no cargo parte da gestão do então Governador Ivo Silveira que também o indicou para o cargo de Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado (1968), quando se aposentou.

Lauro Locks integrou-se perfeitamente no contexto de Biguaçu, onde foi adotado como filho da terra, por reconhecimento e mérito. Como gratidão e elevada consideração o povo biguaçuense o escolhe como seu representante no Executivo Municipal tendo como vice o Sr. João Brasil de Azevedo. Estabeleceu como prioridade em sua administração o incentivo a implantação de indústrias tais como: INPLAC; Carrocerias Remi; Postes Cavan; entre outras. Dispensou especial atenção área da saúde, educação e sistema viário. Foi membro e Vice-Presidente do Conselho Estadual de Educação. Participou de alguns partidos políticos: PSD, ARENA, PPB e PP.

Por sua vida atuante e proba, foi reconhecido e respeitado por onde passou e viveu como líder, bom cidadão e pai de família.

Deixou suas marcas como líder da Igreja Católica, onde atuou como secretário, tesoureiro, regente do coral e organista. Como tal organizou festas religiosas com apresentações musicais.

Casou-se em 28 de dezembro de 1937 com Tabita Schilickmann Locks (in memoriam) com a qual teve 16 filhos: Licínia, Guido, Sérgio, Lucília, Celina, Anamaria, Arno, Alice, Adriano, Maria de Fátima, Jorge Luiz, Carlos Luiz, Luiz Roberto, Leda Regina, Vitor e Mariléia, sendo sua família composta de 16 filhos, 48 netos, 36 bisnetos e somados os genros, noras, noivos e namorados dos filhos e netos totalizavam 155 pessoas em 2006.

Lauro Locks faleceu no dia 24 de fevereiro de 2004 com 87 anos de vida, na graça e paz de Deus, sempre de bem consigo, com sua esposa Tabita e sua numerosa família. Deixou registrada sua marca e sua passagem em todas as comunidades onde viveu, semeando, cultivando e colhendo muitos frutos dentre os quais grandes amizades.

Dados biográficos fornecidos por Ozildo José Prazeres e Celina Locks Prazeres, genro e filha respectivamente, com algumas informações da acadêmica Neusita Luz de Azevedo Churkin.

**ADAUTO BECKHÄUSER**

**Cadeira nº 02**



**Como tudo começou**

Poesia sobre a Trajetória da Família Beckhäuser  
Por: Adauto Beckhäuser

**Como folhas levadas pela força do vento**

156 anos da chegada ao Brasil  
*Johann Karl Beckhäuser*

A Fuga da miséria salva os descendentes  
Da morte nas duas grandes guerras.

Busca um lugar tranquilo no Brasil  
para família viver.  
E navegou no sonho desconhecido.  
E salvar os seus é mais forte do que ficar.

A grande porta aberta do passado,  
Onde as recordações pregadas no muro  
Das lembranças, passam a voar  
Como folhas, a beijar o presente.

Folhas, folhas, voam e voam.  
Voando sem parar  
Trazendo em seu bojo,  
O passado tão e tão distante.

Beijando o presente como se  
Beija-flor fosse sugar o néctar do passado,  
Transportando ao presente,  
Fixando no ar as lembranças.

O Beija-flor paira no ar, avança e avança  
Deposita as lembranças fixadas no muro  
Das recordações de 150 anos da emigração  
Para a família Beckhäuser reviver.

A força de partir, partir e partir  
Sem ao menos pensar em voltar,  
Busca no sonho uma vida melhor  
Impulsionado pela garra de alemão.

Que decisão! Nem a tristeza da partida  
E nem as lágrimas dos pais e amigos,  
e a perda da cidadania

O impediram de parar em navegar  
Em seu sonho de partida.

Busca na garra de alemão, forças,  
Forças de partir ou partindo  
Para fuga da miséria  
E salvar os seus é mais forte do que ficar.

Nem mesmo a gravidez de oito meses da esposa  
Nem mesmo o choro e lágrimas  
O impediram de partir partindo  
Navegando no sonho desconhecido.

Sonho, sonho, sonhado em noites e dias  
Salva os descendentes não só da miséria,  
Mas da morte nas grandes guerras,  
Busca um lugar tranquilo no Brasil  
para família viver.

Johann Karl Beckhäuser alemão de garra.  
Homem de fé, de esperança e coragem,  
Os 2.700 descendentes são orgulhos e  
Felizes pelo sonho sonhado e realizado no Brasil.

Homenagem - Bodas de Ouro

Adauto Beckhäuser e  
Dulcinéia Francisca Beckhäuser

50 Anos de União Matrimonial  
27/07/1968 à 27/07/2018

## Dedicatórias de Bodas de Ouro

Por: Adauto Beckhäuser

A cada ano que passa, nosso carinho cresce. As bodas de prata passaram e as de ouro, chegaram, mas nosso amor parece que é cada vez mais forte.

Sinto agora a necessidade de relembrar os caminhos de paz que percorremos juntos.

Onde o amor é plantado com carinho, as raízes crescem fortes e vigorosas, resistindo as maiores tempestades.

É o nosso caso.

Fomos jovens apaixonados e nossos momentos se tornaram inesquecíveis.

Com o tempo veio a paz, a serenidade deste amor maduro, que continua sendo baliza a assinalar, o caminho de nossas vidas rumo a felicidade eterna.

Nosso amor é muito grande.

Assim é o casamento de almas que verdadeiramente se encontram para construir um caminhar juntos.

A origem da palavra “bodas” vem do latim “votum”, que significa promessa.

Falo da promessa genuína de amar, compartilhar, respeitar, lutar, ser companheiro.

Após 50 anos de casados, sabemos que o amor é possível, que o círculo do infinito significa infinitamente perdoar, ceder, compartilhar, unir, amar...

É como nos diz tão bem Shakespeare, “o tempo é muito lento para os que esperam, muito rápido para os que têm medo, muito longo para os que lamentam, muito curto para os que festejam. Mas, para os que amam, o tempo é eterno.”

Dulcinéia, a delicadeza do amor nos ensinou a enfrentar com bravura as tempestades e a ter olhos sensíveis para o perfume que a vida nos traz a cada dia.

Te amo, amor da minha vida!!

Por: Dulcinéia Francisca Beckhäuser

Primeiro quero agradecer a Deus, pois colocou em meu caminho uma pessoa tão especial.

Adauto, nos conhecemos muito jovens e também casamentos jovens, apaixonados, com muitas experiências e desafios para enfrentar. Porém hoje sabemos o quanto é difícil manter esta união, mas não impossível!

Tanto que estamos hoje no mesmo lugar no qual nos casamos para celebrar os nossos cinquenta anos juntos.

Da nossa união tivemos quatro filhas, nossas princesas que tanto amamos, Annelize Beckhauser Mallon (in memorian), Lizeanne Beckhauser, Gabrielle Beckhauser Rodriguez e Dulcianne Beckhauser Bochart, além dos nossos netos Luiza Beckhauser Mallon, Fernanda Beckhauser Mallon, Helena Beckhauser Vbaldo, Arthur Beckhauser Bochart, Manuela Beckhauser Bochart, Isabella Beckhauser Bochart, Clara Rodriguez e Catarina Rodriguez.

Quero agradecer a todos os convidados, amigos e parentes presentes nesta cerimônia, por compartilhar esse momento em que estamos celebrando hoje e é resultado de 50 anos vividos juntos, nossa bodas de ouro.

Essa renovação de votos não é um segundo casamento, mas a certeza e a confirmação do que nos uniu pela primeira vez.

Não por termos a obrigação de confirmar, mas pela necessidade de compartilhar todo amor que cresce

e transborda. Pois temos uma família sólida que cresceu em nosso amor.

Então o sim dado a cinquenta anos atrás é repetido hoje nessa cerimônia com a troca das alianças.

Te amo.

Nossa história, em fotos



Adauto Beckhäuser, em frente à Catedral Metropolitana de Florianópolis, minutos antes do casamento, em 27 de julho de 1968.





Adauto Beckhäuser, em frente à Catedral Metropolitana de Florianópolis, minutos antes do casamento, em 27 de julho de 2018. Casamento de Bodas de Ouro.



Dulcinéia Francisca Beckhäuser, chegando com seu pai, Sr. Manoel Inocência Martins e irmã Maria Martins da Costa, para a cerimônia de casamento, em 27 de julho de 1968.



Adauto Beckhäuser e Dulcinéia Francisca Beckhäuser saindo da Catedral Metropolitana de Florianópolis, onde foi realizada a missa de Bodas de Ouro, em 27 de julho de 2018.



Adauto Beckhäuser e Dulcinéia Francisca Beckhäuser, na hora do “sim”, na Catedral Metropolitana de Florianópolis, em 27 de julho de 1968.



Adauto Beckhäuser e Dulcinéia Francisca Beckhäuser, na hora do “sim”, na Catedral Metropolitana de Florianópolis, em 27 de julho de 2018. Comemoração das Bodas de Ouro.



Os recém-casados no ato do corte do bolo, em 27 de julho de 1968.



Corte do Bolo, nas comemorações das Bodas de Ouro, em 27 de julho de 2018.



Da esquerda para a direita: Maria Vieira Beckhäuser (mãe de Adauto), Adauto Beckhäuser com a sobrinha Ruti Fidelis, Dulcinéia Francisca Beckhäuser

e seus pais, Sr. Manoel Inocêncio Martins e sua mãe Albertina Francisca Martins.



Adauto Beckhäuser e Dulcinéia Francisca Beckhäuser, em 27 de julho de 1968, na Catedral Metropolitana de Florianópolis.



Adauto Beckhäuser e Dulcinéia Francisca Beckhäuser, em 27 de julho de 2018. Comemorando as Bodas de Ouro na Catedral Metropolitana de Florianópolis.



Adauto Beckhäuser e Dulcinéia Francisca Beckhäuser, com a filha Dulcianne e netos, em julho de 2018, na Catedral Metropolitana de Florianópolis.



Adauto Beckhäuser e Dulcinéia Francisca Beckhäuser (centro) com as filhas, genros e netos, em 2018.



Annelize Beckhäuser Mallon, filha de Aduino Beckhäuser e Dulcinéia Francisca Beckhäuser. Partiu em 2013.

## **Síntese Biográfica de Aduino Beckhäuser**

Nome: Aduino Beckhäuser

Data Nascimento: 29 de julho de 1944

Filiação: Gabriel Carlos Beckhäuser e  
Maria Vieira Beckhäuser

Naturalidade: Tubarão-SC

Nacionalidade: Brasileiro

Profissão: Advogado militante desde 1975.

Funções exercidas:

- Professor Adjunto IV aposentado pela Universidade Federal de Santa Catarina.
- Professor Universitário do Curso de Pedagogia de Joinville, na Associação Catarinense de Ensino.
- Professor Universitário da UNISUL.



- Diretor de Escola Secundária da Rede Estadual.
- Professor da rede estadual e particular de Ensino Médio.
- Atualmente presta Assessoria Jurídica para grandes Empresas da Capital e de todo o Estado de Santa Catarina, desde o ano de 1975 até a presente data. Atuante nos Tribunais de 1º e 2º grau, na esfera Federal e Estadual.
- Presidente da AFABE – Associação da Família Beckhäuser no Brasil (2001 à outubro/2017)
- Foi Presidente da Academia de Letras de Biguaçu (2010 – 2017)
- Membro efetivo do Instituto dos Advogados de Santa Catarina.
- Presidente da Federação das Academias de Letras e Artes de Santa Catarina – **FALASC** (2017 até a presente data)

#### Formação – Graduação Superior:

- Filosofia pela UFSC, Florianópolis-SC
- Pedagogia pela FUMBA, Bagé-RS
- Direito pela UFSC, Florianópolis-SC

#### Pós-Graduação - Especialização:

- Mestrado em Direito Tributário pela Universidade Federal de Santa Catarina.
- Tecnologia Educacional pela Universidade Federal de Santa Catarina.
- Cours de Langue Française Heures – Université Catholique de Belgique – Institut des Langues Vivante – Belgique (Bélgica).



#### Curso CAPES:

- Português, registro de professor de 1º e 2º grau.
- Desenho, registro de professor de 1º e 2º grau.

#### Doutorado:

- Doutorando “Doctorat spécial em Droit, Faculté de Droit – Université Catholique de Louvain-la-Neuve – Belgique”.
- Doutorando em Direito pela Universidade do Museu de Buenos Aires - Argentina, em convênio com a UNISUL.

#### Trabalhos realizados:

- Dissertação de Mestrado: Sistema Jurídico Estatutário X Consolidação das Leis do Trabalho.
- Tese: Le Regime Juridique de Fonctionnaire Publique Bresilien e Belgique (Etude Comparative du Statut Juridique du Fonctionnaire Public Dans le Droit Bresilien et Dans le Droit Belge).
- Tese: A Prova no Direito Civil Brasileiro.
- Publicação Livro: História da Família Beckhäuser no Brasil.
- Publicação Livro: Sonho, Sonhado e Realizado. (Em português e Alemão).
- 1862, A Saga da Família Beckhäuser no Brasil, desde a vida de Johann Karl Beckhäuser. (Lançamento previsto para o mês de setembro).
- O Auto da Imigração Alemã - Em português e Alemão. (Lançamento previsto para o mês de setembro).
- Músico
- Escritor
- Poeta

## DULCINÉIA FRANCISCA BECKHÄUSER

### Cadeira nº 33



### Um pouco mais sobre mim e minha família

Dulcinéia Francisca Beckhäuser, filha de Albertina e Manoel Inocêncio Martins, nascida em Florianópolis /SC Brasil no dia onze de agosto de 1947. De uma família de sete irmãos, sendo cinco mulheres e dois homens. Sendo a caçula das mulheres. Um dos irmãos faleceu aos trinta anos e o mais novo possui hoje sessenta e três anos. Duas irmãs já faleceram, restando ainda quatro.

Em 1964, aos 16 anos quando cursava o secundário encontra em seu caminho um professor de Português

com 19 anos de idade. Aauto e eu casamos e estamos juntos há 50 anos, completado em 27 de julho.

Desta união nasceram quatro lindas, belas, carinhosas e inteligentes filhas: Annelize (in memorian), Lizeanne, Gabrielle e Dulcianne.

Os netos: Luiza e Fernanda, filhas de Annelize. Helena, filha de Lizeanne. Arthur, Isabella e Manuella, filhos de Dulcianne. Todos lindos e inteligentes.

Atualmente, acadêmica da Academia de Letras de Biguaçu, ocupando a cadeira numero 33, sendo patrono o Prof. Osvaldo Rodrigues Cabral.

Além de ser artista plástica com muitas obras feitas, servindo inclusive como capa em duas obras: uma da Academia e outro do Aauto Beckhauser.

Pessoa simples gostando de estar junto com a família. Família esta construída com meu esposo Aauto, pessoa linda por dentro e por fora de um grande coração, cheio de carinho, amor e sinceridade.

Terminando dizendo que acima de tudo sou simplesmente mulher. E amo a todos que fazem parte de minha existência.

*Dulcineia Francisca Beckhäuser*

## Galeria de Fotos



Adauto Beckhäuser e esposa Dulcinéia Francisca Beckhäuser, em viagem a Alemanha, em dezembro de 2016.



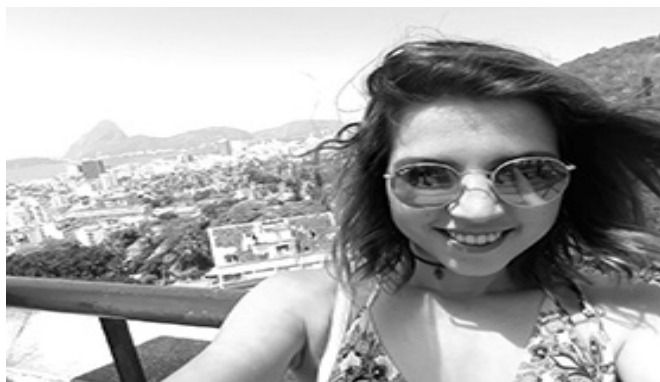
Entre minhas filhas, todas advogadas: Lizeanne, Dulcianne, Annelize (in memorian), Dulcinéia e Gabrielle.



Com a família. Foto: Adauto Beckhäuser.



Neta: Advogada, Luiza Beckhäuser Mallon.



Neta: Fernanda Beckhäuser Mallon.  
Estudante de Engenharia Civil (UFSC).



Netos: Helena Beckhäuser Ubaldo e  
Arthur Beckhäuser Borchardt.



Netas: Manuella Beckhäuser Borchardt e Isabella Beckhäuser Borchardt.



Minha filha Advogada, Gabrielle Beckhäuser Rodriguez com o esposo Alfredo Rodriguez e suas enteadas, Catarina e Clara.



## Trabalhos recentes, realizados como artista plástica







## **Síntese Biográfica de Dulcineia Francisca Beckhäuser**

Data Nascimento: 11 de agosto de 1947

Filiação: Manoel Inocêncio Martins e Albertina  
Francisca Martins

Estado Civil: Casada

Naturalidade: Florianópolis-SC

Nacionalidade: Brasileira

Profissão: Professora

**Funções Exercidas:**

- Gerente de Tecnologias Educacionais no período de 1995 a 1988.
- Diretora de Tecnologia Educacional
- Gerente de Pesquisa e inovação da Diretoria do Ensino Superior. Gerente do Ensino Superior.
- Secretária da Associação da Praia Brava (período 2000 a 2002).
- Secretária do PMDB / mulher Florianópolis
- Presidente do PMDB / mulher Florianópolis (durante 3 mandatos)
- Secretária do PMDB / mulher – Estadual (durante 2 mandatos)
- Delegada do mesmo partido PMDB (durante 6 mandatos)
- Presidente do Conselho de Segurança nas seguintes localidades: Jardim Santa Mônica - Parque São Jorge - Córrego Grande - Jardim Anchieta – Pantanal – Trindade.
- Diretora do Colégio Estadual Lauro Muller (cargo eletivo) em 1985.
- Reeleita Diretora do Colégio acima citado em 1990 com 99% da votação.
- Atualmente desenvolve Trabalho Voluntário na Comunidade – Instituto Lagoa Social – Idosos Jardim Santa Mônica – Diretora Social e Comunitária do Conselho de Segurança.
- Atualmente exerce da função de Secretária do Jardim Santa Mônica e membro do Conselho Diretor do mesmo.

**Formação - Magistério:**

- Licenciada em Letras: Português, Literatura Portuguesa e Brasileira, Francês, Literatura Francesa.

**Curso de Especialização:**

- Comunicação e Expressão Português Francês – UFSC.
- Mestrado em Metodologia do Ensino na Bélgica – 1983 a 1985.
- Cours de Langue Française Heures – Université Catholique de Belgique – Institut des Langues Vivantes – Belgique (Bélgica).
- Lecionou 18 anos Francês – Português, 1º e 2º Grau.
- Literatura Francesa e Portuguesa.
- Coursou Escola de Governo e Cidadania durante um ano – Total de horas aulas e trabalhos com defesa, 148hs, 2003.

**Cursos de formação continuado:**

- Seminário Estadual sobre Segurança Pública – julho 2003.
- Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina.
- Tecnologias Educacionais.
- Curso de Gestão Educacional e Gerencial.
- Curso Qualidade Total na Educação.
- Artista Plástica



## ACADEMIA DE LETRAS DE BIGUAÇU – ALBIG

### SAUDAÇÃO AOS ACADÊMICOS MIRINS

Com grande alegria e muita esperança, saudemos a chegada dos Acadêmicos Mirins de Biguaçu. Que a publicação da primeira produção literária dessas crianças sirva de estímulo para que continuem lendo e escrevendo para, quem sabe, se tornarem grandes escritores.

As crônicas ou poesias publicadas a seguir resultam de um Concurso Literário aplicado aos alunos de primeiro grau das escolas do Município de Biguaçu. A ordem de publicação foi definida por sorteio. Os autores passam a integrar a Academia de Letras Mirim de Biguaçu e tomam posse em setembro.

Com o apoio e as sugestões de todos os integrantes da Academia de Letras de Biguaçu, pretendemos desenvolver com essas crianças atividades ligadas à arte da escrita, a começar pelas escolas a que pertencem.

A primeira tarefa a ser desenvolvida por essas crianças será a de mostrar aos seus colegas de classe os textos publicados neste livro, estimulando os demais alunos a praticarem a leitura e a escrita. Espera-se que essa iniciativa sirva de estímulo para toda a comunidade escolar.

Estamos todos muito felizes pela oportunidade de participar dessa iniciativa e saudamos de forma carinhosa os nossos Acadêmicos Mirins.

Uma boa leitura a todos.



**CONCURSO LITERÁRIO:  
“BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”**

**ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL  
PROFESSOR DONATO ALÍPIO DE CAMPOS**  
DIRETORA: Filomena Padoan  
PROFESSORA: Iara de Oliveira  
ALUNO: João Alexandre – Turma 8º III

**Biguaçu dos meus sonhos**

A Biguaçu dos meus sonhos  
É uma Biguaçu sem corrupção  
Sem desmatamento  
E com mais educação

A cidade dos meus sonhos  
É uma cidade sem opressão  
Uma cidade limpa  
Sem poluição

Eu quero que na minha cidade  
Tenha mais segurança e menos ladrão  
E que o atendimento em posto de saúde  
Seja mais rapidão

E para acabar esse poema irado  
Meu nome é João  
E eu falo  
Do bairro Prado

## CONCURSO LITERÁRIO: “BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”

**ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL**  
**PROFESSOR DONATO ALÍPIO DE CAMPOS**  
DIRETORA: Filomena Padoan  
PROFESSORA: Eloara Tomazoni  
ALUNA: Rainara Pereira de Oliveira – Turma 7º I

### **Biguaçu dos meus sonhos**

Biguaçu, inspiração!  
Gente bonita de montão  
E do município, o que falar?  
Nas rimas, eu vou demonstrar  
Carinho de verdade por esse lugar.

O chafariz na praça  
Mostra a pureza das nossas águas  
E o encanto da natureza  
Que nos proporciona muitas belezas.

Apesar de melhorar devagar  
Devemos tomar uma decisão  
Seremos mais humildes de coração  
Biguaçu é meu refúgio  
Nisso, eu me incluo.

Vamos ser mais verdadeiros e não corruptos  
Biguaçu é um município legal  
É um município fundamental



E o que falar da Academia de Letras?  
Basta um papel e uma caneta  
Para escrever o que quiser  
Principalmente, a Biguaçu que a gente quer.

APAE? Vamos lá!  
Os deficientes respeitar  
Respeitando podemos ser melhores  
E provar que não haverá dias piores  
Na educação, tem que investir  
Não desistir de estudar, pois o futuro já está lá.

Agora, preste atenção!  
Devemos sempre ser pessoas boas de coração  
Pois a Biguaçu dos nossos planos  
Depende do que plantamos.



**CONCURSO LITERÁRIO:  
“BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”**

**ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL  
PROFESSOR DONATO ALÍPIO DE CAMPOS**

DIRETORA: Filomena Padoan

PROFESSORA: Iara de Oliveira

ALUNA: Caroline Joaquim – Turma 8º II

**Biguaçu dos meus sonhos**

Biguaçu dos meus sonhos é  
Um lugar sem violência  
Um lugar mais tranquilo  
E bom para nossa convivência.

Biguaçu dos meus sonhos é  
Um lugar com uma melhor educação  
Com pessoas mais atenciosas  
E com mais dedicação

Biguaçu dos meus sonhos é  
Lugar onde haja igualdade  
Sem preconceito  
E para isso precisamos apenas da nossa vontade

Biguaçu dos meus sonhos é  
Um lugar bom para morar  
Com muitos lugares magníficos  
Para que várias pessoas queiram visitar

Biguaçu dos meus sonhos é  
As praias com menos poluição  
Onde eu possa tomar banho sem me preocupar  
Pois eu quero mesmo é diversão.



## CONCURSO LITERÁRIO: “BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”

**ESCOLA DE ENSINO BÁSICO**  
**PROFESSOR JOSÉ BRASILÍCIO**

DIRETORA: Grasiela Monteiro Epping

PROFESSOR: Ronie Peterson Benardi

ALUNO: Guilherme Otávio Lemes Gonçalves – Turma  
6º Ano

### **Biguaçu dos meus sonhos**

Na praça de Biguaçu, havia uma árvore que sempre pensava em tudo e desejava que todas as pessoas se amassem e fossem amigas. Observando a praça, ela percebeu que muita gente sujava o chão como se fosse nada. Ela também percebeu que aconteciam muitas brigas por lá, tanto de moradores de rua, quanto de pessoas que por ali passavam. A árvore também notou que muitas estavam tristes, algumas por não terem sido atendidas no hospital da região, outras por não ter médicos suficientes nos postos e o atendimento ser muito demorado.

A árvore queria que as pessoas fossem tratadas igualmente e que a prefeitura investisse mais em saúde, construísse mais postos, escolas e creches, para que todos não tenham que passar horas na fila para receber atendimento.

Ela também queria que tudo fosse como antigamente, mais calmo, e que as pessoas fossem mais amigas, se respeitassem mais, dessem comida para quem precisa, recebessem um salário digno para sustentar suas famílias e fossem mais educadas com os mais velhos.

A árvore da praça de Biguaçu espera que tudo isso aconteça. Por mais que todas as suas folhas caiam, ou sequem, ela vai esperar. Sonhará sempre, até que morra.



## CONCURSO LITERÁRIO: “BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”

**ESCOLA DE ENSINO BÁSICO PROFESSOR  
JOSÉ BRASILÍCIO**

DIRETORA: Grasiela Monteiro Epping

PROFESSOR: Ronie Peterson Benardi

ALUNO: Manuela Cabral – Turma 9o Ano

### **Em meio a pensamentos**

Estou aqui há anos, vi esta cidade mudar e crescer passei por diversas mudanças e continuo sendo um marco no centro da cidade. Meu sino toca avisando que a missa vai começar.

Fico feliz quando vejo pessoas com sorrisos estampados no rosto, crianças brincando no parquinho, pedindo para seus pais comprarem pipoca na barraquinha do Seu Nunes. Esta cidade está tão limpa. Lembro-me que, há anos, todos passavam e nem ligavam para a praça. Todos andavam emburrados, sem dar um sorriso e muito menos um “bom dia”, ainda bem que mudaram e passaram a ser mais educados.

Esta cidade ultimamente está tão mudada, minhas crianças cresceram e hoje estão solteiras, casadas ou namorando. Lembro-me do tempo em que elas corriam dentro de mim enquanto seus pais estavam orando. Hoje elas são a revolução, conseguiram mudar tantas coisas, acabaram com o desemprego e conseguiram amenizar.

De repente saio de meus pensamentos ao ouvir gritos. Abro meus olhos e me deparo com uma briga acontecendo na praça. Logo me pergunto, antes de me perder novamente em meus pensamentos, por que esta cidade não é que nem a de minha imaginação.

## CONCURSO LITERÁRIO: “BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”

**ESCOLA DE ENSINO BÁSICO**  
**PROFESSOR JOSÉ BRASILÍCIO**

DIRETORA: Grasiela Monteiro Epping

PROFESSOR: Ronie Peterson Benardi

ALUNO: Wélliton de Souza – Turma 9o Ano

### **A linda cidade**

Há muito tempo, vejo pessoas passando nesta praça. Vi aquelas árvores serem plantadas, aquelas residências serem construídas e muitos eventos acontecerem ao meu redor.

Há anos, eu mostro para as pessoas a origem de nossa pequena cidade, apresentando a eles o nosso aqueduto, que, por muito tempo, serviu para nos trazer água.

Anos atrás, as pessoas me notavam mais, me observavam com admiração. Elas paravam no centro da praça para as crianças brincarem, algumas até tinham vontade de nadar em mim. Hoje em dia, nada disso acontece.

A cidade que eu sempre quis é uma cidade onde as pessoas parem e admirem os edifícios culturais, como a Matriz, o casarão Born e o fórum. Quero uma cidade limpa, segura, com um rio com águas cristalinas, onde as pessoas possam nadar e pescar peixes limpos e saudáveis.

Bem, essa é a cidade que eu quero. Qual é a sua?

## CONCURSO LITERÁRIO: “BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”

**COLÉGIO SUPER INCENTIVO**

DIRETORA: Marinete F. Vieira Silva

PROFESSORA: Juliana Flor

ALUNA: Beatriz Pereira Martendal – 8º Ano

### **Biguaçu dos meus sonhos**

É um dia feliz. A luz do sol acha seu caminho entre as folhas das árvores, iluminando tanto minha pele como minha mente, como uma pequena chama que aquece lentamente a minha alma, aconchegante. Esta cidade me faz sentir assim.

Biguaçu é terra de mudança. Onde os antes moradores de rua agora se aconchegam no conforto de suas casas, os que antes estavam apreensivos agora riem sem preocupação alguma e os que antes estavam tristes agora carregam sorrisos brilhantes em suas faces.

Biguaçu é terra de refúgio. Um lar de portas sempre abertas. Onde, há muito tempo, os imigrantes chegaram em busca de uma vida nova, uma vida melhor.

Biguaçu é terra de igualdade. Onde todos são bem-vindos, independentemente de suas diferenças e similaridades. Onde há respeito entre o homem e a natureza e entre os próprios homens.

Às vezes me pergunto se isso não passa de um sonho, daqueles que aparecem em momentos de dificuldade, mantendo a esperança viva.



Se isso for de fato um sonho, só sei que não quero acordar nunca mais, pois o que tenho a minha frente é uma terra de contos de fada.



## CONCURSO LITERÁRIO: “BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”

### COLÉGIO SUPER INCENTIVO

DIRETORA: Marinete F. Vieira Silva

PROFESSORA: Juliana Flor

ALUNA: Vanessa Nau e Fraga – 9º Ano

### **Biguaçu dos meus sonhos**

Biguaçu é muito lindo  
Cidade do meu coração  
Mas peço às autoridades  
Por mais saúde e educação

Que olhem com carinho  
E deem dignidade  
Ao pequeno agricultor  
Que é um cidadão tão sofrido  
E muito trabalhador.  
E que haja fiscalização  
Pro dinheiro não faltar  
Pois toda obra começada  
Tem que terminar

E quanto a nós  
Crianças, jovens e adolescentes,  
Prometemos fazer nossa parte  
Cuidando da natureza,  
Respeitando o semelhante  
Transformando Biguaçu  
Na mais bela obra de arte.

## CONCURSO LITERÁRIO: “BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”

**COLÉGIO SUPER INCENTIVO**

DIRETORA: Marinete F. Vieira Silva

PROFESSORA: Juliana Flor

ALUNA: Júlia Anderson Rodrigues – 8º Ano

### **Biguaçu dos meus sonhos**

Biguaçu, és uma grande cidade  
Repleta de variadas personalidades  
Cheia de diversidades culturais e religiosas  
Valorizada e abençoada

Rodeada pela natureza  
Vemos assim, sua beleza  
Entre o verde das matas  
E o azul do mar

Suas praças reúnem assim  
Famíliares e amigos sem fim  
Que vêm trazendo consigo  
O sonho de tornarem melhor

Mostrando ser uma cidade  
Que deseja e de fato faz  
O bem para a sociedade.  
És Biguaçu dos meus sonhos.

**CONCURSO LITERÁRIO:  
“BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”**

**ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL  
FERNANDO BRUGGEMANN VIEGAS DE AMORIM**

**DIRETORA:** Safira Siqueira

**PROFESSORA:** Goreti Teixeira da Costa Amorim

**ALUNO:** Erick Correa – Turma 83

**Biguaçu dos meus sonhos**

Biguaçu de praias lindas  
E de bela pescaria  
Chegou a safra da tainha  
Vou correndo pra prainha

Chegou à safra do pinhão  
Vou correndo pro fogão  
E nessa correria  
Vou ler o dia a dia

A cidade da beleza  
E com boa natureza  
Muito bem reservada  
E muito mais bem cuidada

E pra chegar no final  
De falar dessa cidade  
Agradeço a Deus  
Por falar essas verdades.



## **CONCURSO LITERÁRIO: “BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”**

**ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL  
FERNANDO BRUGGEMANN VIEGAS DE AMORIM**  
DIRETORA: Safira Siqueira  
PROFESSORA: Goreti Teixeira da Costa Amorim  
ALUNA: Letícia Prim – Turma 83

### **Biguaçu dos meus sonhos**

Biguaçu, uma cidade tão bela, com uma cultura diversificada, através dela vieram muitos benefícios para nossa cidade.

Mistura de povos com ideias diferentes, línguas diferentes, mas isso não foi obstáculo para uma formação de povos acolhedores e harmoniosos.

Nos dias de hoje as culturas trazidas pelos nossos ancestrais continuam com o passar do tempo. Muitas coisas refletem nos dias atuais contribuindo para novas gerações.

Essas gerações procuram regar no dia a dia das pessoas conceitos gerados por uma educação de respeito, que agrega valores humanos e assim pode construir uma cidade humanizada.

Esse é o Biguaçu que eu vejo!

**CONCURSO LITERÁRIO:  
“BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”**

**ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL  
FERNANDO BRUGGEMANN VIEGAS DE AMORIM**  
DIRETORA: Safira Siqueira  
PROFESSORA: Goreti Teixeira da Costa Amorim  
ALUNAS: Loise B. de Andrade e Maria Eduarda R. de  
Oliveira – Turma 73

**Biguaçu dos meus sonhos**

Biguaçu, cidade catarinense  
Com um brilho resplandecente  
Que valoriza o verde e o azul  
Que cresce de norte a sul

Com um povo simples e bondoso  
Tornando Biguaçu ainda mais maravilhoso

Educação de qualidade  
Dando aos alunos oportunidade  
Para serem cidadãos de verdade

Com nossas praias e cachoeiras  
Valorizando cada vez mais nossa natureza

Biguaçu, cidade de pessoas fortes  
Que valoriza a cultura, agricultura e o esporte

Biguaçu dos meus sonhos é assim  
E que continue desse jeito até o fim...

## CONCURSO LITERÁRIO: “BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”

### COLÉGIO EDUCAR

DIRETOR: Luiz Anderson dos Reis

PROFESSORA: Mari Terezinha Roza

ALUNO: Lucas Sodré de Oliveira – Turma 9º II

### **Biguaçu dos meus sonhos**

A quem interessar possa.  
Venho até aqui de forma inédita.  
Para apresentar minha opinião.  
Na forma mais poética.

Na cidade onde eu moro.  
Que todos tenham seu direito.  
Um lugar com mais limpeza.  
Quero Biguaçu bem desse jeito.

Que também tenha mais segurança.  
Conforto, justiça e riqueza.  
Uma cidade onde reine a confiança.

Torcemos que haja bondade.  
Guarde isso como promessa.  
Para que melhore nossa cidade.



**CONCURSO LITERÁRIO:  
“BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”**

**COLÉGIO EDUCAR**

DIRETOR: Luiz Anderson dos Reis

PROFESSORA: Aline Bub Cabral Denardi

ALUNO: Marcello Sampaio da Silva – Turma 9º I

**Biguaçu dos meus sonhos**

Sonho com uma cidade boa  
Com o dinheiro pago para impostos  
Não sendo gasto à toa  
Onde crianças possam andar na rua  
E a sociedade de medo não se corroa.

Sonho com a diminuição da criminalidade  
Pela segurança do povo biguaçuense  
Espero que não haja mais barbaridade  
Sem mais roubos ou outros crimes  
Onde tudo é feito com legalidade.

Eu sonho com essa cidade  
Pacífica e sem inflações severas  
A qual será governada com bondade  
Cujas eleições sejam feitas sem peso na consciência  
E que melhore nossa acessibilidade.



**CONCURSO LITERÁRIO:  
“BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”**

**COLÉGIO EDUCAR**

DIRETOR: Luiz Anderson dos Reis

PROFESSORA: Aline Bub Cabral Denardi

ALUNA: Ana Cláudia Vieira Andrade – Turma 9º I

**Biguaçu dos meus sonhos**

O que eu quero para essa cidade  
É um espaço para artes  
Um cinema de verdade  
Com filmes para todas as idades.

Também quero um rio límpido  
Porque esse não dá mais  
Já esta contaminado  
E quem sofre são os animais.

Não esqueça o respeito  
Para não criar uma confusão  
E para isso ser feito  
Aperte minha mão.

Por fim, temos melhoras  
Educacionais e sociais  
E não podemos pará-las  
Tornando-as mudanças reais.

**CONCURSO LITERÁRIO:  
“BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”**

**ESCOLA DE ENSINO BÁSICO PROFESSORA  
TANIA MARA FARIAS E SILVA LOCKS**

**DIRETORA:** Héliida Cirlei Piazza Carvalho

**PROFESSOR:** João Maria da Costa

**ALUNA:** Bianca Sá Stefanês – Turma 901

**Passado e presentes, juntos**

Eu aqui. Você acolá.

Estudando e observando

Esta mudança,

Biguaçu que avança.

A construção de monumentos,

Os museus abrindo-se,

O passo apressado das pessoas.

Pensando o quanto

Tantas pessoas trabalharam para isso?

E o que podemos fazer para manter isso a diante.

E assim ficamos, eu aqui e você acolá.

Com uma grande pergunta pairando em nossa  
mente:

Como podemos continuar?

Mas sei que vamos achar um jeito para continuar.

Sem desistir, unindo o passado e o presente.

**CONCURSO LITERÁRIO:  
“BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”**

**ESCOLA DE ENSINO BÁSICO PROFESSORA  
TANIA MARA FARIAS E SILVA LOCKS**

**DIRETORA:** Héliida Cirlei Piazza Carvalho

**PROFESSOR:** Ernesto Douglas de Sousa Nichels

**ALUNA:** Lívia Nunes Albuquerque – Turma 601

**Biguaçu dos meus sonhos**

Manezinho de nascença e biguaçuense de coração  
Cidade de povo alegre que batalha de montão  
Aprendi a amar você minha Biguaçu querida  
Com mais de 185 anos você é minha paixão

Povo feliz e alegre e natureza exuberante  
Com praias e parques lindos  
Você foi a escolhida  
Para viver com minha família  
Por toda minha vida

Que não tenha lixo no chão  
E brinquedos de montão  
Com gasolina barata  
Para todo o mundão

As praias mais limpas  
E lugares menos poluídos  
Computadores nas escolas  
E merenda para todos.



## CONCURSO LITERÁRIO: “BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”

**ESCOLA DE ENSINO BÁSICO PROFESSORA  
TANIA MARA FARIAS E SILVA LOCKS**

DIRETORA: Héli da Cirlei Piazza Carvalho

PROFESSOR: Ernesto Douglas de Sousa Nichels

ALUNA: Maria Clara I. Kieling – Turma 602

### **Biguaçu dos meus sonhos**

A Biguaçu dos meus sonhos é um lugar onde todos tenham direitos iguais, onde qualquer tipo de cor, raça, gênero ou sexualidade, tenha respeito.

A Biguaçu dos meus sonhos é uma cidade que todos tenham direitos iguais, tanto para os homens, quanto para as mulheres, uma Biguaçu seria melhor se qualquer indivíduo pudesse ser o que quiser, sem ser julgado pela sociedade, queria que acabasse o machismo, o bullying, a homofobia, etc...

Biguaçu seria um lugar melhor se os negros não sofressem tanto racismo.

Biguaçu seria melhor se nas escolas não existisse bullying, pois muitos jovens se matam, se automutilam por decorrência do Bullying.

Minha Biguaçu dos sonhos seria assim, com respeito.

**CONCURSO LITERÁRIO:  
“BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”**

**ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL  
PROFESSOR MANOEL ROLDÃO DAS NEVES**

DIRETORA: Karine Alba Machado Lopes

PROFESSOR: Jackson Gil Ávila

ALUNA: Mayara Siqueira Machado – Turma 92

**Minha Biguaçu**

Ó, Biguaçu  
Quão bela és tu!  
Cidade cheia de alegria  
Qualquer um que aqui chega  
Se contagia.

Ó, Biguaçu  
Cidade querida  
E amada por todos.

Ó, Biguaçu  
Cidade onde os pássaros cantam  
Com alegria  
E a população, sempre de bem  
Noite e dia!

Ó, Biguaçu  
Cidade dos sonhos de  
Qualquer um!  
Cidade dos meus sonhos!





**CONCURSO LITERÁRIO:  
“BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”**

**ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL  
PROFESSOR MANOEL ROLDÃO DAS NEVES**

**DIRETORA:** Karine Alba Machado Lopes

**PROFESSOR:** Jackson Gil Ávila

**ALUNO:** Ruan Nilton de Campos – Turma 92

**Quando vejo meu futuro em Biguaçu**

Biguaçu

Quando eu olho pro futuro

Vejo muitas árvores

Pessoas com o coração puro

A razão do meu viver

É ver o sol nascer

Em pleno paraíso

Biguaçu em um sorriso

Embaixo do sol e de seu brilho

Biguaçu, você é irresistível

Pois nos permite olhar

As estrelas de um luar

Brilhar e virar inesquecível

Não irei te abandonar

Com garras irei te defender

Do começo ao fim do meu viver

Até o futuro chegar.

**CONCURSO LITERÁRIO:  
“BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”**

**ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL  
PROFESSOR MANOEL ROLDÃO DAS NEVES**

DIRETORA: Karine Alba Machado Lopes

PROFESSOR: Jackson Gil Ávila

ALUNA: Isabela Bernadete Rosa – Turma 92

**Biguaçu que sempre sonhei**

Me diz se você também não queria  
Um Biguaçu com melhorias  
Onde o povo sorria  
Em paz e harmonia  
Com um simples “Bom dia!”

Com melhores escolas para aprender  
Mais espaços onde eu possa ler  
Com hospitais, onde o médico irá me atender  
E que depois do entardecer  
Eu não tenha medo de perder  
Tudo o que até agora pude conquistar.

Biguaçu, com essas paisagens  
Lindas de inspirar  
Onde eu possa sonhar e realizar  
Tudo o que sonhei.

Biguaçu, o lugar que eu quero conquistar.

## CONCURSO LITERÁRIO: “BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”

**ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL  
TEOFILO TEODORO RÉGIS**

DIRETORA: Meirene Maria de Campos

PROFESSORA: Viviane Quenupe

ALUNA: Maria Eduarda de Moraes Cardoso – Turma 7º

Ano

### **Biguaçu dos meus sonhos**

Tem pessoas que se acham melhores  
Acham que tem mais direito  
Julgam e falam o que querem  
Sem o mínimo de respeito

Devemos pensar sobre isso  
Quantas vezes temos que falar  
Tenho certeza te digo  
Um dia isso vai mudar

Sempre falava com Deus  
O que vai ser da humanidade?  
Algumas pessoas no mundo  
Não tem responsabilidades  
Será que um dia esse povo  
Vai ter mais humanidade?

É isso que eu quero  
Tudo que eu proponho  
Que as pessoas não tenham preconceito  
“No Biguaçu dos meus sonhos”



## CONCURSO LITERÁRIO: “BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”

**ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL  
TEOFILO TEODORO RÉGIS**

DIRETORA: Meirene Maria de Campos

PROFESSORA: Viviane Quenupe

ALUNA: Emanuely Moraes – Turma 8º Ano

### **Biguaçu dos meus sonhos**

Em um lugar de terras tão bonitas  
De paz e tranquilidade  
O sonho de uma menina  
Que só quer a igualdade

Educação e saúde  
É o que espero e procuro  
Um povo cheio de humildade  
Que vive no presente olhando para o futuro

Eu amo Biguaçu  
Adoro minha comunidade  
Um ambiente agradável  
Com muita simplicidade  
De gente guerreira  
Que em seus corações carregam bondade

Pequenos desejos  
Nas mãos de Deus eu ponho  
Fé, prosperidade e esperança  
No Biguaçu dos meus sonhos

## CONCURSO LITERÁRIO: “BIGUAÇU DOS MEUS SONHOS”

**ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL  
TEOFILO TEODORO RÉGIS**

DIRETORA: Meirene Maria de Campos

PROFESSORA: Viviane Quenupe

ALUNA: Lívia Juliana Feltz – Turma 9º Ano

### **Biguaçu dos meus sonhos**

Biguaçu dos meus sonhos  
É uma cidade com mais respeito  
Que as pessoas olhem para os outros  
E não tenham preconceito

É um Biguaçu sem machismo ou feminismo  
Que todos entendam que somos iguais  
E que saibam que o feminismo  
É aprender a não ter diferenças

Biguaçu dos meus sonhos  
É uma cidade sem imprudência  
Pois até o menor ato de corrupção  
Pode gerar violência

É uma cidade onde predomina  
Amor, solidariedade, paz e união  
Que eu possa bater no peito e dizer  
“Sou Biguaçuense de coração”

E para o que eu disse se tornar realidade  
Precisamos começar pela gente  
Porque são das pequenas ações  
Que teremos uma cidade mais decente









